

ARTE URBANO

TRUÇOS DE LIBERDADE E EXPRESSÃO

JULIANO CAVALCANTE



ARTE URBANA

TRAÇOS DE LIBERDADE E EXPRESSÃO

JULIANO CAVALCANTE

AUTOR
Juliano Cavalcante

CAPA
Alex Katira

DIAGRAMAÇÃO
Vinicius Rocha

EDIÇÃO
Maria Carolina Giliolli Goos
Juliano Cavalcante

SUMÁRIO

Introdução 5

Capítulo 1

Traços abstratos e a sua popularização através do acesso 8

Capítulo 2

Traços de colagem e revolução 38

Capítulo 3

Traços de um grafite educativo 66

Capítulo 4

Traços de um manifesto cultural 88

Introdução

O significado de arte urbana não poderia ser mais literal à aplicação dos conceitos de contemporaneidade, uma atividade coexistente aos espaços públicos e que divide momentos distintos no cotidiano de um indivíduo. Grande parte dessas manifestações artísticas conversam diretamente com a transição social lideradas pelas últimas duas gerações humanas que incitam a ruptura de conceitos e ideais concomitantes à formação civilizatória de seus pais e avós.

Transições que marcam o início do século XXI e indicam um novo padrão normativo responsável por reger às sociedades. O desenvolvimento de políticas progressistas e a coordenação de atividades técnicas regidas pelas novas tecnologias, cada vez mais autônomas, indicam um novo parâmetro para ilustrar a educação, saúde, cultura e economia pública e privada.

Categorizar tal arte como atividade cultural era inimaginável há 50 anos atrás. Uma tendência emergente a partir que a população e as instâncias de poder passaram à vislumbra-la como um nicho de potencial arrecadação financeira para as cidades, primordialmente através do turismo e da revitalização dos espaços. Tornando o ambiente externo das cercanias mais convidativo e agradável para frequentar, movimentando comércios e potencializando às estratégias de mobilidade.

O real valor das obras expostas nas galerias a céu aberto ainda é discutido, até mesmo o título de galeria a céu aberto não é um consenso. Para um produto ser efetivamente considerado uma arte, é preciso que ele seja legitimado por uma boa parcela de observadores, algo historicamente divulgado em ambientes privados e para um grupo restrito de pessoas. Os grafites e os murais ilustrativos vieram para ampliar o acesso ao exercício cultural, adquirindo o reconhecimento dos povos e também dos órgãos governamentais.

Com essas aprovações o carimbo de galeria a céu aberto se torna legítimo, pois o alto teor de realizações artísticas ao longo dos grandes centros abarca uma coletânea dentro das respectivas áreas. Uma conquista advinda das árduas batalhas enfrentadas pelos artistas das cercanias, superando a criminalização do movimento que por muito tempo foi considerado ilícito, ainda compreendido por alguns como um ato impuro. Assim como a falta de incentivo moral e econômico, e de seguridade à vida.

É comum vários praticantes apresentarem uma técnica distinta dentro da benesse, alguns são adeptos único e exclusivamente do grafite raiz e suas nuances, outros se aproximam dos lambe-lambes e desenhos em estêncis. Apesar de não aparentar, todas essas atividades são equivalentes entre si, os próprios artistas comprovam essa afirmação. Grande parte deles iniciam sua caminhada nos concretos diante de uma manifestação mais simplória,

a pichação, um costume capaz de introduzi-los nas subsequentes atuações. A partir do grafite alguns desenvolvem intuições e métodos peculiares em suas ilustrações, passando a elaborar projetos mais complexos e a construir murais e painéis em diferentes logradouros.

Outra discussão acerca da temática é o domínio da arte urbana como patrimônio. Será ela de fato um bem tradicional capaz de conservar memórias e ressignificar os eventos culturais?

Deduzir que a efemeridade das intervenções, o que é normal através das intempéries naturais pelas quais elas estão condicionadas, as incapacita de conservar lembranças; pode ser prático se induzido ao pé da letra, mas nem sempre uma noção cem por cento verdadeira. Com as informações cada vez mais perenes devido ao imediatismo das redes sociais, o que de fato seria efêmero? É possível encontrar obras com mais de 20 anos escondidas em vielas. Segredo de fato não há, talvez seja apenas sorte, a realidade mostra que a efemeridade não se fez valer em alguns casos. Certa condição demonstra que uma atividade inaplicável com exatidão não pode ser elevada como uma verdade absoluta.

A obra “Arte Urbana: traços de liberdade e expressão” veio da vontade de um jovem goiano, estudante de Jornalismo, em compreender às obras vislumbradas por ele diante das vias da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, mais conhecido como o coração do Brasil.

O que motivou alguém a desenhar tal obra? Quem a fez? Qual o seu real objetivo? Como alguém conseguiu realizar aquele feito? Perguntas simples que o motivaram a buscar analisar com maior profundidade à cena goiana de arte urbana.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), as paisagens culturais estabelecem um convívio entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais em uma relação complementar. Capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um desses elementos isoladamente. As obras presentes nas metrópoles também constituem essa paisagem, sendo o resultado de um modo de produção interativo entre a comunidade e o espaço construído. Uma dinâmica protegida pela portaria responsável pela Paisagem Cultural Brasileira, estabelecida em 2009 pelo próprio IPHAN.

Certa relação seria melhor abordada através dos olhares de cada artista. Em Goiânia, são mais de 100 residentes que deixam seus rastros por todo o município. Analisar a cena de arte goiana é, antes de mais nada, estudar os responsáveis por elas existirem. Toda a epopeia de imagens só é real devido à luta contra os projetos higienistas e o falso apoio dos políticos. Com uma alta gama de nomes extremamente reconhecidos, foram escolhidos 5 artistas, cuja suas histórias de vida e a relação com a arte foram narradas minuciosamente, possibilitando demonstrar o seu real valor por aqueles que fazem à mágica acontecer.

Selon, Diogo Rustoff, Kaly, Wes Gama e Larissa Pitman dispõe suas peculiaridades ao longo do livro, declamando seus adornos por meio de amizades, escolhas, desafios e o mais importante; a educação e o seu papel na vida de cada um.

Compreender a história dos perfilados não é difícil, basta apenas estar disposto. Por isso, peço encarecidamente aos leitores que abracem de corpo e alma às histórias de vida dos perfilados.

Para falar de arte é preciso estar livre das amarras impostas pela sociedade. Os julgamentos não definem nada, o preconceito mantém os pés humanos entranhados no chão e os aproximam do abismo da ignorância. É preciso estar livre, manter à mente aberta, se doar completamente ao movimento para compreendê-lo. Arte é sobre comunicar, apenas escute o que o artista tem a dizer.

Capítulo 1

Traços abstratos e a sua popularização através do acesso

A arte abstrata, desde a sua criação no início do século XX, esteve vinculada aos espaços tradicionais de exposição, como as galerias alugadas por financiadores ou curadores privados. Além dos museus estatais de cunho institucional. Com o advento do grafite a partir da década de 70 nos Estados Unidos, vários praticantes da atividade passaram a estimular sua criatividade ao incluir técnicas de pinturas clássicas em seus trabalhos. Uma iniciativa baseada no movimento Pop Art¹, prática advinda em meados dos anos 50 na Inglaterra.

Santiago Vieira de Andrade Silva, popularmente conhecido pelo seu nome artístico, Selon, é um dos artistas de Goiânia que se destaca através das suas produções vinculadas ao abstracionismo, sendo o primeiro a incluir a arte abstrata² nas ruas da cidade. Ao popularizar uma vertente artística historicamente elitista, ele representa toda a pluralidade urbana presente na capital através de traços ricos em cores que desenvolvem formas geométricas circunscritas dentro de um muro de concreto, ou inseridas na fina superfície das telas e painéis em acrílico.

Dentre as especificidades presentes no gênero em questão, o abstracionismo geométrico³, pautado na geometria das formas e na racionalidade, foi escolhido pelo artista. Técnica que ele vem aprimorando em seus projetos desde 2010.

A primeira entrevista realizada para este livro ocorreu naturalmente, bastou apenas uma mensagem simples e direta explicando toda a dinâmica do trabalho, enviada para a conta profissional do artista no Instagram, para receber o “sim” do perfilado. Talvez essa seja a maior diferença no processo das pesquisas em campo na atualidade, a presença das redes sociais aproximou os jornalistas de suas fontes.

Chegou o grande momento, após uma rápida troca de mensagens organizamos os nossos horários para efetivar o encontro em um dos Campus da PUC⁴. Denominado de Área IV, o espaço encontra-se em frente

1 Pop art: Traduzido como “arte popular”, o movimento artístico é caracterizado pela reprodução de temas relacionados ao consumo, publicidade e estilo de vida americano. A expressão criada em 1950 na Inglaterra, pelo crítico Lawrence Alloway, se espalhou durante a década de 60 nos Estados Unidos, principalmente em Nova York. A vertente artística é uma interpretação dos artistas que nasceram na tão famosa cultura popular, aproximando a arte da vida cotidiana com suas cores intensas e vibrantes. Muitas das obras se inspiram no universo das histórias em quadrinhos, imitando a estética industrial e usufruindo da imagem de celebridades.

2 *Abstracionismo*: A arte abstrata tem como prática não representar figuras que representam a realidade, sendo uma oposição às artes figurativas. Ela é representada pela linguagem subjetiva, objetos irreconhecíveis e a valorização nas formas, cores e linhas.

3 *Abstracionismo geométrico*: É uma vertente da arte abstrata influenciada pelo cubismo e futurismo. Seus elementos são incorporados pela racionalidade, a valorização da reflexão intelectual e a utilização de formas geométricas.

4 PUC: A Pontifícia Universidade Católica de Goiás é uma das universidades mais influentes do estado. Mantida pela Sociedade Goiana de Cultura, a academia detém o posto de melhor universidade particular da região.

à conhecida Avenida Universitária, um local amplo e arborizado que apazigua o calor árido do estado. Assim como eu, ele é filho da PUC⁵, e demonstrou-se bem acomodado ao espaço que frequentou durante 4 anos.

O intérprete estava bem-disposto e animado para realizar a entrevista, apesar do seu jeito tranquilo e discreto, a forma como discorreremos sobre prelúdios da arte urbana e suas vertentes antes mesmo de ligar o gravador de áudio externou toda a fluidez natural observada na construção de qualquer relação.

Ao contrário do que se possa imaginar, a faculdade nem sempre está abarrotada de pessoas ávidas pelo conhecimento. Um espaço bem distribuído gera boas alocações, e era exatamente nesse contexto que nos encontrávamos. Separamos uma sala de aula vazia para finalmente apertar o start nas gravações.

O que seria uma figura abstrata? Para muitas pessoas algo que não se pode definir. E apesar do tato ser um receptor humano fundamental para as obras, muitas não vislumbram sentido concreto no abstracionismo.

“A questão do abstrato, eu não costumo falar tão abertamente porque eu acho difícil de explicar. Talvez não seja tão difícil ao pensar que quem faz essa arte é uma pessoa, e sempre tem uma pessoa ilustrada”, refletiu após um breve processo de reflexão acerca dos seus projetos.

Durante esse momento, obtive a minha primeira resposta em torno do significado do processo criativo para o artista.

“As vezes a pessoa não é ilustrada, mas existe uma pessoa. Eu fazia um “homem planta”, depois formas geométricas ligadas por linhas pretas seguidas por outra forma geométrica que tinha olho, boca, nariz. E no fim, apresentava-se um círculo com cinco linhas que formavam uma mão. Então, na verdade era uma pessoa”.

O homem planta está para Selon como Oswald, um rato com longas orelhas e um nariz redondo e pontudo, está para Walt Disney. Não, este autor não enlouqueceu, é possível comparar dois personagens que foram essenciais para o desenvolvimento de ambos artistas em contextos totalmente distintos. O homem planta foi o primeiro passo dado por ele no âmbito do abstracionismo, que o possibilitou descobrir e desenvolver técnicas de uma vertente que naquele mesmo período havia conquistado o seu coração. Oswald, por sua vez, nasceu para que Walt pudesse aprimorar um personagem “pouco” conhecido atualmente, a estrela Mickey Mouse.

“No início ele não era totalmente abstrato, ainda dava para reconhecer o personagem. É curioso, porque eu estava fazendo essas formas geométricas meio que misturando com o figurativo sem nunca ter pensado em arte abstrata e muita gente passou a ver nos meus trabalhos uns rostos, muitas vezes realmente tinha”. Para ele a abstração é apenas uma forma sublimada de falar tudo que se passa pela sua cabeça.

Eis um fato para compreendê-lo: trata-se de um artista que colaborou para o desenvolvimento da arte urbana goiana, percussor de um estilo pouco praticado no estado e condutor de uma criatividade imensurável, digna de todo bom artista. Essa criatividade apresenta-se no seu dia-dia de forma contínua, bastou pouco mais de uma hora para que eu vislumbrasse todas essas características analisando suas expressões. As ideias são bastante fluidas e se conectam através de fatos que marcaram sua

5 Filho da PUC: É um termo popular usado para denominar um estudante ou egresso da universidade.

carreira, conexões que entregam de forma direta sua filosofia de trabalho e as impressões gravadas em seus desenhos.

O abstracionismo não é algo aleatório, o olhar não é o suficiente para gerar apreço e compreensão ao valor dessa arte, nem mesmo a emoção se torna primordial para o alcance do seu resultado. Resultado envolto por uma liberdade expressiva de quem recebe as obras, do público que realmente a admira, são esses os admiradores do incomum, do imagético que perpassa as concepções usuais da realidade. Kandinsky⁶, o grande construtor dessa vertente artística, jamais ignorou a lógica para desenvolvê-la. Pelo contrário, existe uma ordem matemática muito bem definida em seu desenvolvimento.

É possível definir Kandinsky como um engenheiro artístico. Sim, ele é um construtor, jamais deixou de ser, nosso perfilado é prova viva do legado de sua descoberta. A obra permanece inacabada, não porque faltam recursos, na realidade o que não falta é artista para dar segmento ao projeto. Os tijolos não sofreram alterações, a mistura para a composição do cimento ainda é a mesma. São os pontos, as linhas, as cores, a textura, o equilíbrio, a harmonia e a proporção que objetificam os materiais de construção. A base presente na ideia pode até não se alterar, mas o resultado: AH! O resultado. Esse sim, muda a todo momento de acordo com a criatividade de quem cria.



Composição VIII, de Wassily Kandinsky (1923)
foto: Pixabay

A obra permanece em contínuo movimento buscando resultados infinitos ao mundo. Engana-se quem acredita na ideia de que Selon é engenheiro de obra pronta, um artista torna-se efetivamente um artista quando ele é capaz de transformar experiências e inspirações adquiridas ao longo de sua caminhada, em arte. É sobre transformar água em vinho, nesse contexto, bomb⁷ em abstracionismo.

⁶ Wassily Kandinsky (1866-1944), foi um artista, professor e teórico russo que ganhou destaque no início do século XX. Considerado um dos pioneiros do abstracionismo, o artista é responsável por inovar o universo artístico ao contribuir de forma teórica e prática acerca da evolução de tópicos como a sintetização das cores, as relações sinestésicas entre música e arte plástica e as composições não-figurativas. Dentre suas principais obras estão: Composição VIII (1923); Batalha (1911); Sobre o branco II (1923) e Amarelo, vermelho, azul (1925).

⁷ *Bomb*: O bomb é uma estética do grafite caracterizado pelos desenhos rápidos em paredes, vagões de trem, portas de garagem e em outras superfícies urbanas. Sua principal representatividade está na reprodução de letras do alfabeto, em muitas vezes realizadas para escrever o nome do grafiteiro ou de alguém próximo a ele.

“O bomb é representado pelo desenho das letras, algo que eu faço ao ponto de ela não ser mais uma letra, eu abstraio essa letra. O processo acontece através do ato de pegar uma letra e abstrai-la até ela virar uma forma, porque eu estou mais interessado na forma do que na letra”.

A selvageria presente nessa estética apresentada pelas formas pontiagudas, triangulares e anguladas separadas por muito contraste foi o que ele levou de uma atividade recreativa, realizada entre ele e seus amigos no início dos anos 2000, para a sua carreira profissional.

O grafiteiro abstrai letras, muda formas, transforma nomes em identidade visual, é através delas que se reconhece uma representatividade. Selon decidiu ir além, buscou referências através dos grandes pesquisadores da arte moderna e contemporânea até se encontrar diante de um emaranhado de quadrados e triângulos.



Bomb “Selon” (2023)
foto: acervo pessoal do artista

“Acredito que o Kandinsky disserta sobre isso em alguns momentos: se você tem um triângulo preto e o círculo vermelho um do lado do outro, você tem uma certa comunicação; se você tem um quadrado branco e um círculo vermelho você tem outra comunicação, dizem coisas diferentes”.

A linguagem subjetiva da arte abstrata, sua forma, cor e a disposição em um certo espaço que vão se comunicar com o público. Compreende a comunicação? Ela não é efêmera, muito pelo contrário, ela é o legado deixado pelas obras. O artista não busca impor uma ideia na cabeça do receptor, ele transfere uma harmonia, uma luz para um mundo tão obscuro. Essa tranquilidade que emana de seus murais e quadros

talvez seja sua principal característica.

Ele acredita que a arte, por mais abstrata que seja, possibilita uma pluralidade de opiniões e significados de acordo com o imagético do observador. As figuras geométricas ricas em cores ou não, somada por traços e linhas conurbadas por diferentes espessuras podem converter-se em inúmeras ilustrações, determinando uma certa imprevisibilidade em cada projeto. Essa imprevisibilidade encontra-se em seu significado, na liberdade criativa do público, ela estimula o senso criativo de quem admira os seus trabalhos, prevalecendo ao senso crítico que na maioria das vezes coloca o artista em um verdadeiro campo minado prestes a explodir.

Em tese a arte não só pode como deve ser acessível para todas as comunidades, sem alguma distinção. Apesar de trabalhar em busca da socialização artística, o artista entende que o abstracionismo é um campo de duas vias e não são todas as pessoas que se dispõem em dialogar com ele. Existe ao mesmo tempo a liberdade na interpretação das formas que imprime essa noção de acessibilidade, que de fato existe, mas de nada

adianta se o público não estiver em sintonia com o projeto.

O autor acredita que a vertente artística de Kandinsky não era para qualquer um, ao menos ele aparentava não fazer questão que ela fosse. Tal afirmação alimenta o elitismo presente no campo artístico, é preciso compreender a realidade de certas sociedades que carecem do acesso às obras, causando repulsa a olhos não acostumados. A arte abstrata necessita da racionalidade e a emoção de cada observador, para que ele possa valorizá-la. Não é somente dessa maneira que o perfilado enxerga o seu trabalho, na verdade, é dessa forma que ele entende o poder do abstrato.

A convergência entre força e calma, tranquilidade para reconhecer um obstáculo e vigor para ultrapassá-lo. Ambos estados humanos compreendem-se em filosofias de vida que ele carrega para as suas obras, é a base do seu trabalho. Apesar de serem dois pontos opostos, Selon busca unificá-los através da assimetria, é justamente essa disparidade que desenvolve a ponte entre os estados de espírito que tanto o representa.

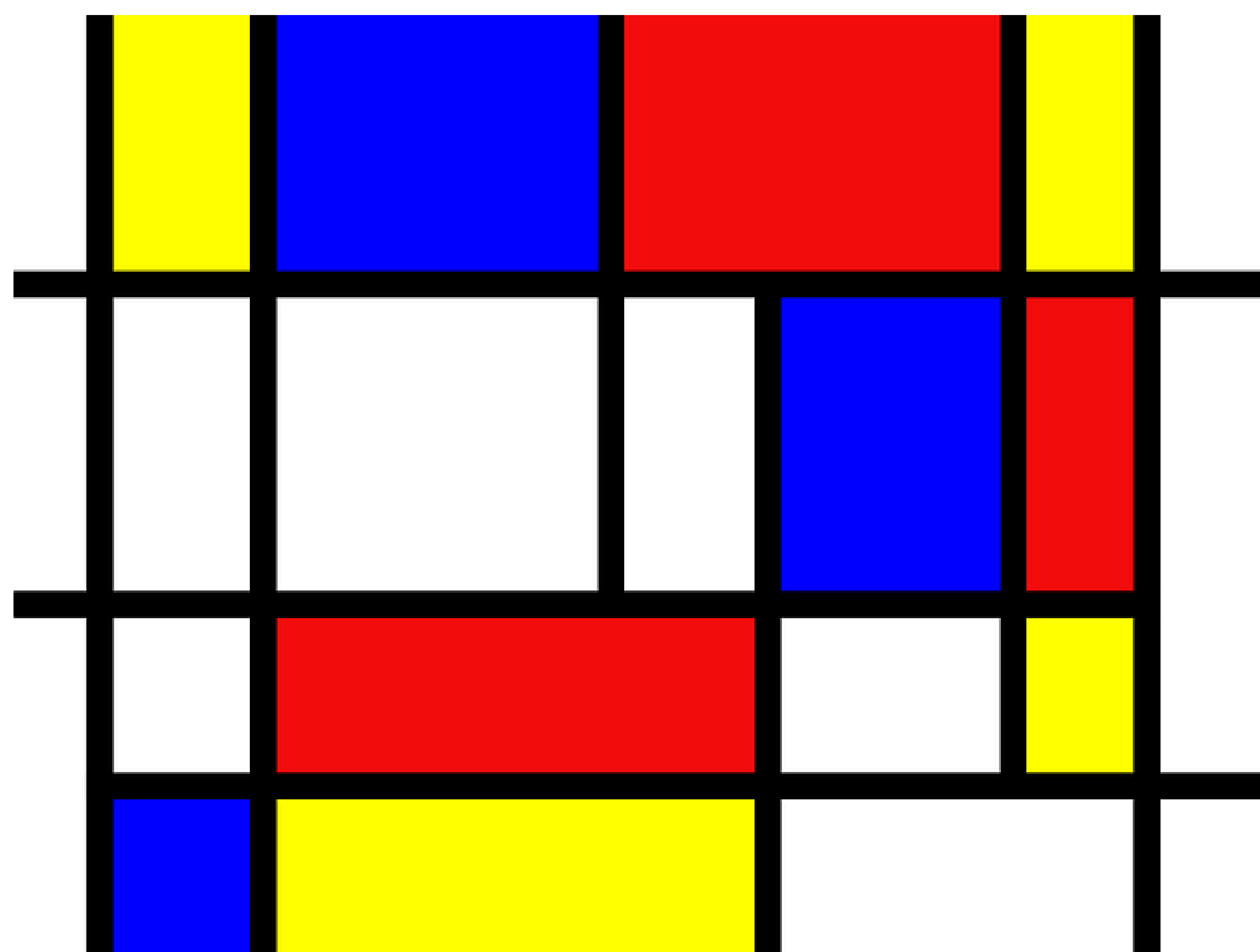
Nem tudo no abstracionismo é para fazer sentido, mas eis um fato: a falta de simetria tende a trazer um equilíbrio para o desenho, ele se complementa através dela. O equilíbrio leva a tranquilidade que o autor tanto preza em suas obras. Todos os tópicos do processo são codependentes, impossibilitando-o de criar qualquer coisa sem a unificação de ambos. É dessa maneira que sua mente trabalha, criando formas de se comunicar, seja em sua maioria sublimadas ou não. São formas de se expressar, é o seu chamado aos ávidos do existencialismo.

Ao longo da sua carreira ele aprendeu a usufruir dos inúmeros espaços que a cidade proporciona durante sua expansão, capacidade que determina a função de todo artista urbano que se preze. Não é possível conversar com o público antes de entender como funciona o espaço urbano em que ele se encontra. Diferentes expressões artísticas expostas nas ruas determinam uma narrativa diferente, ela é construída através da rica camada popular que desfila em passarelas de concreto ao longo do dia.

São diversos estilos de vida, diversas rotinas, diversas crenças que vislumbram as obras diariamente. Para conversar com toda essa diversidade, o abstracionista precisou se encontrar como artista, algo que somente as vivências não puderam proporcionar. Nesse caso, os estudos lapidaram o seu conhecimento e alimentaram seu ímpeto.

Foi durante a faculdade de design que Selon se aproximou da história da arte e seus grandes personagens. Apesar de Kandinsky ser o principal mentor por trás do abstracionismo, foi através do artista holandês Piet Mondrian⁸, responsável por simplificar essa vertente artística por um novo viés, uma prática mais objetiva que aproxima os abstracionistas das figuras geométricas, como se já não fosse o suficiente, que ele alcançou o equilíbrio necessário.

⁸ *Mondrian*: Piet Mondrian (1872-1944), foi um artista holandês que se destacou durante o movimento modernista europeu do século XX. Mondrian é o principal nome do neoplasticismo e representa suas obras com um abstracionismo geométrico muito bem definido. Suas reflexões sobre as leis matemáticas universais influenciaram na evolução das artes gráficas e na arquitetura. Dentre suas principais obras estão a Composição com vermelho, azul e amarelo (1930) e a Broadway Boogie – Woogie (1942).



*Composição com vermelho, azul e amarelo, de Piet Mondrian (1930)
foto: Pixabay*

Com o desenvolvimento dessa nova prática, denominada neoplasticismo⁹, que as pinturas se tornaram mais objetivas, exatas e simples. Mondrian aprimorou o que já parecia estar em seu mais completo estado, consolidando uma prática tradicionalíssima nos dias atuais, muito bem observada nas artes plásticas e projetos arquitetônicos. Um cubo é um cubo, uma linha é uma linha, as cores devem ser básicas e assim permanecerão, essas são as regras do neoplasticismo, tópicos que não são intransponíveis e devem ser aprimorados de acordo com o estilo do artista.

Selon se inspirou em muitas das técnicas estabelecidas por Mondrian, adaptando certos mecanismos a partir da sua personalidade. As linhas passaram a criar volume, os movimentos horizontais e verticais foram delimitados por curvas e a tridimensionalidade tomou forma diante dos seus olhos. Existe uma expressão no volume das formas abstratas estabelecidas por ele, uma marca registrada do artista que só é efetivada diante do complemento das cores, o grand finale, a cereja no bolo representada em seus desenhos é justamente a fidelidade que ele mantém à teoria das cores de Mondrian. São as cores básicas que moldam a sua marca, fortalecem o seu nome.

“Eu utilizo muito o preto, branco, azul; preto, branco, amarelo; preto, branco, vermelho. Principalmente preto, branco e azul, porque são cores que tem mais cobertura. Então quando eu vou pintar na rua e quero acelerar o processo não é usual fazer seis mãos de amarelo, é mais prático dar duas mãos de azul e resolver o problema”.

A praticidade é uma aliada no início da carreira de todo artista, ainda mais quando a falta de recursos financeiros e materiais desaceleram o seu processo de aperfeiçoamento técnico. Em 2003, ao ingressar no meio acadêmico o nosso então universitário entrava em contato com atividades práticas e bastante bagagem teórica para crescer como profissional no ramo, culminado em uma carreira primorosa que ainda está longe de terminar.

Porém, o design trouxe algo a mais para sua vida, o autodescobrimento. Ele nunca esteve interessado em ser designer, sempre

⁹ *Neoplasticismo*: Um dos principais movimentos da arte abstrata surgiu em 1917 inspirado pelo simbolismo presente no abstracionismo geométrico. Tendo como percussor o holandês Piet Mondrian, o movimento objetiva alcançar uma harmonia universal por meio da arte. O conceito representa tudo que existe através das linhas retas e cores primárias que influenciou artistas gráficos, designers, estilistas e arquitetos.

soube que a arte tinha planos maiores para a sua vida, e essa certeza só foi efetiva durante tal período.



*05062023, de Selon (2023)
foto: acervo pessoal do artista*

Foi em meados de 2006, quando o abstracionismo começou a ser praticado de forma mais intensa no espaço urbano que o ainda universitário começou a praticá-lo, portando apenas uma tinta líquida e alguns rolinhos.

É nesse momento que se inicia a transição do bomb ao abstrato. A criatividade de um artista não é anulada pelas dificuldades mundanas, falta de recursos financeiros para comprar materiais nunca o impediu de trabalhar com aquilo que ama. Em um país em que qualquer viela se transforma em campo de futebol; ora bolas, é a paixão nacional! Um simples marcador que se encontra em papelarias se transforma em rolinhos profissionais para o artista. Não há limites para um apaixonado, aquele que se aproxima do amor não trabalha, apenas se diverte. De 5 em 5 centímetros Selon pintava seus contornos, esses que ele mesmo produzia com os marcadores. No início tudo era sobre pintar, apenas pintar, o importante era não ficar estático.

“Vou comprar uma tela e começar a pintar, pinte essas madeiras porque eu ganhei. Eu pintava os adesivos de políticos porque eu ganhava, minha mãe ia jogar um sapato fora e eu falava: não mãe, pera aí. PINTAR, sabe?”.

Essa ânsia voltada para a pintura o impulsionou a misturar figuras geométricas com personagens ilustrativos e a realizar desenhos com contornos que se prolongavam por toda a extensão da parede. Seus murais começavam nesse ponto e se alongavam através de linhas que logo davam passagem para um conjunto de círculos estirados por mais linhas que se diferiam por quase 5 metros de muro, até terminar em triângulos e mais contornos. Nosso artista gosta das grandes intervenções, foi na rua que ele concretizou sua transição para esse universo, se distanciando do grafite raiz.

A transição abriu passagem para novos caminhos, nos trabalhos da faculdade era comum os alunos não utilizarem todos os materiais disponíveis, as sobras eram relativamente grandes. Selon nunca escondeu a sua vontade em criar coisas, mal ele sabia o quê, mas tinha certeza que algo valioso poderia nascer de todo o seu apetite. Em determinada

atividade acadêmica, após madeiras e mais madeiras serem utilizadas; eram cortinas, quadradinhos, linhas e anzóis, todos materiais, em sua maioria, seriam desperdiçados. Para evitar tamanha barbárie, ele solicitou esses materiais para a sua professora, recuperando cerca de 50 tábuas de madeira 30x30 e 40x40 que foram levados para a sua casa e rejuvenescidos com muita tinta, sendo o seu primeiro passo rumo ao ateliê. Apesar de estar criando em casa ele nunca abandonou as ruas, muito menos o seu propósito, é somente a sua fome, ela é insaciável, o garoto apenas não quer parar de pintar.



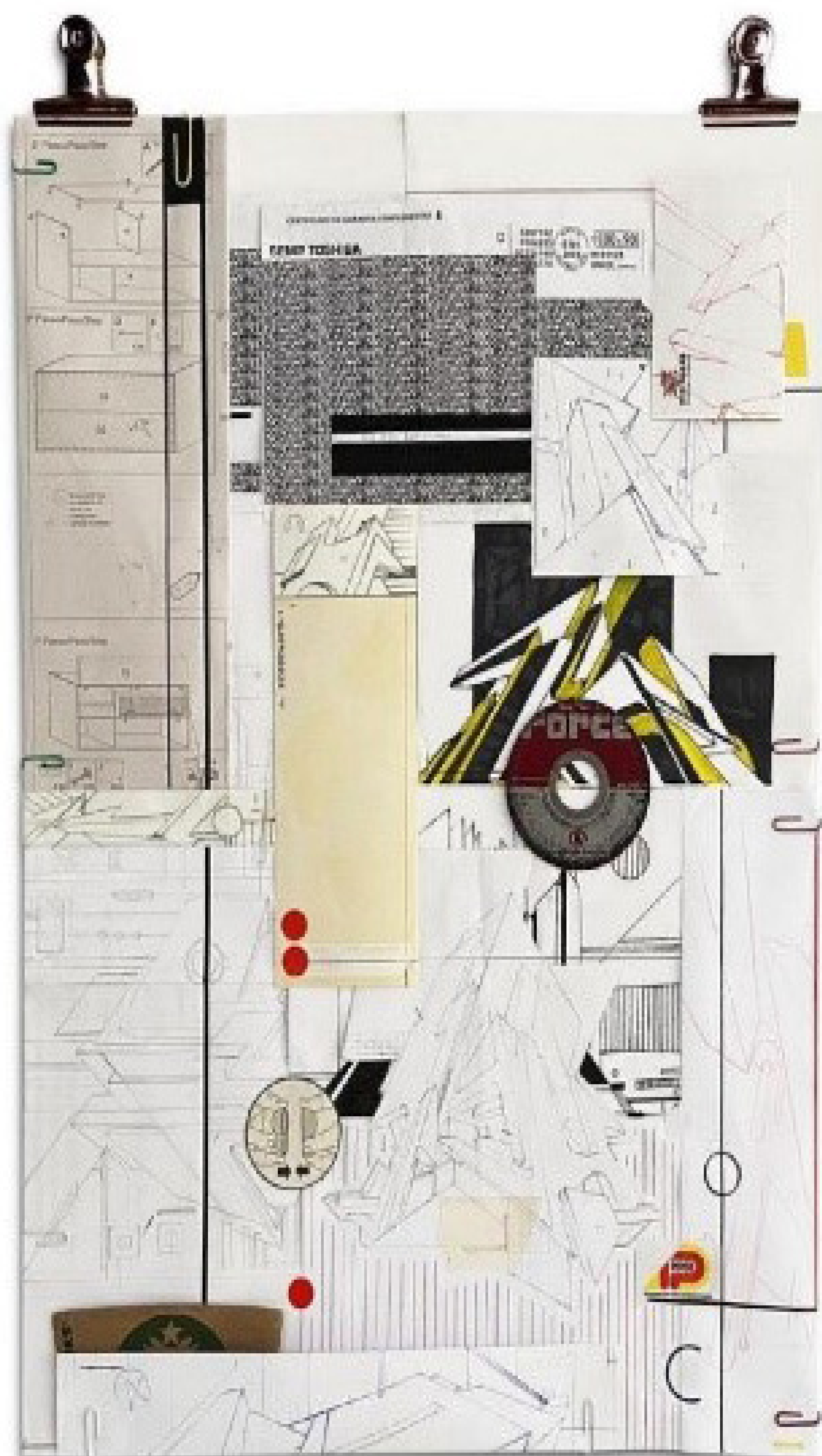
*Intervenção com rolinho, de Selon (2006)
foto: acervo pessoal do artista*

Ele passou a explorar em seus trabalhos solo ambientes abandonados, em ruínas, espalhados pela cidade; algo natural durante a expansão de uma metrópole, o abandono de espaços está condicionado a isso. Ao mesmo tempo que surgem novos ambientes menos opções os habitantes passam a ter, Selon não se encaixa nesse contexto, ele está fora da caixa, aliás, todo bom artista é preciso estar. Trata-se de um poliglota quando o assunto é dialogar com o ambiente ao seu redor. Os locais e materiais, sejam eles abandonados ou não, em seus diversos tipos, tem muito a ensinar; foi buscando compreender essas superfícies que em 2020, ainda durante a pandemia, o artista deu um enorme passo em sua caminhada ao desenvolver uma nova roupagem para suas intervenções.

Uma realidade que só foi possível devido às suas experiências acadêmicas. Nos primeiros anos do curso de design ele aproveitava as atividades práticas para se alinhar ao grafite, algo que sempre fez questão de deixar aceso em seu âmago.

“Qualquer coisa que me permitia incluir o grafite, eu colocava”. Absolutamente tudo era motivo para estimular a sua criatividade.

Durante um breve período como aluno especial da Faculdade de Artes Visuais da UFG, ele passou a realizar um trabalho de reciclagem, recolhendo resíduos pela cidade e os transformando em arte. Eram trabalhos de colagem, sem pintura, que originaram uma estética de barracos aos esboços improvisados por amarrações em arames. Seus traçados em tinta que já estavam criando forma naquele momento não deixaram de ser realizados nos resíduos, adaptando técnicas de acordo com o plano em questão.



*Recorte e fragmentos 3, de Selon (2020)
foto: acervo pessoal do artista*



*Acrílica e madeira, de Selon (2021)
foto: acervo pessoal do artista*

O tempo, assim como a arte urbana, padecem com a condição da efemeridade. Essa é uma ideia comum, mas que se analisada através de um outro ângulo gera uma acepção contrária ao senso usual. O artista leva o diálogo com os resíduos oriundos do desenvolvimento humano, assim como reflexões voltadas para atividades de reciclagem, para dentro do seu ateliê. Algo que sempre esteve em contato com seus projetos urbanos.

As histórias não se remetem somente aos cadernos escolares ou aos enredos de filmes e livros ficcionais, absolutamente cada partícula molecular envolta ao cotidiano animal tem uma história para contar. Cada objeto que Selon transformou em arte tinha uma história de vida, desde a sua criação, passando por toda sua usabilidade, até se tornar um resíduo e ser ressignificado pelas mãos do artista. Agora esses objetos, rejuvenescidos, poderão contar novas histórias, histórias de um recomeço. É dessa maneira que o perfilado compreende a questão do tempo em seus trabalhos, batizados sempre pela data, e em casos de dias com altas demandas, pela hora que são concebidos. Seu portfólio não possui nome, é um conjunto de datas que enfatizam o seu próprio marco temporal, suficiente para contar a história de cada obra. O registro do dia e mês, horas, minutos e segundos em cada uma, narra com palavras sublimadas em contornos, cores e traços escritos por um pincel a individualidade de murais, quadros ou até mesmo esboços.

Todos os objetos, residuais ou não, representam um detalhe da arquitetura urbana, detalhes que demarcam momentos distintos desde a sua fundação. Os projetos urbanísticos vivem em constante mudança, mas a efemeridade não se aplica ao caso, porque o que já foi tendência em dado momento permanece imaculado através do tombamento de prédios históricos, por exemplo. Selon obteve a consciência de que o seu trabalho deve manter um constante diálogo com a arquitetura da cidade, algo que perpassa a concepção em relação aos locais públicos, eles superam a noção de espaço expositivo e passam a dialogar com o cidadão ao transmitir mensagens do artista.

O criador sempre esteve próximo da arquitetura, não de forma direta, mas em uma relação de troca. Essa troca pode ser tratada pelo viés mercadológico em certos momentos, mas o resultado que se sobressai dessa relação é o ganho considerável de experiência. Assim como toda área profissional é preciso que os adeptos estejam preparados para lidar com as mudanças constantes no âmbito prático e técnico inseridos nela. Nessa revitalização constante de ambientes e materiais, ele não procura produzir algo novo somente através da ligação de “sobras”, o seu objetivo gira em torno de produzir algo novo, seja reaproveitando peças ou construindo um resultado do zero.

Suas criações solicitam toda engenhosidade à disposição, principalmente ao se tratar de projetos arquitetônicos que pedem mais representatividade por dentro da arte. É dessa maneira que projetistas fecham parcerias icônicas que os diferenciam de outros profissionais, colocando grande parte da responsabilidade nas mãos de seres criativos como ele.

A visibilidade que a arte urbana conquistou após inúmeras batalhas e muita resiliência de grupos artísticos em pró da cultura possibilitou que trabalhos desse escopo fossem realizados. Muralistas de diversas vertentes artísticas participam ativamente no desenvolvimento de plantas em

conjunto com arquitetos, propiciando cor e autenticidade aos espaços em expansão.

Apesar de solicitar demandas aos seus apreciadores, a arte abstrata é uma vertente acessível para o público justamente pelo tom paisagístico que ela propicia. Sim, existe uma paisagem bem estruturada nesse modelo, não só por estar interagindo com ambientes internos e externos com extrema frequência, como é o caso dos trabalhos realizados pelo perfilado. Aliás, não existe mistério no mundo artístico, ele é apenas tudo que podemos vislumbrar com o dom da visão, pura e simplesmente.



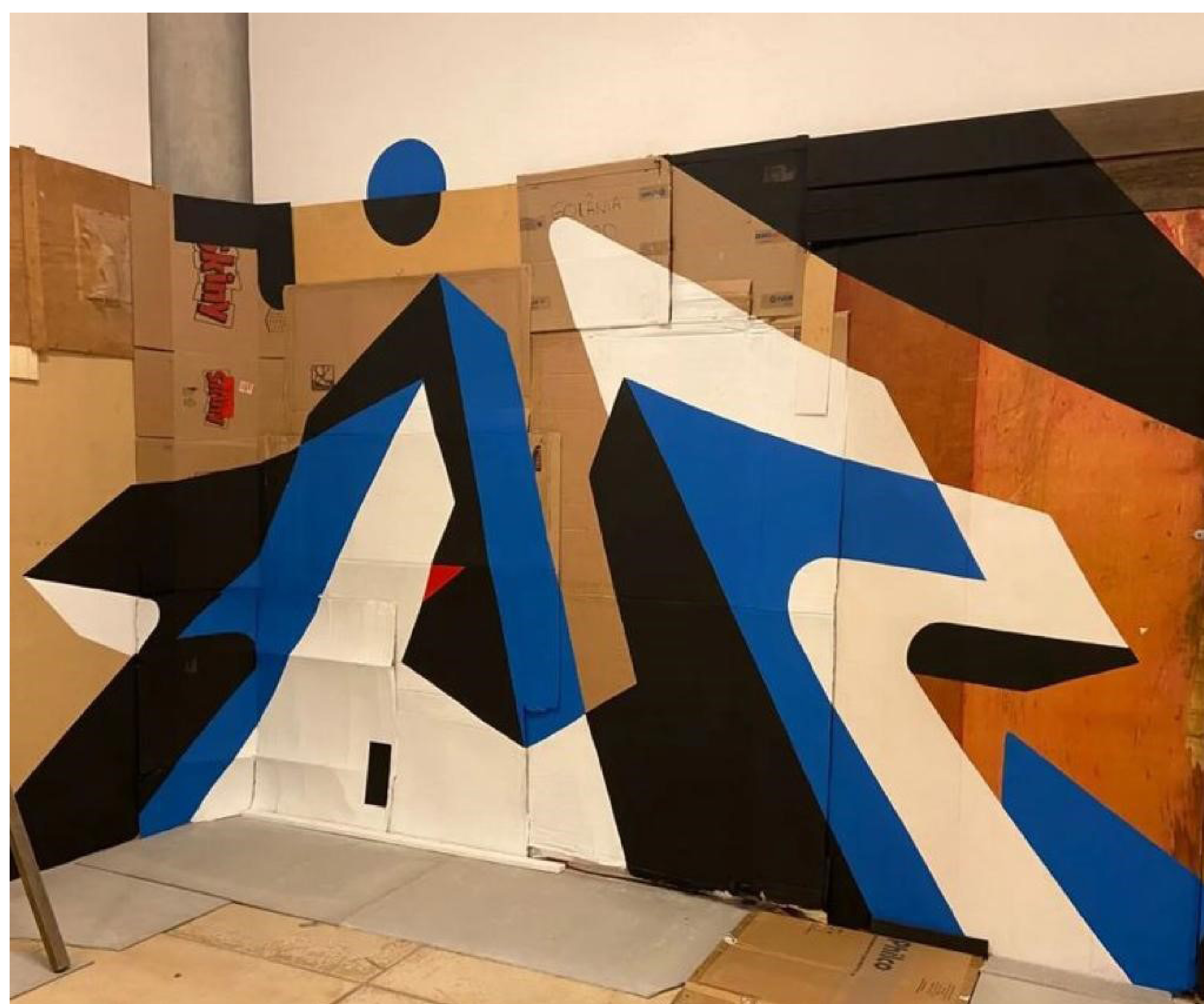
*Intervenção na Avenida Perimetral de Goiânia (2018)
foto: acervo pessoal do artista*

A liberdade na interpretação das formas intrínsecas ao abstracionismo não é algo definido desde a sua criação, é uma condição adquirida com o tempo, através de adaptações originais oriundas da individualidade de cada artista. Ao não determinar uma história para as suas criações, Selon colabora para essa liberdade, uma liberdade no enredo, narrado por toda pluralidade popular que aprecia os seus feitos.

Foi na Vila Cultural Cora Coralina que ele obteve a oportunidade de trabalhar com residuais dentro de uma grande exposição. Um centro desenvolvido pelo Governo do Estado especialmente para valorizar o trabalho de artistas goianos, propiciou ao abstracionista a amostra “Provisório”, reiterando a efemeridade das intervenções urbanas e dos objetos descartáveis, uma efemeridade que, assim como foi dito anteriormente, não conversa diretamente com uma visão relativa aos olhos. Realizada em 2022, o artista levou ao espaço um tom amplamente industrial, conversando diretamente com os resíduos deixados no galpão do ambiente, uma prática comum para a sua carreira. Desenvolver formas que ultrapassam zonas bidimensionais e inserem o público em um momento de imersão em espaços abertos, algo relativamente impossível, coloca-o em uma posição confortável ao dialogar com a sala do recinto.

Diante da prontidão dos objetos presentes na Vila, o artista reestruturou e dispôs formas através de uma rica camada de cores, constituindo um círculo de ideias diversificadas estabelecidas pelos materiais, ambiente e o público. Foi dessa forma que o seu trabalho alcançou a premissa determinada pela curadoria do projeto. “Provisório” efetivou a sua marca no espaço cultural com a crença de que as obras

acabariam, mas a deificação da emoção e dos pensamentos seriam eternas. Apesar de terem uma data de validade curta, as obras edificadas no espaço deram origem às pinturas de outro artista da cena goiana que pôde reaproveitar alguns m² utilizados em sua intervenção, e certos aparatos constituídos por utensílios que mantiveram o seu propósito de vida ao serem reutilizados para mais um novo ciclo dentro do mesmo projeto.



*Exposição “Provisório” (2022)
foto: Secult GO*

À medida que a cidade vai se expandindo é possível descobrir uma nova personalidade individual que nem ele se dava conta. Selon é um aventureiro nato, é em lugares nessa selva de pedra presente no interior do cerrado brasileiro implorando para serem descobertos, que ele se encontra, atendendo frequentemente os pedidos dessa esfera. Migrando entre novos picos, novos encontros, pintando sozinho e aproveitando as nuances que essa selva propicia, é dessa forma que o artista recalcula a sua rota. Realizando esse recálculo sozinho, porém jamais solitário, a presença da arte em sua vida não é capaz de deixá-lo nessa condição, um novo caminho foi trilhado, diferente de uma realidade focada somente no grafite e no trabalho incessante de encontrar muros amplos para quatro ou mais artistas poderem pintar.

O artista se aproxima da arquitetura da cidade e suas ruínas, fugindo do plano total de uma parede. O foco se remete a aproveitar 100% de um espaço, suas linhas e contornos passam pela parede, seguem até o chão, atingem uma extremidade paralela do muro e alcançam o teto de locais que o possuem. São as histórias dissertadas nesse âmago que o agrada, às vezes um simples colchão velho e surrado é capaz de contar uma narrativa acerca dos diversos donos que já deitaram sobre ele. Essas intervenções conduzem as pessoas a magnitude dos espaços, sua consciência sabe que a caminhada só está no início. Guiado por tudo que o circunda, a riqueza das suas obras tende a ganhar novos padrões, seja rebobinando a fita ou acrescentando novos capítulos.

Nem sempre ele esteve a par das companhias que o aquiesciam em direção a conquista de picos. A afinidade com a rua começa em 1996, estabelecendo o primeiro contato com a vertente artística. Apesar de conhecer poucos lugares da cidade, mais precisamente o caminho que o levava da sua casa até o colégio, ele já admirava certas intervenções, pequenas e discretas, mas que brilhavam aos seus olhos. Em 2000, ano que dividiu águas e transformou perspectivas em realidade, o final de uma década timbrada por incertezas, medo e evoluções trouxe a ele um estalo capaz de acender uma lâmpada idealizadora de sonhos em seu cérebro. Nesse período, Selon era apenas um mero flâneur¹⁰ do trabalho de um dos seus amigos, esse já muito bem ambientado no mundo do grafite, trata-se de Ebert Calaça.



*Intervenção “1921”na Marginal Botafogo em Goiânia (2021)
foto: acervo pessoal do artista*

Ebert é facilmente reconhecido pelas suas obras, seja na mais alta cúpula do grafite raiz, com nomes selvagens que vibram devido as fortes cores que imprimem o seu estilo, ou na sublime arte da serigrafia¹¹, capaz de criar afinidades com qualquer superfície. O nome que tanto inspira o entrevistado traz consigo ilustrações que em certos pontos remetem às gravuras de Siron Franco¹². São desenhos simples que atingem do público infantil ao mais maduro: retratos singelos sobre a percepção da vida e suas inúmeras camadas adquiridas ao longo das fases humanas, de suas criações e relações.

10 *Flâneur*: A palavra é um substantivo francês que significa “errante”, “caminhante” ou “observador”.

11 *Serigrafia*: Serigrafia ou silk screen, é uma técnica de impressão comumente utilizada para timbrar telas em tecido ou seda.

12 *Siron Franco*: Siron é um pintor, escultor, ilustrador, desenhista, gravador e diretor de arte. Nascido em 1947 na cidade de Goiás Velho, o goiano possui um domínio técnico peculiar com cores em tons baixos, cinzas e marrons que acrescenta certa dramaticidade para as suas obras. Dentre os seus principais projetos estão: Pássaros (1976); Figura (1980); Madona (1980) e Animais (1984).



Madona, de Siron Franco (1980)



*“Sem nome”, de Ebert Calaça (2022)
Foto: acervo pessoal do artista*

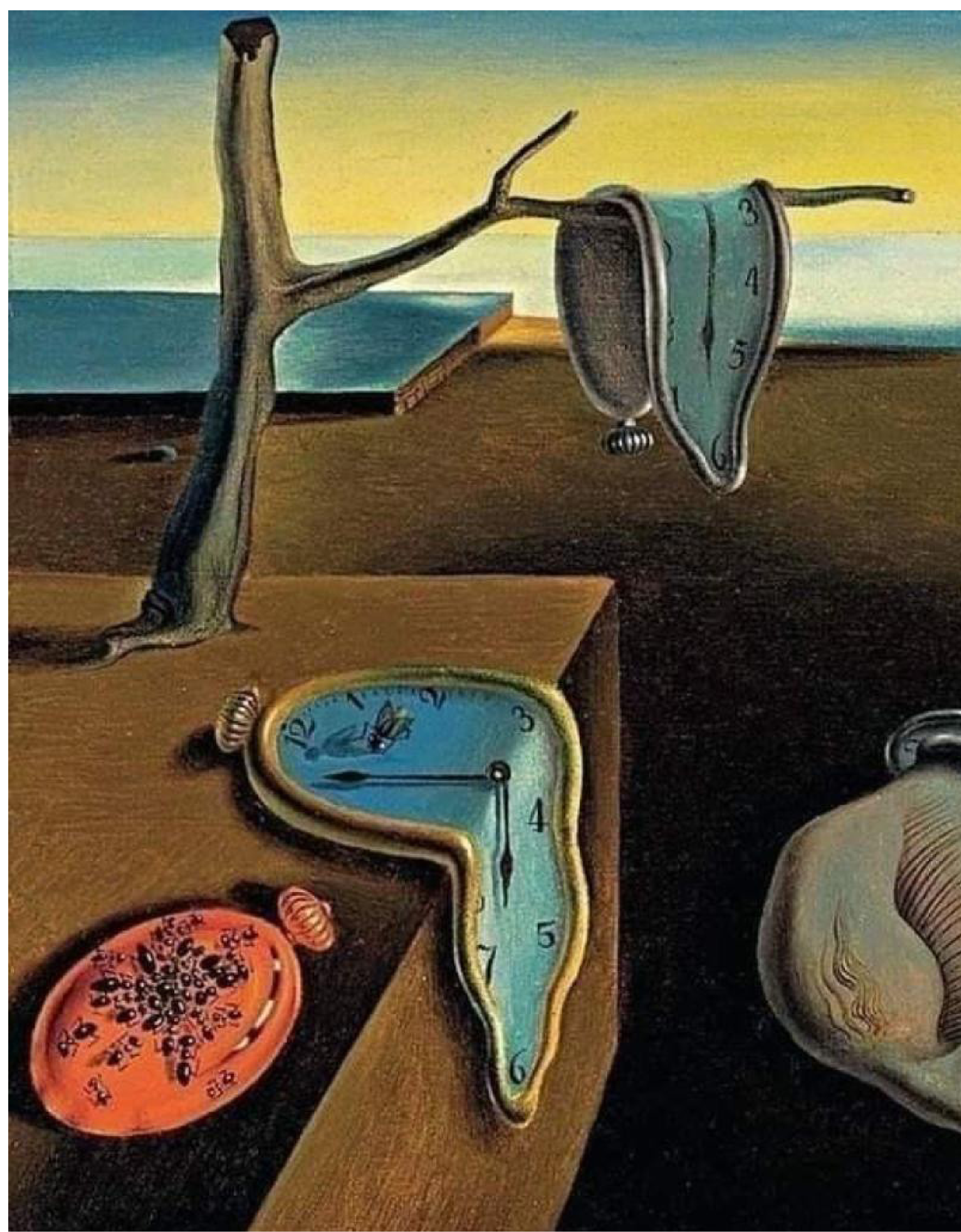
Foi um contato natural em sua vida, essa aproximação com Ebert se deu através da construção de um vínculo com seu colega de sala que, por ironia do destino, tinha um irmão mais velho amigo de Calaça. Por meio desse pequeno círculo social, surgiu um modesto grupo de desenhistas aspirantes que se encontravam durante um dia da semana para exercer o melhor ofício do mundo. Ebert é quatro anos mais velho do que Selon, responsável por apadrinhar o garoto nessa afeição familiar que estava sendo constituída, passou a instigar, indiretamente ou não, o lado curioso e desbravador do jovem que não se limitou a ser somente um simples contemplador.

Bem como um estalo: de tanto observar as obras dos amigos que ele finalmente decidiu; “Pô, vou ser artista”. Depois de anos vivendo da sua arte, ele ainda revisita memórias distantes de um garoto criativo admirador de Ayrton Senna, que como um bom brasileiro se inspirava diante dos Grand Prix conquistados pela figura mítica. Em 1992 ele o homenageava desenhando carros de Fórmula 1, especialmente o queridinho vermelho e branco do velocista brasileiro, eram rabiscos feitos com muito esmero, lineares devido a utilização minuciosa da régua, já acompanhados por figuras geométricas. Aos 10 anos, o garoto ensaiava o que viria a se tornar no futuro, o aspecto industrial estava inserido dentro dos carros de fórmula 1, apesar dos desenhos apresentarem uma ilustração muito bem definida, as figuras rítmicas do abstracionismo buscavam o florescer do seu criador, ainda tímido, mas que já apresentava seu talento em trabalhos de escola.

A criatividade é uma dádiva que não reconhece limites, se tratando do momento mais puro da vida de um ser humano, a infância, ela se torna mais potente e inesgotável. O menino tinha ideias para desenhos a todo momento, a escola era um ambiente de grande estímulo que o deixava ansioso para pegar um papel e derramar todas aquelas ideias. Ele meio que se considera um autodidata, o contexto de uma sociedade em revolução o colocava nesse papel, chegar em um amigo em busca de ajuda não fazia seu estilo, seu interesse era adquirir orientações que o moldassem como artista. Nesse sentido, a revolução informacional ao final dos anos 90, advinda pela ascensão da internet através da sua

democratização facilitou o processo para o jovem. Foi pesquisando no computador da sua casa que ele teve acesso aos trabalhos de grandes artistas internacionais e nomes que revolucionaram o mundo artístico.

Em meio a intensidade de suas pesquisas que tornaram parte do seu dia-dia, e no momento encontra-se como um hábito essencial para a sua vida, Selon descobriu nomes que o inspiraram, como o de Salvador Dali¹³, mestre do surrealismo. As obras de Dali demonstravam a desintegração do real ao subverter as noções básicas da vida e suas acepções. Talvez o personagem não tenha um olhar necessário para subverter o real no viés plástico, mas desintegrar a realidade figurativa e reorganizá-la é uma ação que ele domina com maestria.



*A persistência da memória, de Salvador Dali (1931)
foto: Pixabay*

Calaça é, indiscutivelmente, o responsável por inseri-lo dentro do amplo universo dos bombs, wild styles¹⁴ e throwups¹⁵. Entretanto foi Daim¹⁶, um grafiteiro alemão mundialmente reconhecido pelas suas visionárias obras em 3-D, que o deixou fascinado pela arte. Difícil é não se apaixonar pelas figuras tridimensionais do alemão, a imersividade apresentada em suas exposições alcança a oitava dimensão e desperta em

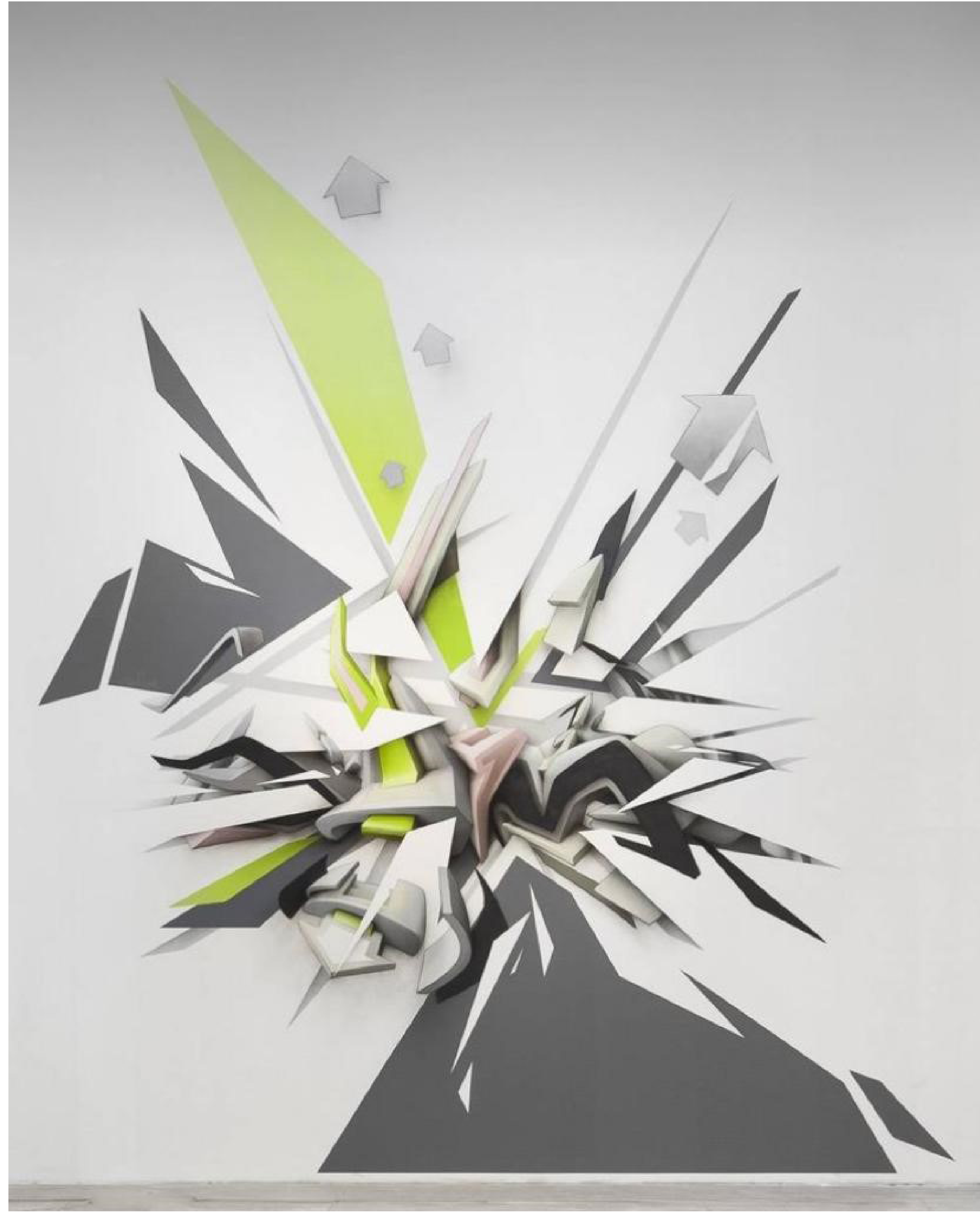
13 *Salvador Dali*: Dali (1904-1989), foi um pintor espanhol considerado o mestre do surrealismo. Suas obras são subjetivas e apresentam ingredientes como ilusão de ótica, truques de perspectiva e hologramas. Com quadros inovadores para a época, Salvador misturava situações ímpares, surreais e não convencionais. Dentre suas principais obras estão: O enigma sem fim (1928); A persistência da memória (1931); Girafa em chamas (1937) e A última ceia (1955).

14 *Wild Style*: É uma vertente do grafite considerado como uma evolução do bomb por apresentar letras dismórficas e de difícil interpretação.

15 *ThrowUp*: É a mesma representação vista no bomb, mas ao contrário da versão clássica, os throwups são famosos por não apresentarem preenchimento.

16 *Daim*: É um artista alemão especialista em grafite 3-D. Nascido em 1971, o artista consegue equilibrar figuras geométricas, letras, luz e sombra em suas composições.

quem tem o privilégio de presenciá-las pessoalmente a sensação de estar em um filme live-action¹⁷ de alguma animação consagrada, interagindo com figuras animadas.



**Obra tridimensional, de Daim (2014)
foto: Kolly Gallery (Studio Meets Streets)**

O processo imersivo ancorado nas suas criações foi uma inspiração clara e genuína para o artista, que passava horas dentro do seu quarto desenhando algo que se aproximasse das imagens que ele vislumbrava através da tela do seu computador. Porém, os trabalhos que ele passou a desenvolver durante sua caminhada, culminando em uma imersão fiel ao público através de materiais palpáveis a todos, tornou seu trabalho mais empolgante por se aproximar da realidade sem soltar as mãos da criatividade.

Voltando ao início dos anos 2000, era possível encontrar portfólios de artistas internacionais na internet. Artistas que já caminhavam pelas ruas de suas respectivas nações há anos, mais precisamente durante os anos 80 e 90. No início do século 21, a camisa verde e amarela caminhava a passos largos na cena, com aventureiros explorando as metrópoles centenárias do país. Naquele momento, era possível presenciar os primeiros passos dos irmãos paulistas que formaram a dupla, OS GEMEOS¹⁸, com seus personagens cartoonizados que alcançaram o mundo.

Responsável por colocar artistas como, OS GEMEOS, em evidência no cenário brasileiro, a revista “Graffiti”¹⁹ inspirou diversos jovens a buscarem um espaço no contexto artístico e urbano de suas respectivas

17 *Live-action*: Termo cinematográfico utilizado para definir adaptações de desenhos a partir de interpretações realizadas por atores reais.

18 *Os Gêmeos*: É uma dupla de grafiteiros composta pelos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo. Nascidos em 1974, os irmãos criaram a dupla durante os anos 80, desenvolvendo experiências visuais que excedem a racionalidade e estimulam a imaginação do público.

19 *Revista Graffiti*: A revista foi uma referência e uma das principais fontes de informação sobre a arte vandal no início dos anos 2000. Iniciada por Marconi e Alexandre de maio, a editoria tocada por Binho Ribeiro abordava pautas sobre o universo do grafite, desde os principais grafiteiros da época às mais diversas obras e técnicas de produção artística e urbana. A revista circulou por oito anos, de 2000 a 2008, publicada bimestralmente pela editora Escala.

idades. Selon, no auge da sua adolescência, apreciava as fotos timbradas em pôsteres de grafiteiros que contavam suas histórias sem qualquer pingo de romance, capaz de retratar a rotina corrida de um artista em busca do próximo pico. As obras de cada um ficavam expostas não somente nos muros de uma avenida ou viela, mas também em folhas de papel pregadas na parede dos quartos de adolescentes que sonhavam em fazer algo parecido. Foram cerca de 78 edições e 35.000 cópias da revista que marcou uma geração, ao contrário dos tutoriais presentes no YouTube, a arte dos traços finos e grossos, das coberturas e toda técnica necessária para o desenvolvimento de uma estética eram ensinadas pelas páginas dessa editoria.



*Painel “Conectividade”, de OSGEMEOS em Nova York (2022)
foto: OSGEMEOS*



*Intervenção em rolinhos 2, de Selon (2006)
foto: acervo pessoal do artista*

As referências do rapaz não eram muitas se comparadas ao acesso infinito de informações que a sociedade passou a ter apenas na palma da mão, mas elas foram suficientes para um jovem de 16 anos. Os gringos já tinham seu próprio site, os novos artistas brasileiros estavam despontando na mídia impressa, e os goianos, ávidos pela cultura alternativa, tinham “apenas” a rua. A vida do artista promissor era sair na rua e observar os picos com maior potencial para uma intervenção, ao mesmo tempo que ele batia de porta em porta para tentar vender um desenho para seus vizinhos ou pelo menos tentar a autorização deles para pintar os muros do bairro sem ser incomodado. Foi com essa atitude abarrotada de coragem e desprendimento que em 2004 ele conseguiu vender seus primeiros trabalhos.

Naquela época, o jovem estava cercado por pessoas que buscavam um propósito parecido com o seu, foram elas que moldaram sua personalidade no ramo e o engrandeceram como pessoa, antes mesmo do artista Selon, existir. Calça já fazia parte da sua vida, era um momento de descobertas para ele, afinal uma adolescência bem vivida é aquela municada por curiosidade. Antes da virada do milênio, AIOG, artista carioca que fez sua história em Goiânia, adentrou na jornada do perfilado como um parceiro essencial para engrandecer ainda mais essa curiosidade e transformá-la em realizações pessoais ao explodir todos esses sentimentos em criatividade desnuda exposta nas primeiras realizações dos garotos.

Garotos que construíram um grupo logo nos seus primeiros passos rumo a uma carreira na cena, que indiscutivelmente elevaria o patamar de produções artísticas dentro do estado. O grupo não tinha nome e nem mesmo era um em sua característica plena, podendo ser considerado como uma reunião frequente de jovens entusiasmados e preparados para absorver qualquer novidade que se apresentasse, tal qual uma esponja. Calaça, que estava alguns patamares acima em relação aos dois meninos, já realizava intervenções que não se limitavam somente aos sprays e rolinhos, adotando a aerografia²⁰ como ferramenta contempladora de desenhos bem detalhados que agregavam ao seu portfólio.



Aerógrafo
foto: Pixabay



Intervenção em beco baldio de Goiânia, por Selon (2023)
foto: acervo pessoal do artista

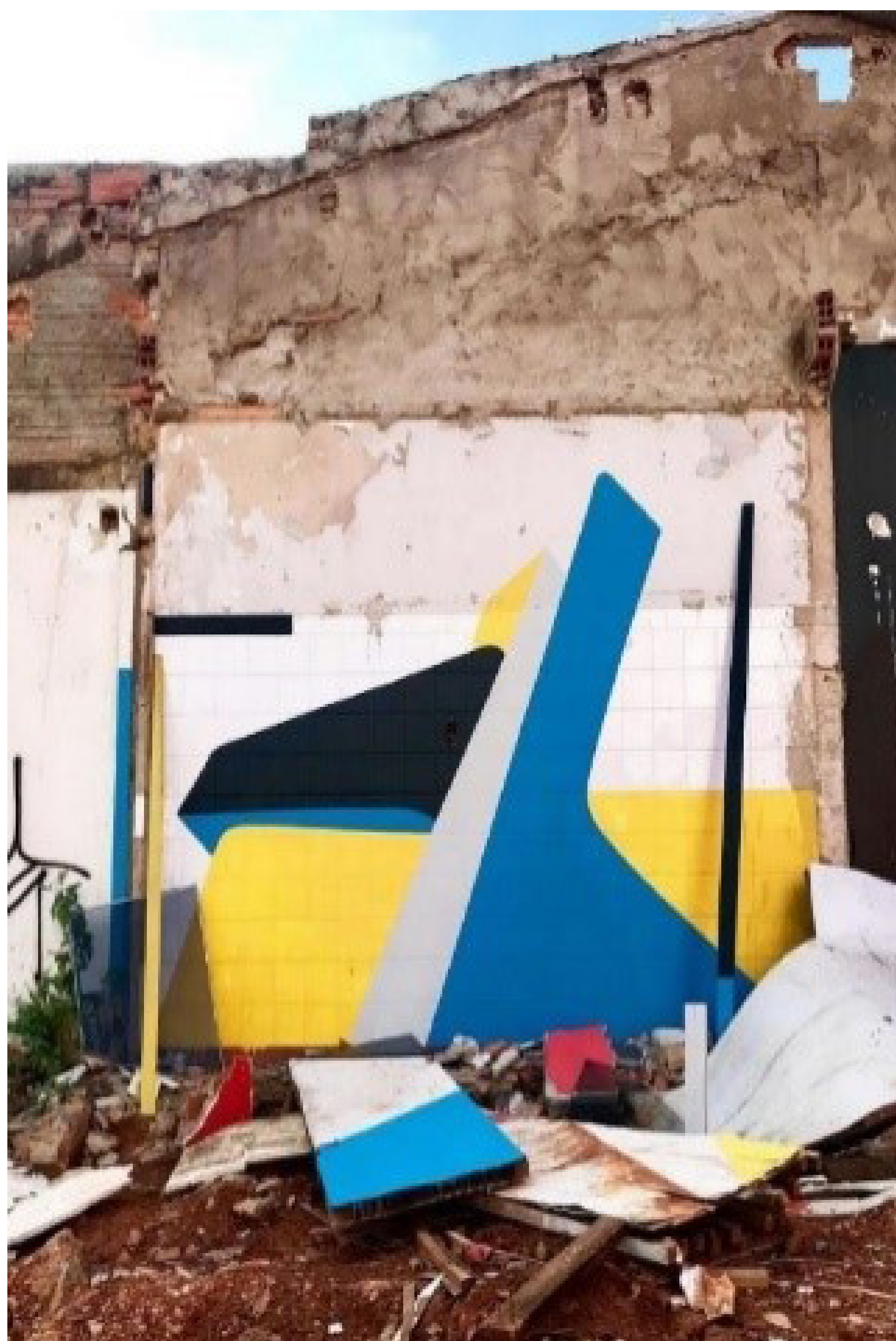
Antes de ter um grupo de amigos que se aventuravam pelas ruas da grande Goiânia em busca de espaços perfeitos para serem explorados, Selon já externava todo seu ímpeto e curiosidade através dos bombs. Durante o início da sua caminhada, AIOG se fez presente em suas melhores lembranças: era durante os finais de semana, único momento que os adolescentes poderiam realizar suas vontades sem serem incomodados, que os dois treinavam as técnicas de uma das principais vertentes do grafite.

A vertente artística não poderia ser mais simples, o grafite não é somente um produto homônimo e muito menos algo autossustentável, para que ele funcione como arte é preciso que seus espectros estejam muito bem representados e em estado de consonância. Mas que espectros são esses? É possível citar os principais, a base da prática que exalta a simplicidade. Depois da pichação, ou tecnicamente conhecida como TAG, construída por um coro de linhas nem sempre lineares, surgem os bombs, o momento em que as linhas adquirem o adorno dos delineados.

Os dois realizavam esses espectros ainda no período escolar, época em que os lugares ficaram pequenos para eles a partir da evolução técnica de cada um. Técnicas de caráter ornamental e sentimental conquistada pelos, até então, aspirantes em um mundo intenso e acolhedor.

²⁰ *Aerografia*: É uma técnica de pintura e ilustração que utiliza o aerógrafo para execução. A ferramenta se assemelha a uma caneta ou pincel, cuja tinta presente em seu interior é bombeada pelo ar comprimido. O aerógrafo passou a ser utilizado pelos grafiteiros como uma alternativa ao spray, com foco em adquirir traços mais finos nas intervenções.

“Eu vou explorando a cidade com o grafite, quero ir mais longe, quero ir para um lugar em que eu passeie”.



*Intervenção na Avenida T-7, por Selon
(2019)
foto: acervo pessoal do artista*

As atividades com AIOG foram o pontapé inicial para maiores experiências que aguardavam o próspero artista. Como usar a tinta? Onde encontrar os materiais? O que fazer? Eram perguntas recorrentes que compunham todo o processo de aprendizagem, que só foram respondidas através dos equívocos ocasionados pelas recorrentes tentativas. Entre os erros e acertos, surgiam novos personagens para agregar ao espaço criativo da cena.

Os novatos só precisavam de uma oportunidade para fazer valer todo o esforço dedicado ao advento da arte na cidade. Não era somente uma busca pessoal de aceitação, apesar dos jovens não saberem, ao menos na época, que toda a luta para aprender a dominar um sonho, uma vocação entranhada na alma de cada um, os tornariam a válvula de escape que o grafite tanto esperava de uma cidade ainda bastante centralizada em nichos incapazes de dialogar com ele.

Foi na Avenida Mutirão, importante via comercial de Goiânia, que os iniciantes receberam a tão esperada chance de ouro. Eis uma informação que não fará sentido para os leitores, ao menos a princípio, é preciso discorrer sobre um fato consumado a respeito do ar que os goianienses respiram: um ar totalmente tomado pela cultura automobilística, seja pela alta quantidade de monóxido de carbono (CO), levando em consideração o sentido literal da frase, ou até mesmo pela paixão compartilhada da população pelas carcaças de aço, alumínio e magnésio sobrepostas em quatro rodas.

Diante de 983.000 veículos que circulam pela cidade, foi justamente uma concessionária automotiva a responsável por propiciar o primeiro grande trabalho artístico em grande escala para ele. A tão famosa via

localizada no Setor Marista, abraçada por concessionárias de renome é, sem dúvidas, uma das principais responsáveis pela constante crescente do fluxo viário na capital. Naquele momento, ainda sem tanta culpa no cartório, uma delas receberia em sua propriedade uma obra de arte extremamente valiosa.

O artista já estava habituado a desenhar carros, aqueles que fizeram de Ayrton Sena um ícone nacional, o ambiente que ele adentraria por alguns meses não era estranho e sim familiar aos tempos de um adolescente que ainda não se preocupava em pagar boletos. O trabalho era simples: reviver um quarteirão inteiro, algo que foi feito com maestria, com um ímpeto intenso que só pode ser agraciado quando ainda se é jovem aos olhos da biologia.

Para fazer valer o valor investido no mural, Selon e AIOG precisavam de materiais à altura da demanda, foi analisando todas as possibilidades que os jovens decidiram chamar um amigo próximo que municiava de bons objetos, principalmente aerógrafos, fator primordial para constituir a base de toda intervenção. O quarteirão era formado por três lados espaçosos e alongados, em sua maioria já rabiscados pelo ar comprimido da ferramenta. Rabiscos que tomaram a forma de carros extremamente estilizados, equiparáveis aos apoteóticos veículos presentes na extensa filmografia de “Velozes & Furiosos”.

Já na metade do trabalho, seus amigos deixaram de aparecer. A existência do coleguismo dentro da cena não anula o individualismo presente nas necessidades pessoais, com o trabalho deles já finalizado, por que continuar?

Foi nos muros da concessionária que ele de fato representou com bombs o complemento da sua obra, homenageando seus amigos ao estilizar seus nomes no final do painel. Naquele momento até os homens plantas deram as caras, sim, homens no plural, eram um bom número de descendentes da raça que conversavam com os nomes e o logotipo da empresa, todos ali no mesmo quarteirão.

AIOG é a representação do bomb em seu estado mais puro, uma referência na área, capaz de integrar a estética clássica com personagens e objetos materializados que instigam uma análise e reflexão ampla em seus painéis espalhados ao redor do país. Selon sempre admirou essa estética, indexada por ele mesmo em seus cadernos de faculdade customizados com seu nome, porém pintá-las de forma assídua nas ruas nunca foi sua sina.

O trabalho foi motivo de orgulho, mas o abstracionismo puxava-o incessantemente para um caminho diferente daquele que seus parceiros trilharam, as formas geométricas eram constantes em sua mente. Não obstante, os rolinhos já estavam prontificados e a ponta entrega nas mãos do jovem que saía nas ruas da metrópole para apresentar todas elas.

Era o início de uma nova história, um novo universo se apresentando, alimentado por todas as transições de interesse estético essenciais para o desenvolvimento do que viria a ser sua identidade. A extensão da arte pública começa a partir desses experimentos, das transições entre a ideia do autor e o seu relacionamento indireto e muitas vezes direto com a comunidade.

O painel não foi o primeiro trabalho que o jovem conseguiu lucrar, ele é especialista em vender alguma coisa, não importa o quê, ele sempre transformava algum material em objeto de valor. Foi na Escola Politécnica

da PUC Goiás, onde se encontra o curso de design, localizada no Setor Universitário, um local estratégico para o plano urbano, responsável por abraçar duas das principais universidades do estado, que o então graduando empreendia seu pequeno negócio.



*Intervenção no Conjunto Riviera em Goiânia, por Selon (2017)
foto: acervo pessoal do artista*

É justamente nesse setor que, em período eleitoral, a praça do bairro e as ilhas espalhadas pelos cantos do distrito enchiam de estudantes e integrantes de movimentos sociais mobilizados em prol da eleição do seu respectivo candidato. Em 2006, ele já era quase um nativo do setor, sabendo muito bem como lucrar durante esse intenso período. Eram vários adesivos de políticos distribuídos em dimensões 30x10, cujo o principal efeito segue sendo a poluição gratuita do ambiente, mas que nas mãos certas faziam a diferença. O artista pintava esses adesivos e vendia a 1 real, o suficiente para seduzir alguns compradores que adquiriam os adesivos revitalizados do estudante.

Sobre o destino: aquilo que não se pode alterar, é um ato certo, desprezioso e incendiário. Algo que chega sem se ver, somente perceptível no final da vida, naquele último dia, naquela última noite. A arte urbana sempre foi o seu destino, todas as histórias da sua vida o levaram até aqui. Ainda na faculdade, um processo árduo se aproximava, a famosa Tese de Conclusão de Curso (TCC). Para ele o processo foi prazeroso devido ao tema abordado, simplesmente tudo que ele desenhava em seu caderno, os bombs e wild styles tímidos no centro e canto das folhas tornariam objeto de estudo final da graduação.

Selon decidiu realizar uma tipografia digital sobre as nuances do grafite, foram levantamentos históricos e análises sobre a aplicação dos caracteres, estilos, formatos e arranjos visuais na forma das letras. Não eram letras comuns, eram as embaraçadas, pontiagudas, excêntricas e rebeldes, sinônimos da caracterização interpessoal e original de cada camada artística. Às vezes um triângulo ou uma seta, mas nunca algo

manjado e calculado. Essa deformação do alfabeto, uma técnica única e vivaz, foi abordada durante toda a sua vida. Um contraste capaz de conversar com a selvageria do mundo real.

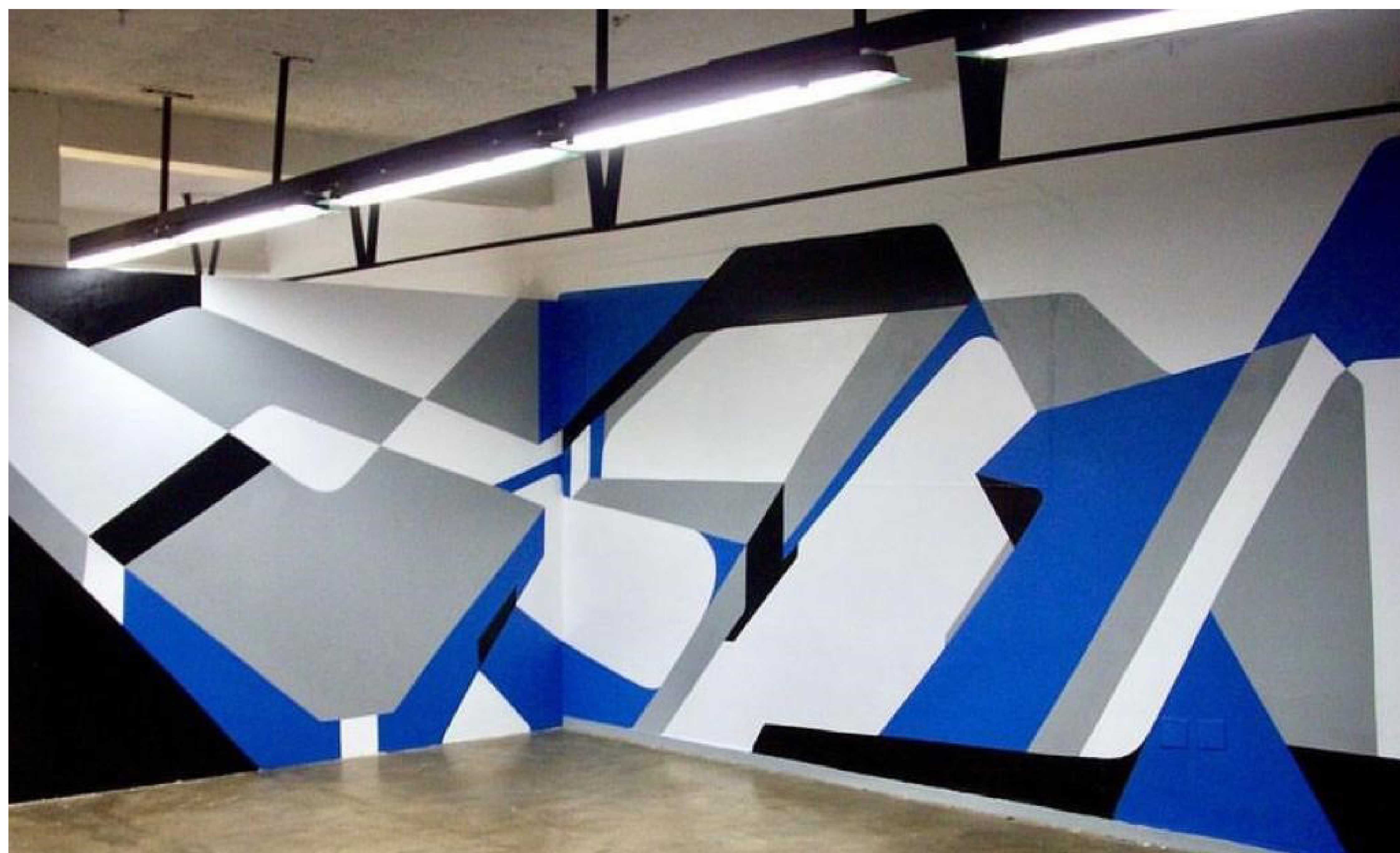
Muito se engana aquele que acredita no dom dos artistas, ele não é um alícerce materializado, no máximo um termo imagético para espetacularizar a predisposição com maior vigor e altruísmo. O artesão seguiu em frente com os estudos, e não para conquistar mais diplomas, mas para chancelar a sua carreira. Uma paisagem rural para ser representada necessita de um profundo conhecimento acerca das colorações, sombreamentos, longitude e latitude, os desdobramentos terrestres e a fisionomia das folhas. Apenas biologia banhada com botânica, astronomia e geografia presentes em uma única obra.

Não se deixe levar por alguém apto a afirmar que para desenhar algum animal não é preciso saber anatomia; ERRO EDIONDO! Imagine o trabalho que uma simples vaquinha deve dar.

Após a faculdade, ele até tentou seguir uma vida voltada para o mundo corporativo do design, conciliando com a árdua batalha para alavancar sua carreira artística. Entretanto, o seu sonho tomava toda a atenção, implicando em altas expectativas e pouca concentração nas fastidiosas demandas burocráticas presentes em uma rotina determinada pela CLT.

O jovem impetuoso sabia que para as suas expectativas se concretizarem era necessário debruçar-se em todas as ramificações figurativas e geométricas presentes no abstracionismo. Ele já tinha um bom repertório nas formas abstratas que foram se desdobrando ao longo dos anos, após muita persistência o artista sentia-se confiante o suficiente para iniciar a procura por oportunidades que ampliassem o seu portfólio.

Aos poucos o aventureiro começou a entrar em editais, um trabalho de formiguinha que já acumula 23 anos. Foram alguns salões em Anápolis, trabalho premiado em Jataí e exposições no Oscar Niemeyer que fizeram daquele garoto comedido e observador uma das principais referências da arte urbana moderna. Ele acredita que a oportunidade de utilizar uma verba pública para promover um trabalho autoral é uma dádiva voltada para poucos, o esmero no trabalho é o mínimo comparado a responsabilidade do produto em alcançar a comunidade de forma ampla.



*Mostra no Museu de Arte de Goiânia, por Selon (2011)
foto: acervo pessoal do artista*

A responsabilidade de conversar com o público varia entre cada contexto, a amplitude está presente na dinâmica da cidade e o que os seus respectivos pontos podem entregar. Enquanto suas obras não sofrem o efeito do tempo, a correria do dia a dia destaca com serenidade sua faceta perante veículos e corpos humanos.

O primeiro passo do trabalho começa antes mesmo dele iniciar, o diálogo entre artista e contratante não se altera, independente se o contratante for de iniciativa pública ou privada. É necessário que ambos entrem em consenso sobre os rumos do projeto e que o autor esmiúce cada região que ele irá intervir, considerando as vontades de todos os envolvidos.

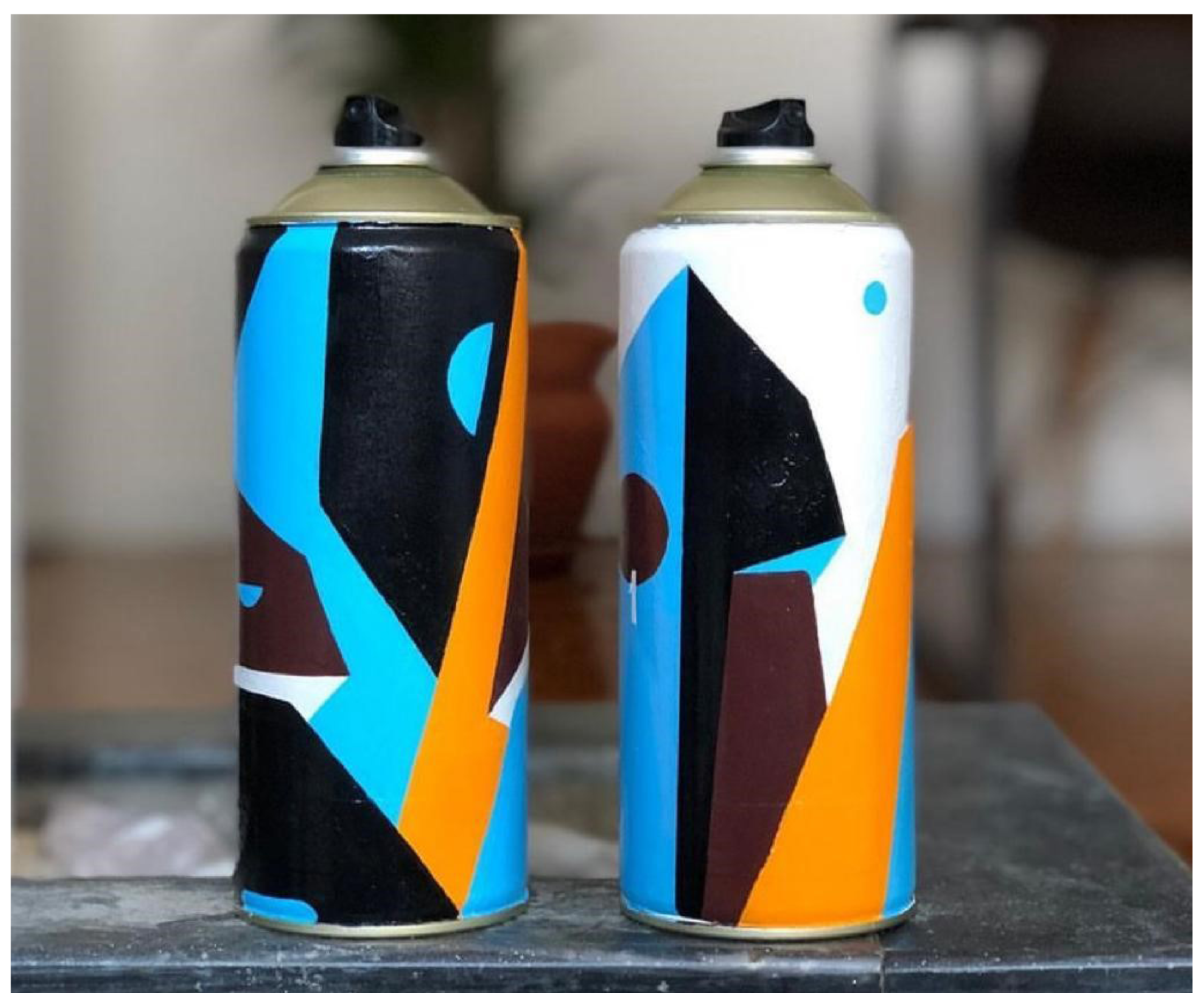
O artista trabalha dessa forma, não existe alguém tão compreensivo e atento às necessidades alheias como ele. A sensibilidade é o que separa os meninos dos homens no meio artístico, compreender e aceitar um olhar diferente deve ser aceitável. No meio cromático, por exemplo, Selon deixa em aberto inúmeras possibilidades a partir da vontade do público, as cores e suas tonalidades são adaptáveis ao momento.

Apesar do maleável ser um ato preponderante, existem pontos da edificação no desenvolvimento que são imutáveis e precisam ser respeitados. Os desenhos do artista possuem um repertório formal responsável por selar a sua persona, em seu caso é justamente a moldagem das formas que lhe representa. Para ele cada repertório é constituído de momentos, seja parado, em repetição contínua, ou até quando eles se transformam em figuras totalmente novas.

É necessário estabelecer uma comunicação entre as figuras e a superfície habitada por elas, essa sinergia é o que determinará o resultado enfático da obra. Seja em um painel, onde a sinergia depende da arquitetura do local, ou nos residuais que propiciam um maior dinamismo e suporte aos trabalhos. Independente dos espaços, as linhas tridimensionais estabelecidas por Selon permanecem irretocáveis, com um segmento retilíneo realizado sem nenhuma régua ou objeto-guia, apenas os rolinhos e a tinta.

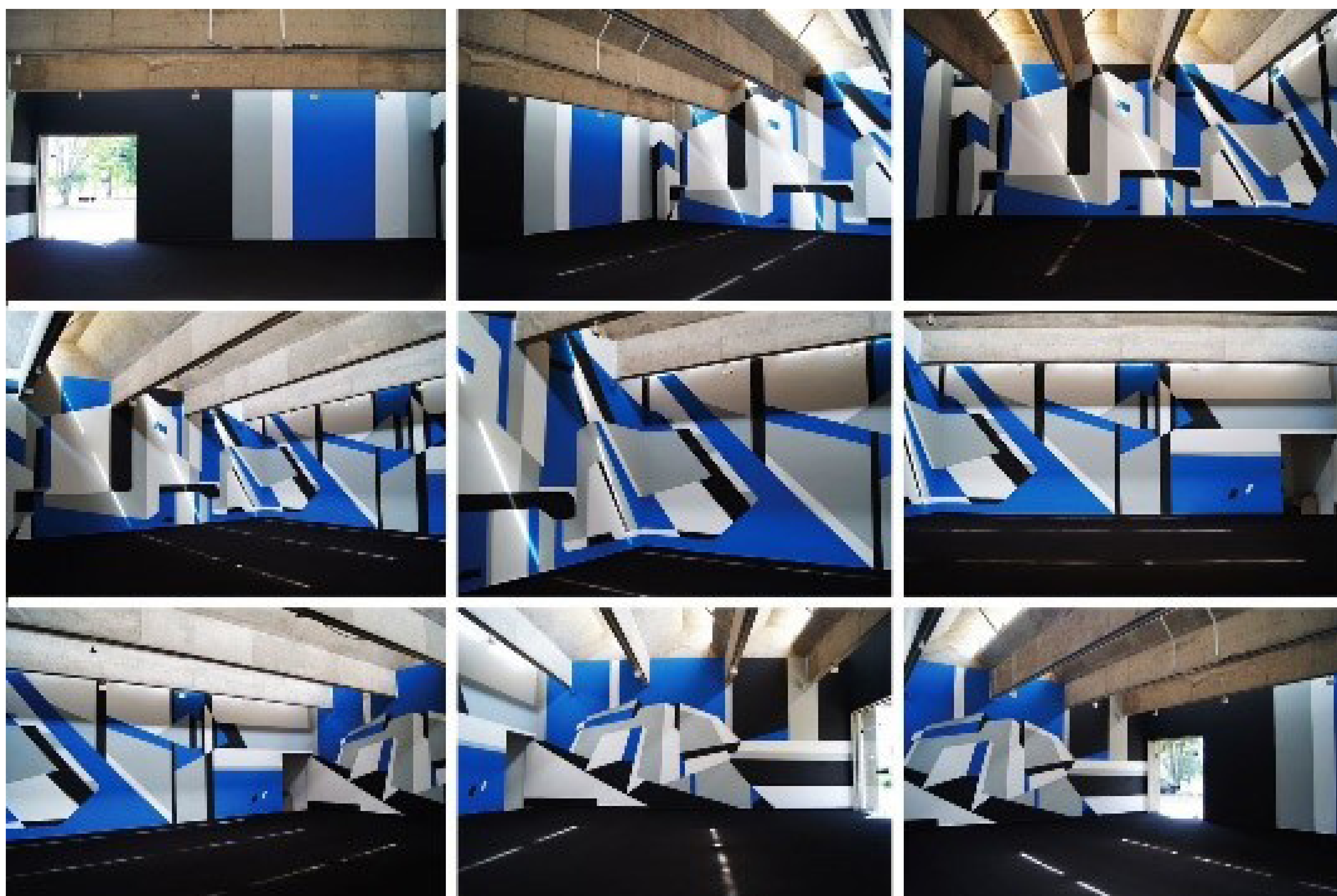


foto: Lu Barcelos



*Latas de tinta spray personalizadas, por Selon
foto :acervo pessoal*

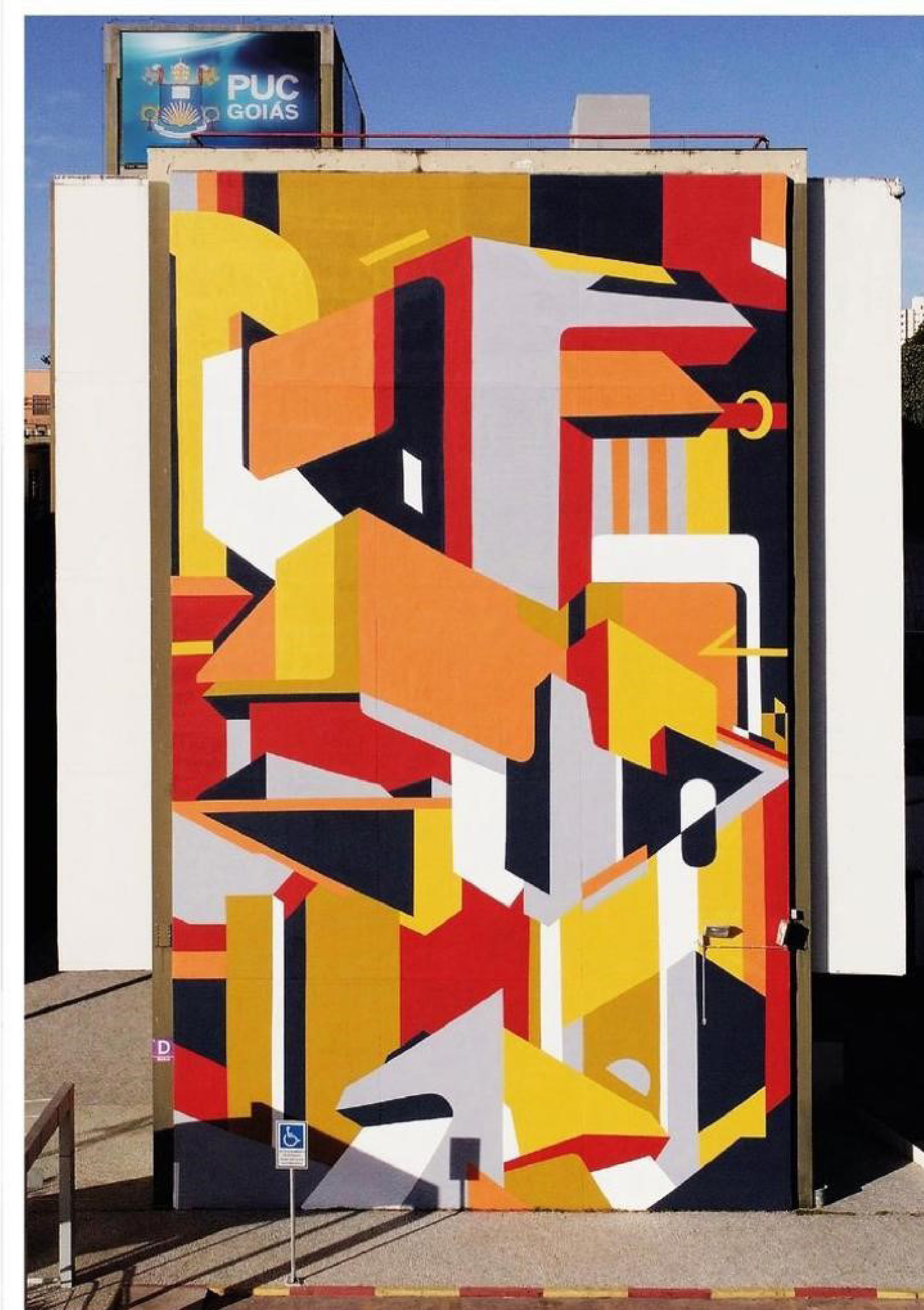
O artista se camufla em diferentes meios com extrema facilidade, sua compreensão acerca do horizonte construído pelo homem ficou evidente na sua exposição “Novo Horizonte”, realizada em 2012 na galeria da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Pintando do chão ao teto, o trabalho foi sua primeira experiência imersiva, prendendo a atenção do público com tamanha simplicidade. Foram apenas seis cores: azul, preto, branco, cinza, amarelo e vermelho. Capazes de ampliar o espaço e representar a sua percepção sobre o aspecto urbano.



*Exposição “Novo Horizonte”, por Selon (2012)
foto: acervo pessoal*

Uma das principais características desse trabalho foi colocada em xeque pouco tempo depois através das cores neutras. A teoria das cores de Mondrian já não fazia tanto sentido após Selon iniciar sua pós-graduação em Artes Visuais, quando ele passou a ter contato com outras tonalidades. Essa nova perspectiva potencializou a sua carreira, incorporando novas métricas para as obras. Diante dessa nova descoberta, ele passou a vislumbrar inúmeros contrastes, principalmente os industriais presentes em embalagens de produtos domésticos, com cores mais acentuadas que traziam inconformidade em um lugar onde o casamento delas, geralmente, se aproxima da perfeição. Nesse ponto, reaproveitar tinta de outros projetos já não era um problema.

Um dos melhores momentos dessa fase foi sem dúvidas o grande painel no Setor Universitário. Foi mais um caso de “o bom filho à casa torna”, quando por ironia do destino a universidade cruzou o seu caminho mais uma vez. Há cinco anos atrás, mais precisamente em 2017, o artista participava de uma iniciativa pública chamada “Projeto Invisível”, organizada pelo Fundo de Arte e Cultura de Goiás (FAC). A intervenção que seria realizada no Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro²¹, acabou sendo transferida para outro pico devido aos problemas estruturais do local. Durante a procura de um novo espaço, a PUC Goiás abriu as portas para o seu célebre aluno, que já havia realizado um trabalho em conjunto com a instituição ao pintar os muros que cercam a sua propriedade e que agora iria colorir um dos principais prédios da universidade.



“Projeto Invisível”, por Selon (2017)
foto: acervo pessoal

Foram árduas três semanas até a obra de 150m² finalmente existir. O projeto conseguiu unir um emaranhado de cores e tonalidades, do laranja

221 O Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro foi inaugurado em 21 de junho de 2006, com o objetivo de democratizar o acesso da população aos bens culturais e fomentar o talento local em todas as suas formas de manifestação. Fonte: Prefeitura de Goiânia.

à areia, que perpassa pelo amarelo, o cinza e o chumbo do cimento, todos ali em sincronia. São mais de 10 cores, ao menos até onde se pode contar, que através da não linearidade se faziam valer do relacionamento entre o homem e a cidade. Uma relação atordoada e fora de prumo, mas que ao final de cada jornada perpassa uma única mensagem, um questionamento: valeu ou não?

Entre os picos de ansiedade e a busca por aumentar a dinamicidade das suas produções, Selon passou a rever a utilização de muitas cores durante o seu processo criativo. O recálculo de rota durante a estrada da vida é feito a todo momento e por todo ser humano que se preze, com ele não seria diferente. Um leque de possibilidades que surgiram em um momento de novas descobertas já não servia mais, o perfilado estava disposto a retornar aos velhos tempos.

Ele admite que voltar ao passado na altura do campeonato não será fácil, a função da máquina capitalista não o permitiria se reinventar com boletos para pagar. O mercado quer o que o mercado quer, às vezes é necessário se deixar levar, mesmo que só por um instante, e ceder às amarras mercadológicas. Apesar da insatisfação momentânea com o excesso de cores, nem mesmo ele sabe se isso vai perdurar por muito tempo. Com o passar dos anos as bagagens acabam pesando na mente e nas costas de quem por tanto tempo batalhou para construir uma carreira, com o acúmulo de experiências é normal que os questionamentos apareçam para alimentar novas dúvidas.

Sem ter a certeza de para onde sua carreira está indo ou para onde ele quer que ela vá, Selon vai levando, em meio há tempos dúbios, seus projetos com o acréscimo de saber equilibrar todo o conhecimento e habilidade adquiridos em prol da divulgação das suas crenças através dos mistérios subjetivos que carregam o abstrato.

As divergências encontradas nesse momento são pequenas comparada a dimensão que o seu nome alcançou. Ao lembrar de momentos simples em que o grafite se tornou a única coisa no mundo capaz de transformar vidas e revitalizar ambientes marginalizados, ele sabe a importância que os seus projetos carregam abarca uma noção muito clara de responsabilidade social congruente por uma mentalidade disruptiva.

Um pensamento capaz de romper as noções do comum ao urbanizar desenhos que muitas das vezes se encontravam somente em museus de alta classe. Selon acredita que diante de tanta desesperança, existe um caminho próspero para cada um, esperando ser trilhado, aguardando o seu dono encontrá-lo; como em um momento, quando esse alguém deixa de lado as responsabilidades caóticas e observa uma obra discreta no canto de uma viela, capaz de fazê-lo refletir a respeito da sua alma.

Conceber todo o seu traçado em locais abarrotados de poucas perspectivas é o que torna o processo gratificante, são duas décadas realizando intervenções que façam sentido para muitos e não para uma pequena parcela da comunidade. Talvez um dos momentos que melhor represente essa caminhada seja a atividade realizada por ele no Jardim Novo Mundo, um bairro que abriga grande parte da população de baixa renda da capital. Conhecido como, “Pintando o Novo Mundo”, o edital foi realizado em 2010 como parte do programa Conexões Artes Visuais organizado pelo Ministério da Cultura, Funarte e Petrobras.

O bairro da região leste de Goiânia recebeu três painéis colaborativos realizados por 24 grafiteiros de várias partes do país com o intuito de aproximar os jovens da cultura. Para Selon, foi mais uma oportunidade de trabalhar com Ebert e AIOG e relembrar os velhos tempos, uma verdadeira epopeia de estilos que se estenderam pelos muros de duas escolas públicas.



*Projeto “Pintando o Novo Mundo”, por Selon
(2010)
foto: acervo pessoal*

A oportunidade foi muito além do que apenas expor desenhos, o movimento garantiu um processo de integração completo entre os artistas e os estudantes do bairro. As figuras abstratas do artista ficaram marcadas em um dos murais, ainda discretas, com poucas tonalidades. Entretanto foram as oficinas e a capacidade de ensinar para as crianças tudo que ele havia aprendido até então, a responsável por marcar sua memória e o seu coração. Não apenas ele, mas todos os outros 23 artistas mostraram que uma porta sempre estará aberta para quem acreditar.



*Projeto "Pintando o Novo Mundo" (2010)
foto: acervo pessoal*

Existe uma utopia por parte de Piet Mondrian, uma ideia, um substantivo do futuro, a necessidade de sempre olhar para frente sem se preocupar com o que ficou para trás. Nosso ser criativo acredita que o melhor sempre estará por vir e o eterno deslocamento de corpos representará a sua melhor versão. É por isso que ele sempre está em movimento, a pregnância não combina com o seu estilo, os seus trabalhos devem ser postos em prova, como uma ordem.

A teoria das cores é só mais uma vertente a ser contestada, a arte exerce esse efeito sobre ele. A única constante capaz de imperar em seu âmago é o carinho pelas suas obras, algo que está muito ligada ao cristianismo.

Selon é um homem cristão e carrega consigo a vontade de fazer para o próximo o que ele gostaria que fizessem para ele. “Mais bem-aventurado é dar do que receber” (Atos 20,35). Como já foi dito, ao mesmo tempo que a arte entrega, ela pede. Já que as obras trabalham com reciprocidade, o artista não compartilha da mesma necessidade, ao menos ele não precisa.

O seu repertório é como se fosse um alfabeto informal, algo próximo ao grafite raiz, mas que se desvai até formar novas letras. Na hora de produzir, ele dispõe letras iguais, mas em inúmeras formas até que seja possível construir outras palavras ao ponto de elas encontrarem um novo conjunto de figuras. Agora é possível dizer que ele alcançou a letra “p”, ao menos para indicar o nome do seu mais novo capítulo: “Pintura de intervenção”.

Esse é o caminho a se debruçar, a pintura que restaura e dialoga diretamente com os eixos urbanos. Ao mesmo tempo que o cristianismo restaura as almas, a arte restaura objetos, que não obstante, restaura significados. Essa é a máxima constante, muitas vezes repetitiva, porém imperante ao relacionamento que a arte urbana estabelece com os espaços.

Selon agora com seus 40 e poucos anos já não tem o mesmo fôlego de outrora, mas segue deixando seus rastros pelos cantos da cidade sempre que pode. Um artista bom é aquele que não para de circular, nesse aspecto ele não é insuficiente. Com os olhos abertos em cada canto da cidade, observando e analisando: “olha ali, aquele lugar eu posso pintar”, ele garante a liberdade e a presença de outrora.

Buscando sempre falar do que ele não é, alimenta-se certo instinto artístico em uma cidade ainda carente em cultura, mas com uma semente prestes a desabrochar. Atravessando todas as incertezas e certezas, um homem pardo e essencialmente urbano procura com honestidade representar o que há de mais real no mundo, a civilização.



***“O ciclo”, por Selon (2012)
foto: acervo pessoal***

Capítulo 2

Traços de colagem e revolução

Nascido em 2006, a identidade artística de Diogo Rustoff sempre esteve vinculada a uma vertente particular e democrática do grafite. Antes de se aprofundar nos meandros da sua existência é possível notar que Diogo encontra-se uma geração a frente de Selon, uma distância não abrupta, mas suficiente para determinar uma nova faixa etária.

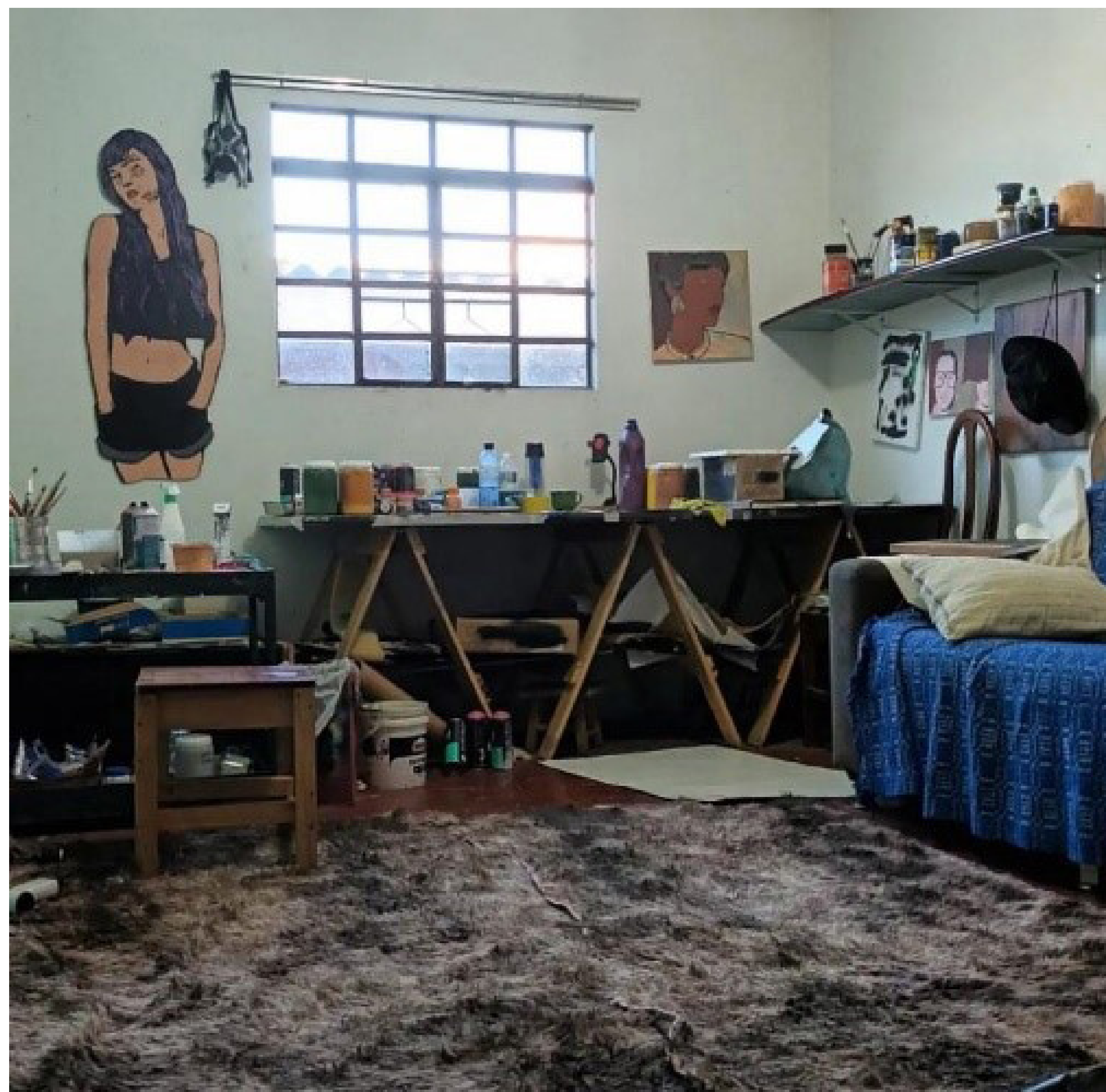
O grafite só existe devido a homogeneidade da sua classe, uma classe de artistas que variam desde as gerações até os seus respectivos gêneros. Independente da categoria em que cada um se enquadra, a competitividade torna-se inerente a prática. É da natureza do grafiteiro ser competitivo? A depender do Diogo, não. Ele é um artista extremamente solidário, que instiga sua classe a não parar de produzir diante das inúmeras dificuldades que circundam a realidade de cada um.

A colaboração entre os praticantes coexiste somente dentro dos diversos nichos, em sua grande maioria o ditado “cada um por si”, resume bem a funcionalidade do maquinário que faz a roda artística girar. Está marcado na história do grafite, bem no início, lá em Nova York, onde os grafiteiros disputavam os picos mais perigosos e de difícil acesso. O mais audacioso, é claro, se sobressaía perante os demais. Como a vida não é definida por regras, é necessário voltarmos para Goiânia, especificamente ao Jardim Bela Vista, o habitat natural do nosso personagem.

Era mais uma manhã quente de outono, assim como em grande parte do ano. Por sinal, Goiânia sempre foi muito gentil ao repartir uma parcela do sol para cada cabeça goiana, foi nesse clima que o encontro com Diogo ocorreu. É possível que, ao visitar a Zona Leste da cidade pelo Google Maps você encontre um muro residencial timbrado por figuras caricatas, algumas reconhecidas universalmente, outras nem mesmo um doutor em Arqueologia seria capaz de identificar. O muro em questão situa-se no ateliê do artista, batizado de Ateliê Estilete, certamente um dos points mais famosos do bairro.

As origens do Ateliê Estilete perpetuam as mãos de Bernardo Peixeira Brocas, um tocantinense apaixonado pela arte da cutelaria, que em 1921 fundou a Manufatura Talha Cutelaria, sendo o maior fornecedor de equipamentos perfuro cortantes da região de Campinas, hoje o bairro mais antigo e tradicional de Goiânia. Bernardo sempre se identificou com a arte e os pensamentos científicos e fundou em sequência o Ateliê Estilete, criado para estimular a criatividade dos seus funcionários. Um trabalho que se estendeu a uma agremiação de 20 membros fixos e ativos, e outros 50 associados orientados por uma gestão horizontal.

Com uma metodologia dedicada à manufatura e à pesquisa das modernas técnicas de corte, o local promovia cursos de escultura em madeira, produção de estênceis para a estamperia e a criação de imagens por meio de colagens.



O ateliê
foto: acervo pessoal

O ateliê sempre foi atuante nos principais momentos históricos da capital do estado, mesmo que de maneira discreta. Em 1942, durante o batismo cultural de Goiânia, aconteceu o 8º Congresso Brasileiro de Educação e a Assembleia- Geral dos Conselhos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Uma das atrações foi a primeira instituição de ensino de arte e artesanato, garantindo seu espaço nas homenagens ao realizar uma exposição das suas obras autorais. Gravuras, colagens e esculturas a base de madeira realizadas com ferramentas de corte foram expostas no saguão do Grande Hotel.

Os trabalhos desenvolvidos no espaço sempre estiveram ancorados em técnicas do movimento modernista e críticas radicais ao regime militar, atividade que fez o conglomerado sofrer represálias do poder público e encerrar as atividades da manufatura em 1968. Um fim que nem mesmo a parceria firmada com o Instituto Bogotano de Corte²², Studio Treze²³, Goon Vibes²⁴ e o Centro Pan- A- americano de Estudos em Necromancia²⁵ foi capaz de evitar. A inconstitucionalidade do então recente AI-5²⁶ era implacável.

Com a prisão dos seus dirigentes a sede do ateliê passou a ser ocupada pelos militares, tendo suas atividades proibidas. Muitos integrantes dispersaram, porém, a comunicação entre eles permaneceu ativa devido as Zonas Autônomas Temporárias. Uma delas se tornou a segunda sede do ateliê, localizada em Corumbá de Goiás às margens do rio Corumbá, próximo a foz do Capivari. Um grupo formado por José Azevedo, Ana Paula Azevedo, Belmiro Dantas e Chaira Saide, iniciou um processo de reconstrução do movimento na região. Batizado de Chácara Estilete em

22 *Instituto Bogotano de Corte*: Foi criado em 1977 pelo médico cirurgião Pompilio Martínez. A organização sem fins lucrativos preza pela educação informal que estimula a investigação, criação e divulgação de materiais relacionados a prática de corte na cidade de Bogotá, na Colômbia.

23 *Studio Treze*: É um estúdio voltado para a produção de obras feitas a base de estêncil e colagens localizado em São Bernardo do Campo em São Paulo.

24 *Goon Vibes*: Comunidade voltada para a criação artística urbana.

25 *Centro Pan – A – americano de Estudos em Necromancia*: É um centro de estudos que reúne pensamentos e teorias que investigam crenças alternativas.

26 *AI-5*: O Ato Institucional número cinco foi o quinto dos dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar no Brasil.

1971, os quatro integrantes passaram a realizar um amplo trabalho comunitário aos moradores da cidade, integralizando cursos de pintura e alfabetização. Um trabalho que pouco durou devido as operações no Araguaia e rechaço do exército.

Em 1991 o ateliê volta a vida através do seu sócio Domingos Filho, avô de Diogo, que transforma um terreno na Rua Piratininga na mais nova casa de corte. Atualmente Diogo leva a história do seu antepassado em seus projetos, buscando sempre honrar com o que lhe foi deixado. As pesquisas tecnológicas relacionadas a tão falada prática e a conscientização política através da leitura de textos, produções de arte e atividades criativas foram amplamente repaginadas e adequadas ao novo século, mantendo o caráter revolucionário e antissistêmico presente até o fim da sua segunda vida.

Logo que cheguei fui recebido por Joey, Johnny, Dee Dee e Tommy Ramone, integrantes de uma banda de punk rock pouco conhecida mundialmente, todos postos em ordem na extremidade da parede do ateliê, relembrando as fotos de divulgação do álbum homônimo do quarteto, Ramones.

Além da marcante banda outras figuras me chamaram atenção,



*Estêncil Ramones
foto autoral*

eram personagens que celebravam a demonstração livre de afeto, sem amarras personificadas, apenas o mais puro e simples amor, um dos poucos sentimentos humanos capazes de libertar-nos das tensões culturais que assolam a sociedade. Culturas como a do consumismo também foi abordada, responsável por alimentar todo o ego internalizado em nosso bojo. Uma prática muito bem respondida por uma mulher que esbanjava um black bem armado e um estilo próprio e arrojado, cujo a camisa estampava a logo “onça”, apenas uma nova roupagem daquela marca de trajes esportivos, provando que estilo não significa usar as melhores

marcas e gastar muito para isso, mas sim em saber externar a sua personalidade.

Existe ainda uma outra imagem, a de destaque, responsável por



*Estêncis parede externa do ateliê
foto autoral*

atrair olhos curiosos para aquele muro da esquina. Porém, o momento apropriado para descrevê-la ainda há de chegar.

Fui muito bem recebido pelo artista responsável por personificar todos aqueles desenhos, logo que o vi já sabia quem era, a camiseta antiga, levemente surrada e personalizada por vários resquícios de tinta se deu o trabalho de me contar. Diogo, acompanhado por dois cães vira-latas que, diga-se de passagem, sabem receber uma visita como ninguém, me cumprimentou com um simples, honesto e elegante aperto de mão. O artista pode ser definido por uma palavra, complacência, ao menos foi essa a impressão deixada.

Todo altruísmo e gentileza foram comprovadas ao longo da entrevista, um diálogo ao mesmo tempo informal e direto, responsável por me fazer entender através da sua voz tênue o que todas aquelas obras, dentro e fora do ateliê, representavam para o seu autor.

Não seria possível falar sobre ele sem antes debruçar-me, por um breve momento, nos detalhes do seu espaço criativo. O Ateliê Estilete resume bem a sua técnica de pintura, uma técnica denominada estêncil. Tão plural quanto os retratos exibidos por ela, são as superfícies que a abraçam, Diogo sempre aproveitou muito bem esses espaços, seja na rua ou em lugares fechados, por cima de um MDF ou em uma chapa de concreto, a praticidade ocasionada pelo estêncil possibilita que a sua assinatura esteja em vários lugares ao mesmo tempo.

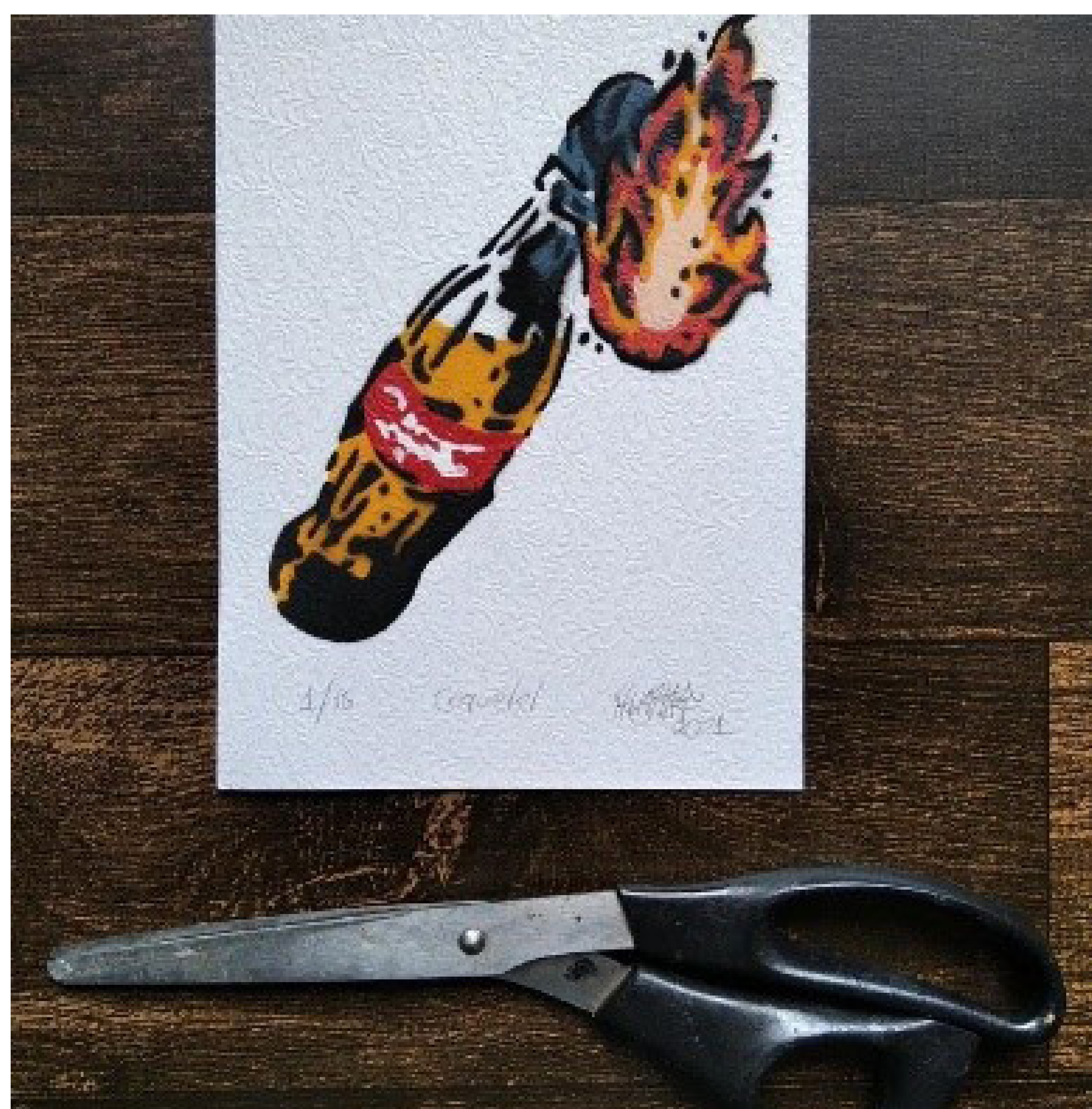
Afinal, como é possível se aventurar através do estêncil?

Essa modalidade artística é totalmente adaptável a qualquer superfície, seu corpo não vê distinção entre materiais e os abraça com tamanho primor. Madeira, alumínio, ferro, seda e tecido mostram que nem só de muro vive a tinta, o desenho recortado com antecedência se encaixa perfeitamente aos espaços, notabilizando a versatilidade padronizada nos projetos.

Talvez a parte mais complicada durante o processo de aplicação das formas no plano escolhido seja definir a tinta que será utilizada, tamanha a praticidade que os moldes oferecem; seja papel, acetato, madeira ou metal, basta encostá-los no rudimento e aplicar.

O procedimento se inicia na origem, para criar os modelos de estêncil é preciso de quatro materiais: uma divisória de plástico; pano untado em álcool; marcador permanente e um estilete ou qualquer outro objeto cortante. Especificando ao modelo tradicional, a base de papel, é preciso colocar a ideia transmutada em uma folha e após a divisória de plástico sobre o desenho. Logo em seguida é preciso embeber a sua criação com um marcador, recortar e limpar as sobras de tinta com o pano.

Para realizar uma pintura perfeita é preciso aproximar-se do



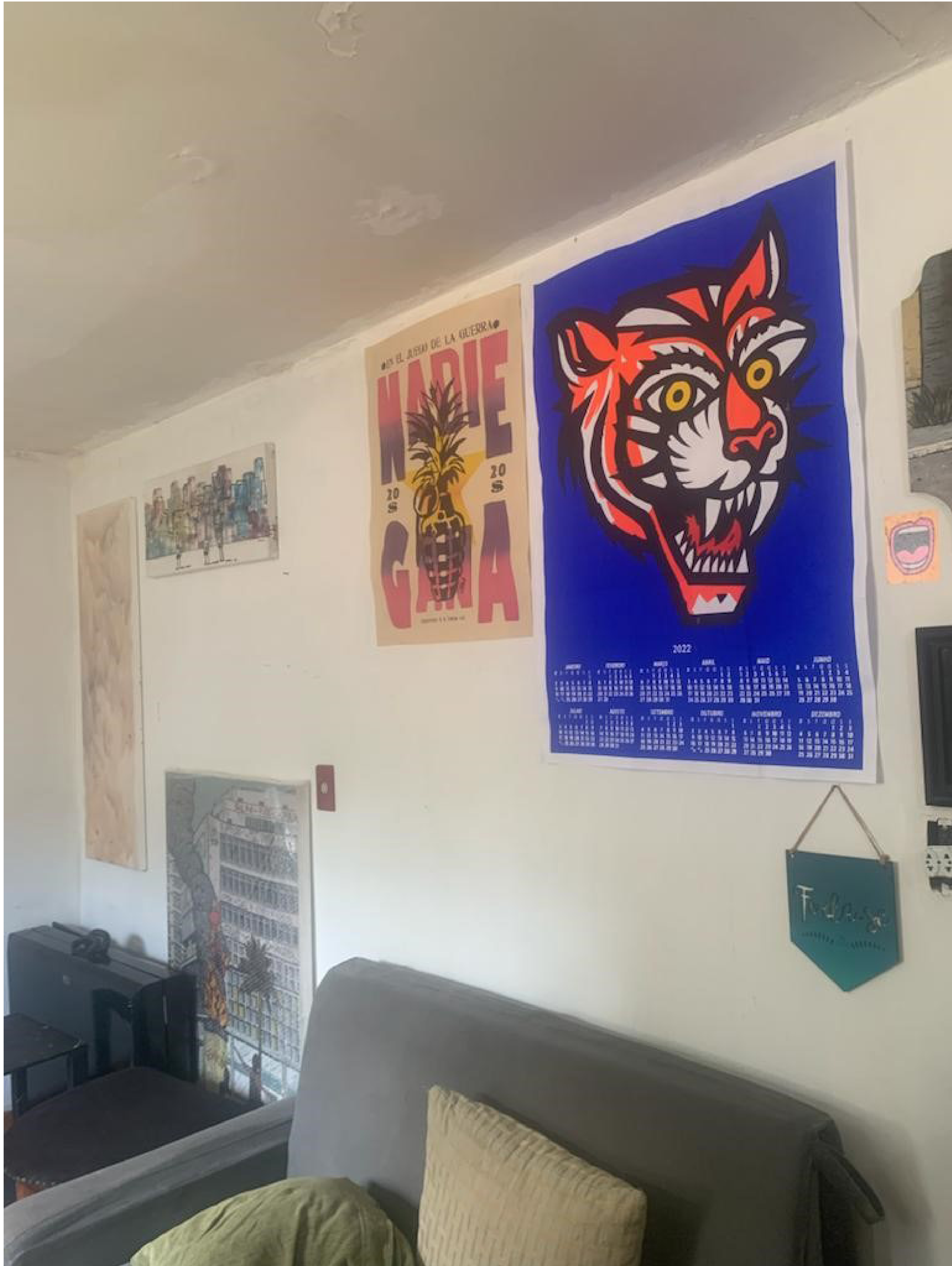
fotos: acervo pessoal do artista

recorte, suas ilhas correspondem a toda parte vazada do estalão e as pontes limitam-se aos cantos que impedem a tinta de chegar em locais inapropriados. As ferramentas também precisam estar apostas, sejam sprays, pinceis redondos e propícios para a prática, escovas de dente e esponjas, ambas precisam ser utilizadas corretamente e quando necessárias. Além de ser uma boa prática artesanal, urgiu a necessidade de expandir o estêncil diante da adoção de novas práticas.

A começar pelo ambiente em que ele passa grande parte da sua vida. O seu ateliê é diametralmente agradável, facilitando a circularização de no mínimo 5 pessoas com maior facilidade. O espaço não deixa de estar bem abastecido com retratos de personagens responsáveis por caracterizar toda a revolta contra um sistema exorbitantemente falho. No total foi possível contabilizar 67 obras, dentre algumas produções próprias e presentes de amigos, eram apetrechos, calendários, retratos e molduras que exploravam nichos da cultura pop, desde o cinema, muito bem

representado pela pintura do personagem Travis Bickle²⁷ de Taxi Driver, passando pelo chamativo calendário ilustrado por um tigre em versão old school, artefatos que remetem à particularidade cultural de países latino-americanos e mais referências a toda rebeldia anárquica do punk rock dessa vez representada em pôsteres.

Algumas imagens representadas nas paredes também estavam a



*Parede interna do ateliê
foto autoral*

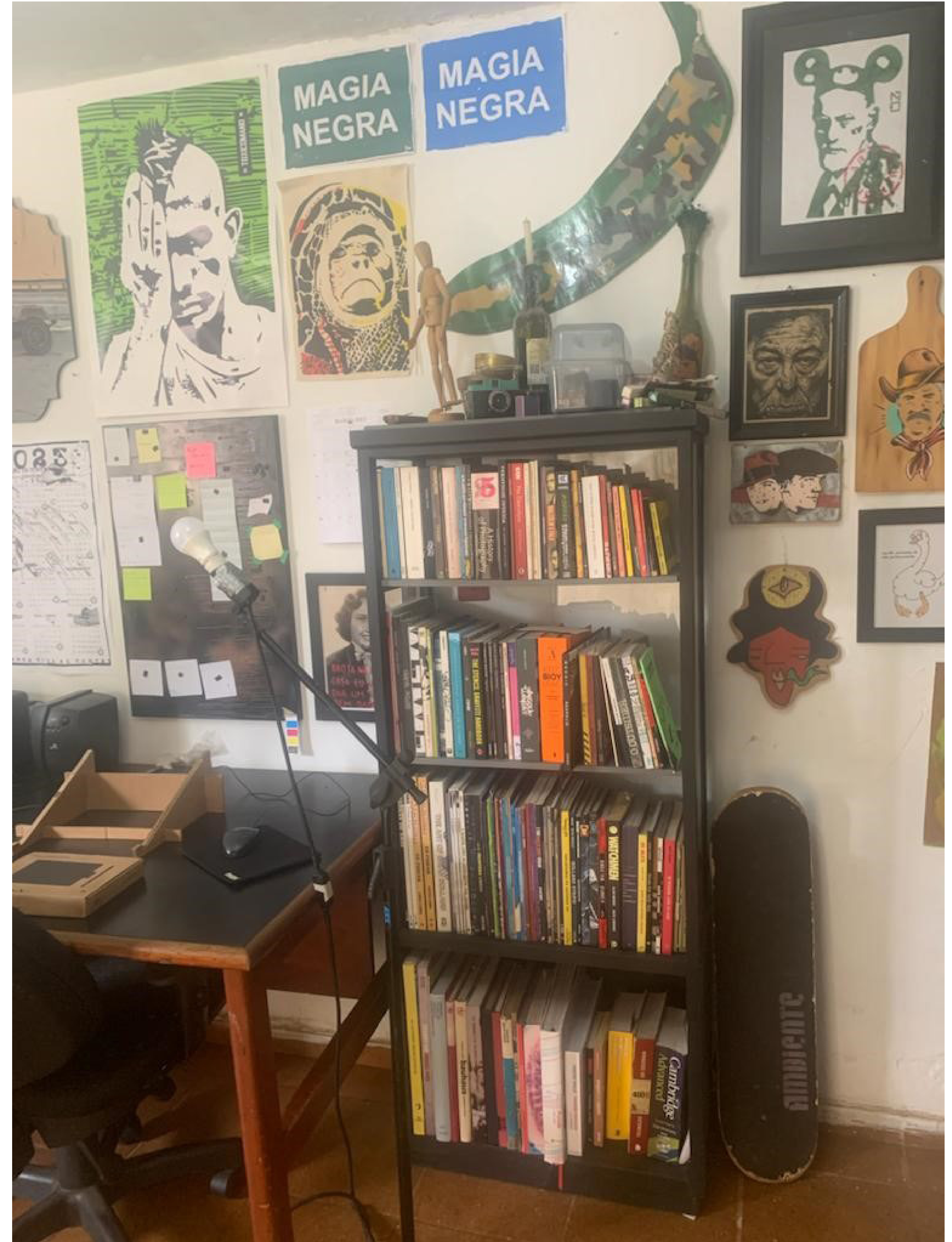


foto autoral

mostra na porta do banheiro, juntamente com outras figuras anexadas no mesmo plano, porém com uma diferença, dessa vez a intervenção foi realizada através de lambe-lambes²⁸, outra prática responsável por dividir o coração do perfilado. Na ocasião foi impossível contabilizar a quantidade de lambes, mas de tantas obras desfilando por ali, duas me chamaram a atenção, uma delas um autorretrato daquele Diogo que procura divulgar os seus trabalhos de forma honesta, indicando que não há distância entre o suor do assalariado e o verdadeiro artista.

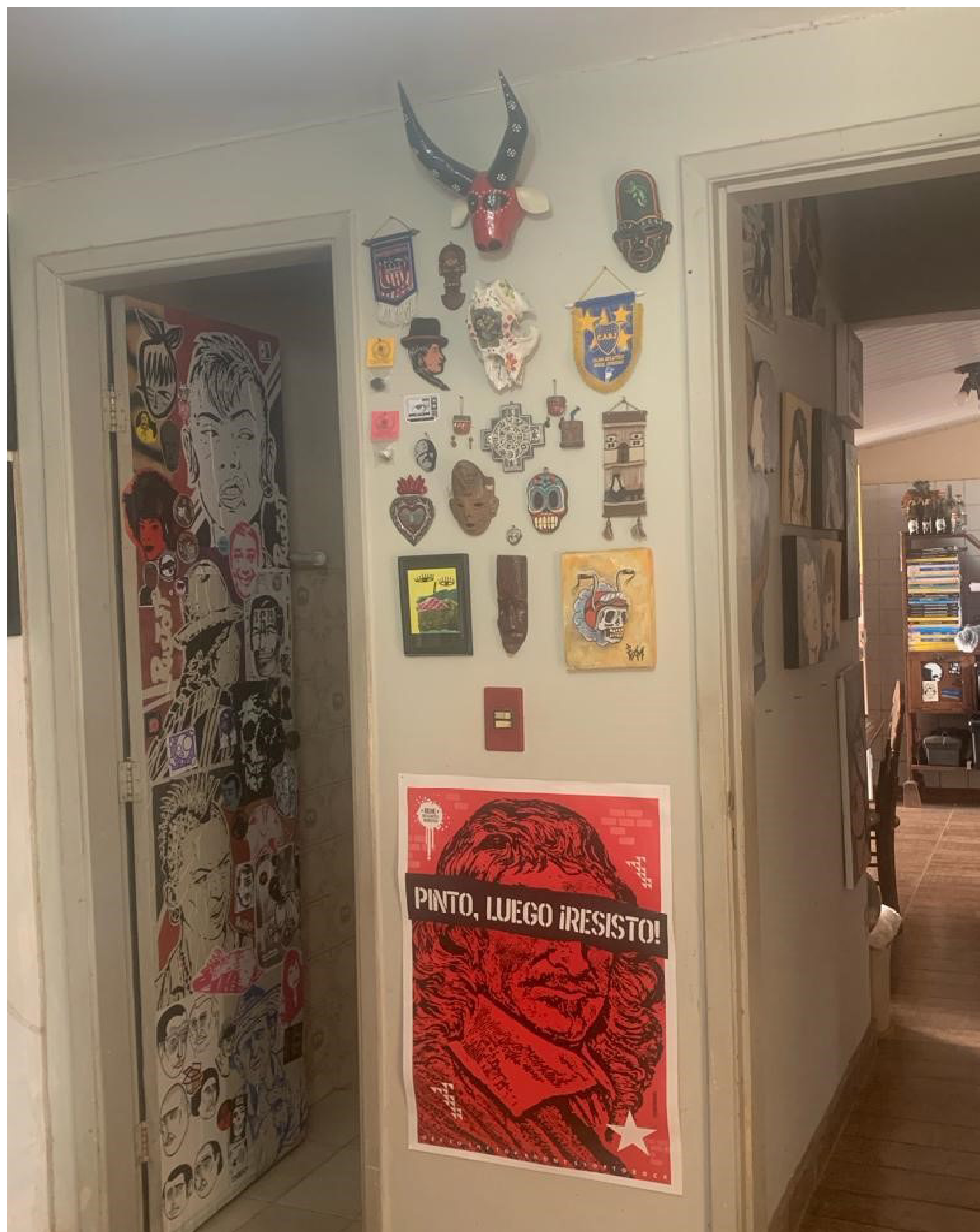
Atualmente ele se considera um artista de ateliê, grande parte dos seus trabalhos recentes vem sendo construídos dentro dele, algo que eu mesmo pude comprovar. São várias produções, desde pinturas a pesquisas que caminham para além do estêncil, como obras em acrílico sobre tela e desenhos com Nankin²⁹ que contribuem para estimular a versatilidade do produtor.

Apesar dos fatos demonstrarem essa realidade, o seu passado comprova que a rua foi uma das principais responsáveis por moldar

²⁷ Travis Bickle: É um personagem protagonizado pelo ator Robert de Niro no filme Taxi Driver. A obra retrata um motorista de táxi solitário que apresenta problemas psicológicos severos, sendo ele o único capaz de confrontar todos os fantasmas presente em seu interior.

²⁸ Lambe-lambes: É uma prática artística voltada para a colagem de cartazes, folders e posteres em ambientes urbanos.

²⁹ Nankin: São desenhos com traços mais finos, geralmente realizados por canetas e tintas propícias para esse tipo de produção. Pode ser representada em sua maioria através de revistas e livros.



*Espaço com lambes
foto autoral*



*Parede corredor principal
foto autoral*

a sua carreira, sem ela as amizades afluídas com o tempo e que hoje contribuem diretamente em trabalhos colaborativos e exposições talvez não se materializariam.

Diogo vislumbra uma inserção no circuito de arte contemporânea nacional, esperando olhar seus quadros de um outro ângulo, em um novo recinto. Para ele é importante que os artistas casem os ambientes abertos e fechados, possibilitando equilibrar a linguagem do espaço urbano e a dos salões de epítome.

“Na minha cabeça não existe só o espaço urbano, eu mesmo gosto de trabalhar no ateliê e gosto que tenha obras nele”.

Essa conciliação funciona para ele, a linguagem das ruas é diversificada, o teor crítico, ácido e irônico é estimulado pela vivência que a comunidade oportuniza ao autor. O seu bairro, Jardim Bela Vista, encontra-se afastado dos grandes centros comerciais de Goiânia, afastando a comunidade carente ao acesso de oportunidades. O desequilíbrio social é a causa majoritária dessa condição, oriunda da necessidade do capital em afastar comunidades carentes da rodinha “quente” do mercado.

Foram necessários mais de 40 minutos para chegar ao destino do encontro, a Zona Leste da cidade ocupa 92 bairros da região metropolitana, sendo em sua maioria setores periféricos e de baixo poderio econômico. O Jardim Bela Vista se encaixa nessas características, um bairro simples que lembra pequenas cidades interioranas, não pelo tamanho, muito pelo contrário, trata-se de um bairro com dimensão média, mas sim pela calma e convivência harmoniosa entre moradores que já coabitam a mesma região há décadas.

A casa habitada por Diogo foi de seu avô, um imóvel antigo responsável por preservar as inúmeras histórias que ali ocorreram, comprovando a estabilidade das raízes criadas no bairro. Uma vez na região, a tendência é que sua estadia prolongue por um bom tempo.

Atualmente, Diogo e seu ateliê ficaram encarregados de construir novas histórias dentro daquela casa em um dos seus espaços preferidos, onde sua criatividade aflora e desenvolve os atuais e futuros enredos no

fundododomicílio. Talvez esse encontro seja uma das narrativas, definitivamente foi um momento que não ocorre com tamanha frequência, a visita de um universitário desconhecido, acanhado e buscando se soltar dentro do mundo frenético da comunicação de certo foge da habitualidade do seu cotidiano.

Ele e outros dois interventores são os responsáveis por levar um pouco de cor para o Bela Vista, sendo-o mais influente do local ainda carente de obras públicas. Em seu convívio, o artista se relaciona com pessoas que compartilham da mesma realidade, de origem simples e que não precisam de poder para alçar a felicidade genuína. Alguns artistas da cena goiana se encaixam em uma classe acima, porém Diogo não se dá o trabalho de conhecer, e dificilmente convive com alguém que se relacione com os mesmos indivíduos.

Aprofundar em suas mediações só é possível diante da compreensão do sentimento do artista perante seus desígnios. Diogo ao ser questionado sobre como ele avista seus desenhos, uma dúvida pairou imediatamente no certame, na sala só era possível escutar o barulho do seu cavanhaque ao ser amaciado pelos dedos inquietos, enquanto o mesmo pensava em uma resposta plausível para a pergunta, algo que de fato fizesse sentido para ele.

Seu trabalho paira por um processo investigativo através do estêncil, uma ação permeada por questões do cotidiano nas periferias. As narrativas hegemônicas regidas por relações de poder que ocasionam fatos incontestáveis, como a disposição social do trabalho, tratam de ser contestadas pelas obras. Por fim, não existe algo ou alguma palavra que defina seus feitos, somente a influência de várias ocasiões que o marcaram ao longo dos anos. Sua fluidez dilatada nas linhas temáticas de interesse também se alternou com a ação do tempo, em 2006 seu furor era distinto em relação a longa caminhada de 17 anos.

O fato de os estêncis estarem presentes na carreira de inúmeros artistas de rua se deve pela sua praticidade, possibilitando que um projeto seja efetivado em 3 horas ou menos dependendo do tamanho da figura. Essa praticidade torna o processo de criação mais suave, reduzindo ao menos pela metade os problemas de segurança e represálias dos coletivos municipais. Sua origem é datada há 66.000 anos, idade do mais antigo painel conhecido. Localizado na Espanha, a arte apresenta inúmeras mãos pigmentadas, uma textura de fixação semelhante a prática que conhecemos. Não somente os europeus, mas o egípcios e chineses já usavam estêncis de couro e papiro para decoração, sendo os chineses pioneiros no desenvolvimento do material a base de papel.

Outras culturas trataram de aprimorar essa vertente, facilitando ainda mais os processos de criação. É o caso do Katazome, técnica de estêncil realizada com fios de cabelo humano ou seda.

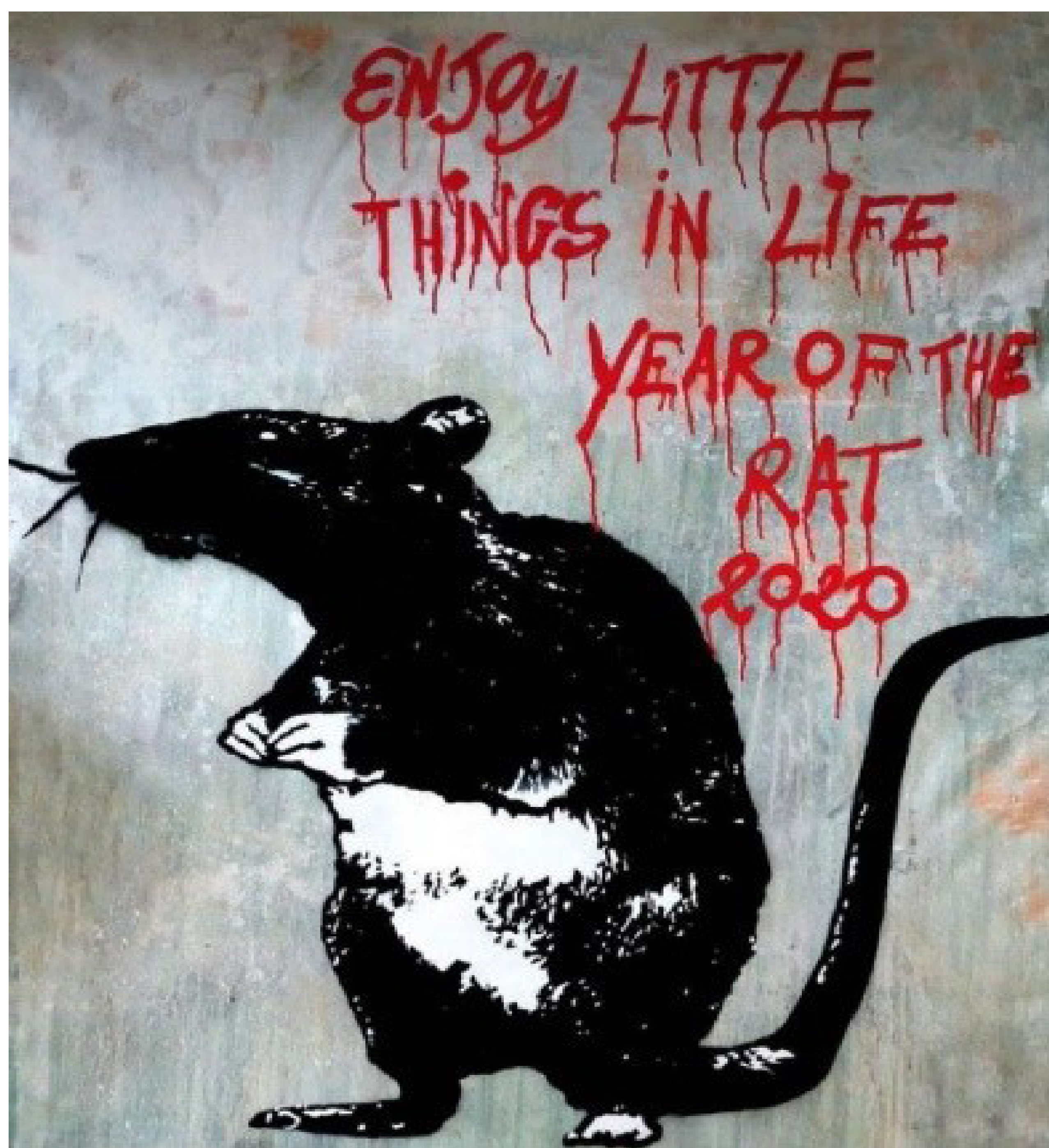
Não somente no século XXI, especificamente na Rua Piratininga, espaço onde se encontra o ateliê do perfilado, que é possível observar uma obra desse escopo. A sua versatilidade permite uma viagem longa, no espaço e tempo, podendo levar-te para a Europa Medieval, onde as paredes das imensas catedrais foram decoradas com anjos magistras. Durante a rotina diária, materiais coadjuvantes durante momentos de uma vida também são feitos com estêncil. Aquela ilustração do seu livro preferido, um ás de espadas no jogo de baralho, os tecidos das roupas e os papéis de

parede, todos foram feitos com a mesma técnica.

Essa funcionalidade aliada a proximidade afetiva levou a grandes manifestações artísticas no espaço urbano. A partir dos anos 70, John Fekner³⁰ já expunha sua visão sobre a revolução industrial ao delatar através de símbolos que representavam um estilo fabril e manufatureiro toda a putrefação dos grandes capitólios. O artista estadunidense veio a inspirar outros nomes importantes para o panorama, como os ratos de Blek Le Rat³¹ que recitavam frases sobre as descrições da vida adulta e a desteridade do tempo. O grafiteiro francês adotava ao seu estilo personagens característicos ao mapa parisiense, dos lados mais belos à luta dos mecânicos do capitalismo, todos lutando contra o desamparo das guerras bélicas e dos políticos adversos à contracultura e finesse do “Pai do grafite de estêncil”.

Dentre todas essas referências, definitivamente o multi performático Banksy seja a maior delas. O artista de rua, ativista político e cineasta britânico foi um responsável direto pela perpetuação dos movimentos artísticos urbanos. O movimento Banksy, assim denominado pela opinião pública, caracteriza a inspiração gerada por ele em outros artistas que viam nas ruas um grande potencial de levar suas ideias e filosofias para mais olhos.

O misterioso personagem cuja identidade até hoje não foi revelada, adotou o estêncil para agilizar suas intervenções, muitas vezes proibidas nos muros públicos e privados. Com capuz na cabeça e uma descrição



*Obra Blek Le Rat (data não conhecida)
foto: Pinterest*



*Obra John Fekner (1976)
foto: Pinterest*

peculiar, a celeridade da arte produzida através das guarnições feitas em recortes de papel contribuía para a manutenção do mistério.

Banksy não poupava sprays para criticar a banalidade pueril do

30 *John Fekner*: Fekner é um artista midiático nascido em Nova York nos Estados Unidos. Inovador em sua área, ele criou centenas de trabalhos de artes ambientais e conceituais consistidos em símbolos pintados através do estêncil nas ruas de Nova York, Suécia e Alemanha durante os anos 70 e 80. Sendo um dos pioneiros da arte urbana

31 *Blek Le Rat*: É um grafiteiro parisiense nascido em 1951, reconhecido como o “Pai do grafite de estêncil” por ser um dos primeiros artistas a incorporar essa técnica nas ruas da capital francesa.

capitalismo, o consumismo irrefreável e a hipocrisia do mercado artístico. Um dos principais momentos da sua carreira foi justamente em um leilão de arte em 2018, onde uma das suas principais obras, batizada de “Girl with baloon”, foi triturada após ser vendida por mais de um milhão de libras em leilão na galeria britânica Sotheby’s, onde um grupo seletivo de pessoas observou o “produto” se desfazer em mil pedaços através de um compartimento secreto dentro da moldura. O desenho apresenta a silhueta incolor de uma garotinha que avistava em tamanho desamparo o seu balão com formato de um coração bem avermelhado se esvair diante um curso sem rumo, para onde o vento o levar.

A obra que ainda continha a frase “There is Always Hope”, contemplava um certo otimismo de Banksy por dias melhores. Esse inglês influente nunca viu a arte como um produto, mas sim como uma oportunidade de alterar o curso da existência humana.

As cores chapadas em preto e branco remetente aos tempos dúbios e a respectiva coloração pontual em objetos que finalizam as obras de Banksy sempre foram discutidas, e talvez a maior delas era a dualidade entre a moral e o financeiro. Um artista precisa sobreviver, viver da sua arte não deve jamais ser um crime e muito menos um fator que o prive de expor



*Girl with baloon, de Banksy (2002)
foto: Pinterest*

seus pensamentos. No final das contas a crítica não é para simplesmente atacar o mercado, mas sim defender a acessibilidade proporcionada pelo grafite.

Certo contexto ajuda a compreender as metas de Diogo, em que urge a necessidade da existência de maior equilíbrio nesse universo ao modo que os dois lados da moeda não se anulem. Pessoalmente para o artista o ambiente urbano é uma bela ponte para alçar novas experiências em outros perímetros do ofício. Apesar de estar aberto aos negócios, ele ainda bate o pé quando o assunto é liberdade temática, sua expressividade não é negociável, até porque o elogio de terceiros é só uma consequência do

seu esforço e talento. Suas produções em primeiro lugar visam agradá-lo, como ele mesmo disse: “Eu faço um trabalho primeiramente para mim e quando o público gosta eu acho massa”.

Um pensamento totalmente apropriado, até porque um bom artista jamais deve focar em opiniões alheias, sendo ela a principal causa da famigerada impotência criativa. A identificação com trabalhos mais simples, cujo observador não precisa ter um vasto repertório para entendê-lo justamente pelo direcionamento explícito das mensagens fez parte de sua base formativa.

Responsável por encorajar novas alternativas e arrojadas suas produções, não é muito do seu interesse fazer uma entrega direta, por mais explícito que o seu trabalho pareça ser ele sempre procura deixar linhas soltas na narrativa, algo adquirido com o tempo. A maturidade intelectual e técnica surgiu após alguns bons anos de prática, características essenciais para um líder responsável por administrar a própria carreira.

Apesar de querer fugir da mera simplicidade ele compreende que o caráter ilustrativo presente nas suas intervenções acaba alimentando essa estética deslindada. Vale ressaltar que são apenas algumas exceções, cabe ao artista querer fazer algo mais simplório no viés narrativo e caprichoso no aspecto técnico, ou até mesmo experimentações alucinógenas que só fazem sentido em sua cabeça.

O trabalho que melhor caracteriza essa dualidade é o desenho de maior destaque na parede externa ao seu ateliê. A figura distópica em questão apresenta duas estudantes interagindo com animais existentes somente em um livro de fantasia, o cachorro meio albino e meio caramelo até pode estar com as patas entranhadas na realidade, agora o outro animal apelidado carinhosamente por este narrador de “galossauro”, definitivamente não. Um animal com corpo de galinha e cabeça de dinossauro talvez tenha andado pela terra em algum período da pré-história, ainda sim sem nenhuma evidência concreta.

Sua única imagem conhecida o apresenta nas mãos de uma das adolescentes, admirando-o com um olhar analítico, uma expressão comum aos rostos de jovens desbravadores à procura de novos conhecimentos capazes de mudar o futuro da sua espécie. Os livros também estão presentes na obra, um deles na mão da outra estudante que por mais concentrada ao conteúdo daquelas páginas estivesse, ainda sobrava tempo para afagar com pureza os sentimentos do cachorro misto.



**Obra “Sem nome”, por Diogo Rustoff
(2022)
foto autoral**

Diogo também é adepto às cores chapadas, mas ao contrário de Banksy, elas apresentam mais vivacidade ao serem apresentadas com uma gama diversificada de paletas. Ele é sucinto ao inseri-las em seus projetos, muitas delas seguem uma tonalidade parecida, sejam em tons mais terrosos ou pasteis; outras em um maior contraste, mantendo todos os desenhos coloridos com extrema harmonia, tornando-os uma só forma.

O estêncil das garotas só se tornou real diante de inúmeras experimentações do artista. Em uma técnica que se utiliza imagens pré-fabricadas, Diogo tentou subverter a prática e usá-la como figurinha de colagem. Foi dessa forma que uma simples figura de garotas com livros nas mãos, já pintadas por ele em uma escola do bairro Jardim América e em um conjunto habitacional no Setor Veiga Jardim, chegou ao incrível resultado a mostra na esquina de sua rua.



**Obra original, por Diogo Rustoff em Colégio Estadual Jardim
América (2020)
Foto: acervo pessoal do artista**

Tal processo criativo se desdobrou a partir do descontentamento em pensar que ele poderia repetir a mesma imagem tradicional pela terceira

ou quarta vez. Nesse ímpeto de querer mudar, fez-se um trabalho de composição exemplar ao ir encaixando várias peças e elementos avulsos.

Foram passos de formiguinha: “Ah, vou botar uma galinha”; “Ah, vou trocar a cabeça da galinha e colocar uma cabeça de dinossauro”. O seu processo parte desses pensamentos, escalonados rapidamente para uma ideia concreta. O porquê de o bicho ser do jeito que é partiu da sua concepção acerca de elementos que não são comuns no estêncil. A ideia de colar uma figura na outra deu origem a uma nova roupagem da arte, vislumbrada em primeira mão pelos moradores do Bela Vista.

É comum para as pessoas querer encontrar um significado dentro dos desenhos, mas para ele o discurso não precisa ter um significado específico. A maioria dos seus trabalhos são assim, só após o filho do progenitor vir ao mundo que a análise da sua respectiva origem vem à tona. Por mais que a vontade de não pensar em respostas seja uma das suas prioridades, a democratização no âmbito interpretativo das obras espalhadas por Goiânia incentiva o trabalho de leitura e interpretação de todos os curiosos e entusiastas. Querendo ou não, o desenvolvimento da vida humana a partir da educação, principal responsável por estimular a criatividade e a acuidade dos olhares para uma nova descoberta, é refletido no mural das meninas. Inflamando o poder de transformação exercido pelos livros na vida do ser que se entrega a ela.

Todos os outros desenhos no mural também foram realizados a base de estêncil, um projeto que acabou abandonado por ele justamente pelas condições climáticas e do tempo. Durante o período chuvoso é comum a propagação de lodos e infiltrações nas estruturas da parede, responsáveis por apagar as intervenções. Os desenhos permanecem por lá, ainda vivos, sua coloração persiste, mas nada como um bom passar de anos para que seja difícil identificá-las.

A desistência ao trabalho partiu muito da duração do desenho, comparada a proporção do seu esforço colocado sobre o mesmo. Uma obra que duraria apenas 6 meses, relativo ao período de seca na região, definitivamente não valeria o sacrifício. Todos os artistas compreendem a efemeridade presente na sua área de atuação, esse é, talvez, o principal ponto que ambos precisam lidar durante o início da carreira. Compreender que todo o esforço não será jogado fora após a natureza apagar seus primeiros murais e focar nos frutos que a curta vida de cada um irá lhe proporcionar; amigos, reconhecimento, aprendizado e maturidade talvez sejam alguns deles.

Por mais que não haverá mais intervenções no muro de sua residência, todo o suor derramado e o dinheiro investido em materiais foram bem gastos para colorir, ao menos um pouco, aquela esquina, levando para os seus vizinhos e transeuntes do bairro ares de contemplação e um produto cultural fundamental àqueles que o carecem. A vontade de dar uma sobrevida para as suas obras é característica ao perfilado, algo feito por ele a todo momento, revisitando-as e rejuvenescendo-as, fazendo com que elas durem o máximo de tempo possível.

Diogo chegou à conclusão de que a rua é só um suporte para ele, não é possível considerá-lo um artista de rua, ela é só mais um local fundamental para que o perfilado experimente novas opções. É importante tratá-lo como um artista, apenas artista, onipresente e com vontade de ampliar ainda mais os seus horizontes. Ele gosta de estar nos

espaços urbanos, visitar e fotografar points importantes, mas os seus trabalhos não dependem exclusivamente do cimento, ambos dependem de muitas outras coisas, fatos que indicam o efeito do seu tempo.

O artista eclético, aquele que às vezes está fazendo uma obra comercial que nem mesmo ele gostaria de fazer, e às vezes produzindo um trabalho autoral ao seu gosto, são suas dualidades. A rotina de Rustoff não pode ser reduzida à um único ambiente, ela é independente à rua, ao papel, ao MDF ou a ilustração digital, ambas estão debaixo do seu guarda-chuva, da sua prática. Para ele não existe uma diferenciação de onde e como ocorre seu ofício.

Sua saga começou ainda na infância, inspirado pelas histórias em quadrinho, ele sempre se arriscou em desenhos de tirinha. Todo o conhecimento adquirido até o ensino médio o colocava em uma condição perene diante a sapiência artística. Ao final dos anos 90, a meta de vida era ser cartunista, ou qualquer outra coisa, contanto que ele trabalhasse de alguma forma com hqs. Por influência dos livros didáticos, sabia-se alguma coisa sobre arte clássica, seja ela renascentista ou ancorada pelas figuras de Michelangelo e os retratos de grandes personagens da história, como Napoleão Bonaparte. Para ele a arte tinha aquela estética, qualquer ponto envolto nesse tema precisava ter tal domínio técnico. Essa perspectiva caiu por terra quando ele passou a ter contato com uma coleção de livros e revistas de arte moderna, apresentando uma outra abordagem estética infinitamente mais radical comparada aos moldes tradicionais.



*Coleção “The Shot Marilyns”, por Andy Warhol (1964)
foto: Pixaby*

Diogo apreciava as intervenções de Andy Warhol³², pintor e cineasta norte-americano que marcou seu nome na história ao ser conhecido como o pai da serigrafia, desenvolvendo um novo nicho artístico denominado “pop art”. A obra mais famosa presente no nicho talvez tenha sido uma das primeiras representações do mosaico fotográfico, potencializando

32 *Andy Warhol*: Nascido em 1928, Andy Warhol foi um pintor e cineasta norte-americano importante para o movimento “pop art”. Suas obras mais importantes foram as pinturas nas latas de sopa Campbell e principalmente pela sequência de retratos de Marilyn Monroe.

as várias facetas de Marilyn Monroe, e não parava por aí. As inspirações fixavam-se em intervenções de DAZE³³, Edgar Muller³⁴ e Basquiat³⁵, diante dessas novas descobertas ocorreu um estalo em sua mente: “se esses caras conseguem ser artistas, eu também consigo”.

Foi com a ideia de não precisar pintar o retrato perfeito que ele ingressou na Faculdade de Artes Visuais da UFG (FAV) em 2005. Naquele momento a ideia de ser um cartunista já tinha ficado para trás, mas a veia artística impetrava dentro de si. Durante sua especialização em Design Gráfico, que no início dos anos 2000 ainda não era um curso emancipado da FAV, foi construída sua formação em relação as gradações artísticas. O período na faculdade se casou com a descoberta de nomes incríveis do grafite brasileiro, grande parte deles divulgado pela Galeria Choque Cultural³⁶.

Ambientado nesse universo, o filho pródigo do estêncil tomou conhecimento da técnica e suas variantes, desde o lambe-lambe até a serigrafia. Conheceu inúmeros nomes da cena, personagens psicodélicos a base de spray, e aquele cujo trabalho o inspirou; trata-se dos desenhos de Daniel Melim³⁷. Sua criação está ancorada nos quadrinhos, justamente um dos passatempos preferidos do seu admirador, ante um sonho de criança. Com cores em alto contraste que remetiam a uma xerox, Diogo já produzia em sintonia com o veterano paulista.

33 *DAZE*: É um grafiteiro que cresceu nos guetos nova iorquinos durante os anos 70, sendo um dos principais responsáveis pela criação da cultura underground do grafite. Sendo um dos únicos que transitou pelo mercado da arte, levando seus trabalhos para Monte Carlo, Hong Kong, Paris, Pequim, Chicago e Singapura.

34 *Edgar Muller*: É um artista alemão nascido em 1968 conhecido pelas suas obras em alto relevo nas ruas europeias. Desde 1998 ele detém o título de Maestro Madonnari, concedido a pouquíssimos artistas no mundo. Seus trabalhos gigantes e tridimensionais são sua marca registrada.

35 *Basquiat*: Jean – Michel Basquiat é o artista afro mais valorizado do mundo. Os traços primitivos do estadunidense apresentam frequentes sucessos históricos, relacionados com a cultura urbana e a realidade da comunidade negra e latina. A sua obra mais famosa “Sem título” (1982), mostra uma caveira colorida pintada com linhas grossas. A pintura foi leiloada por mais de 110 milhões de dólares pela Sotheby’s em 2018. Sendo o valor mais alto pago a um artista estadunidense.

36 *Galeria Choque Cultural*: Fundada em 2004, a Galeria localizada em São Paulo é uma das principais referências quando o assunto é curadoria e produção artística, responsável por apresentar inúmeras vertentes de arte urbana para além das Tags, Bombs e Wild Styles. Tendo como prioridade divulgar linguagens contemporâneas ao apresentar jovens artistas ao lado de nomes já consagrados, o espaço foca em intervenções nos espaços urbanos, não convencionais e tradicionais.

37 *Daniel Melim*: Melim é um artista paulista que tem como característica em suas intervenções urbanas as técnicas de pintura sobre máscaras com imagens vasadas. O autor é formalista, sempre preocupado com a composição, a distribuição das massas de cores, com a riqueza de texturas e a impressão do processo em cada trabalho. Sua linguagem remete ao conforto de figuras retiradas dos clichês de publicidade antiga que simbolizam um mundo ingenuamente feliz.



*Aquarela, por Daniel Melim (2015)
foto: acervo pessoal do artista*

O boom de informações foi um grande impacto para ele, que já tinha uma noção básica da técnica devido a utilização das régua stencil, material com várias formas variadas onde era possível desenhar por dentro dela, à época sua única ferramenta. Tomando conhecimento dos seus limites, Rustoff passou a praticar sozinho em casa, sempre com materiais errados, mas sem desistir.

Entre vários testes, erros e acertos, Diogo foi conhecendo alguns grafiteiros da cena goiana durante os rolês que ele fazia pela cidade, vários realizados com a galera da FAV. Eram passeios produtivos, onde um grupo de estudantes, sejam colegas de sala ou de outras turmas, se reuniam para sair pelas ruas em busca de algum lugar para criar. Rustoff já pintava em papéis e os levava para colar em lugares aleatórios sem nem sequer saber que já estava fazendo lambe, uma técnica que consegue ser ainda mais prática que o estêncil, tinta e spray. Eram nessas andanças que ele passou a conhecer os nomes mais veteranos da cena, incumbidos de orientá-lo aos mecanismos corretos do artifício.

O Brasil não é somente o país da bola redonda, mas também dos recortes de papel, os primeiros grafiteiros brasileiros são oriundos do estêncil, muitos eram artistas plásticos que exploravam essa linguagem nas ruas. É o caso de Celso Gitahy³⁸, que também se aprofunda em formas híbridas e elementos da cultura pop, sinais em comum entre esses artistas.

Uma frase simples e direta, “Vida longa ao corte”, é o que conserva o caráter imperecível do mecanismo, frase que acompanha o nome do ateliê do perfilado, saudando o passado, apreciando o presente e descortinando o futuro.

³⁸ *Celso Gitahy*: É um artista plástico, pesquisador e professor paulista. Nascido em 1968, Gitahy é especialista na técnica de estêncil, utilizando elementos da cultura pop e do consumo para criar obras que apresentam críticas sociais nos espaços urbanos.



*Intervenção “TVnauta”, por Celso Githy (2023)
foto: acervo pessoal do artista*

Diogo buscou testar todas elas e em sua maioria se deu muito bem, para comprovar essa afirmação bastou revisitar seu catálogo e encontrar uma serigrafia que me deixou impressionado. Trata-se de uma estátua em chamas do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, explorador paulista que aterrorizou e assassinou diversos povos nativos, e que por ironia do sistema político foi homenageado com uma estátua na Praça Attílio Corrêa Lima³⁹, com o posto de um importante ponto turístico na cidade.

A obra é uma crítica direta à escala de poder presente na constituição das classes sociais, apresentando um trio de rebeldes dançando ao redor do monumento enquanto ele se desvaía em chamas. A coloração intensa do fogo que untou o bandeirante de vermelho-alaranjado, juntamente com a palavra genocida escrita na base do sepulcro reiteram para quem a narrativa da obra é deferida. O desenho em seguida originou uma pintura sobre tela, possibilitando ampliar a crítica e acrescentar novos elementos em seu escopo.

A pintura ganhou maiores proporções no acrílico, admirado por mim em seu ateliê a obra ampliou uma rebelião popular de um povo sofrido que sempre esteve preso a boa imagem dos seus dominantes, agregadores de poder diante da falência moral e espiritual de uma comunidade. A imagem impôs mais informações e cores para amoldar toda a proporção de uma consequência causal do esgotamento popular diante tamanho desamparo exploratório. A narrativa contestatória de Diogo entra em uma discussão sobre o que é arte erudita, com uma linha de pesquisa voltada ao rompimento de noções básicas diante ao ordenamento das classes.

³⁹ A Praça Attílio Corrêa Lima é localizada na Avenida Goiás, próxima a Avenida Anhanguera, cujo seu nome é em homenagem ao arquiteto responsável por projetar o primeiro plano urbanístico da cidade de Goiânia. Famosa por apresentar o monumento de Bartolomeu Bueno da Silva, tombado em 1991 após atender à solicitação do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo, para ser doado ao povo goiano. A estátua foi projetada pelo artista plástico Armando Zago e busca retratar o bandeirante em corpo inteiro.



*Obra “Bandeirante”, por Diogo Rustoff
(2022)*

foto: acervo pessoal do artista

O pensamento erudito tende a declarar o conhecimento acadêmico como a única fonte viável de informação, ignorando outras práticas válidas para o discurso. No caso das narrativas visuais, a realidade é contada por um viés explanatório, sem censura, ampliando o debate para outras camadas, sendo ela uma das razões pela persistência discriminatória ao tentar evitar que ela coexista nessa realidade.

Criado em um ambiente humilde com pouco poder de compra, o artista aprendeu que a prática de produzir conhecimento não depende de um aparato intelectual, a carente noção de onde saber procurar os vieses do poder determina por onde a civilização caminha. O estigma impetrado declama à fama pessoas ruins em tudo que fazem, tornando-os bem-sucedidos por não proporcionarem nem mesmo o mínimo para quem os colocou no patamar referido. Os questionamentos feitos por ele incitam a verdade desses detentores do saber, para incorporar aos povos a noção do porquê eles vieram ao mundo.

Algo semelhante foi feito no mural de revitalização do reservatório da Saneago, órgão público responsável pela distribuição de água potável para os municípios da região, localizado no Setor Serrinha, importante bairro socioeconômico da cidade. Na ocasião, participaram outros três muralistas goianos, que puderam imprimir sua autenticidade e originalidade em determinada parcela dos muros do local. Diogo optou por caracterizar um trabalhador comum, propriamente um operário tocando um trompete, demonstrando que a arte pode ser feita por todos em qualquer profissão que não representada através da tinta. Além de permear essa contextualização, pode-se definir a emancipação do assalariado perante as amarras dos imperadores industriais.



*Intervenção Saneago Serrinha, por Diogo Rustoff (2021)
foto: acervo pessoal do artista*

Ao chegarmos nesse momento seria quase impossível afirmar a existência de uma outra técnica que se encaixe perfeitamente ao seu estilo quanto o estêncil. Pois bem, é possível e ela se estende ao próprio. Já citado anteriormente nesse texto, o lambe-lambe inclui-se no âmbito das colagens, o nome que surgiu no século XXI é um primogênito do cartaz e segue o seu rumo ao incentivar reflexões para além de condutas sociais pré-determinadas.

O lambe sem alvoroço não existe

Essa é a realidade, tão versátil quanto o estêncil, prático quanto ele e libertador idem. A impressão tipográfica surge no século XV com a premissa de transferir a tinta para o papel através de um molde. Dessa forma, qualquer semelhança ao seu parente é uma mera coincidência. A inovação criada pelo francês Saint-Flour⁴⁰ logo atingiu grandes mercados e governos, principalmente autoritários, que usaram da sua produção em grande escala para divulgar ideologias e romantizar ataques a outros povos. Essa prática, juntamente com o seu avanço tecnológico ao longo dos anos, caracterizou-se como ferramenta midiática e governamental durante as duas grandes guerras.

Da tipografia⁴¹ a litografia⁴², era importante que apetrechos de homens poderosos fossem adotados pelo povo como forma de retaliação aos mesmos. Entre a pichação e o grafite se destaca os lambe-lambes, em uma disputa de espaço ferrenha junto às outras intervenções. Pensamentos alternativos estão presentes nessas colagens, lutando contra a privatização

40 *Saint – Flour*: O francês é conhecido por o primeiro cartaz que se tem conhecimento, em 1454. O cartaz em questão apresentava somente manuscritos. A incorporação dos desenhos só veio ao final do século XIX, uma herança de Jules Cherét, filho de um tipógrafo e aprendiz de um litógrafo em Paris.

41 *Tipografia*: É um estudo que abrange a criação e aplicação de caracteres, estilos, formatos e arranjos visuais das palavras.

42 *Litografia*: É uma técnica de gravura que envolve a criação de marcas sobre uma matriz de pedra polida.

de espaços públicos e garantindo direitos fundamentais ao povo pobre.

Diogo adota essa mídia radical para ser o porta-voz de grupos contra hegemônicos, com o objetivo de chamar atenção à luta diária pelo simples fato de serem obrigados a cumprir deveres tórridos sem ao menos receberem o mínimo, como respeito ou dignidade.



*Obra “Mestiço”, por Diogo Rustoff (2023)
foto: acervo pessoal do artista*

Dentre todas as suas artimanhas, o lambe se posiciona para concorrer ao posto de mais democrático, portando um favoritismo majoritário em relação aos outros concorrentes. Não há vergonha alguma em perder para ele, isso não significa um rechaço, todos possuem a mesma função e o mesmo objetivo. Os murais de lambe apenas são capazes de incluir até os rabiscos de uma criança de 5 anos, desde que tenha sido feito com carinho. Do que não possui técnica ao metido a Pablo Picasso, de rimas em estrofes e frases de efeito, toda e qualquer expressão pode e deve ser divulgada em exposições e anais do gênero.

No momento em que o país flertava com a extinção da democracia perante o mandato de um governo extremista, Diogo e mais dois amigos resolveram responde-lo através do Artigo 5º, parágrafo IV da Constituição Federal: “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Municípios pelo livre arbítrio e o direito de ir e vir, Diogo Rustoff, Marcelo Maróstica e Sertão Cósmico fundaram o maior festival de lambes da capital, o “LambesGoia”. Criado em 2019 e interrompido devido a pandemia de COVID-19, o evento caminha para a sua terceira edição e promete superar os litros de cola gastos em outras ocasiões. A mais nova edição do festival terá o aporte da curadoria Valenta, e será realizado entre os dias 5 e 15 de novembro de 2023. O evento promete superar a quantidade de lambes expostos em referência ao último festival.

Seguindo o modelo de outros festivais espalhados ao redor do mundo, são abertas chamadas públicas para todo o Brasil e exterior, definindo uma data limite e local para envio de obras originais a partir do viés de uma alta gama de artistas que projetam seus lambes individualmente. Cada lambe é exposto em murais espalhados pela cidade natal do evento.

Em 2022, o retorno da iniciativa tomou proporções inesperadas, quando foram recebidos lambes da América Latina, Europa e Estados Unidos. Com a alta demanda, 2023 se iniciou com a continuação do desenvolvimento de painéis através das colagens, tornando um evento pontual em algo permanente.

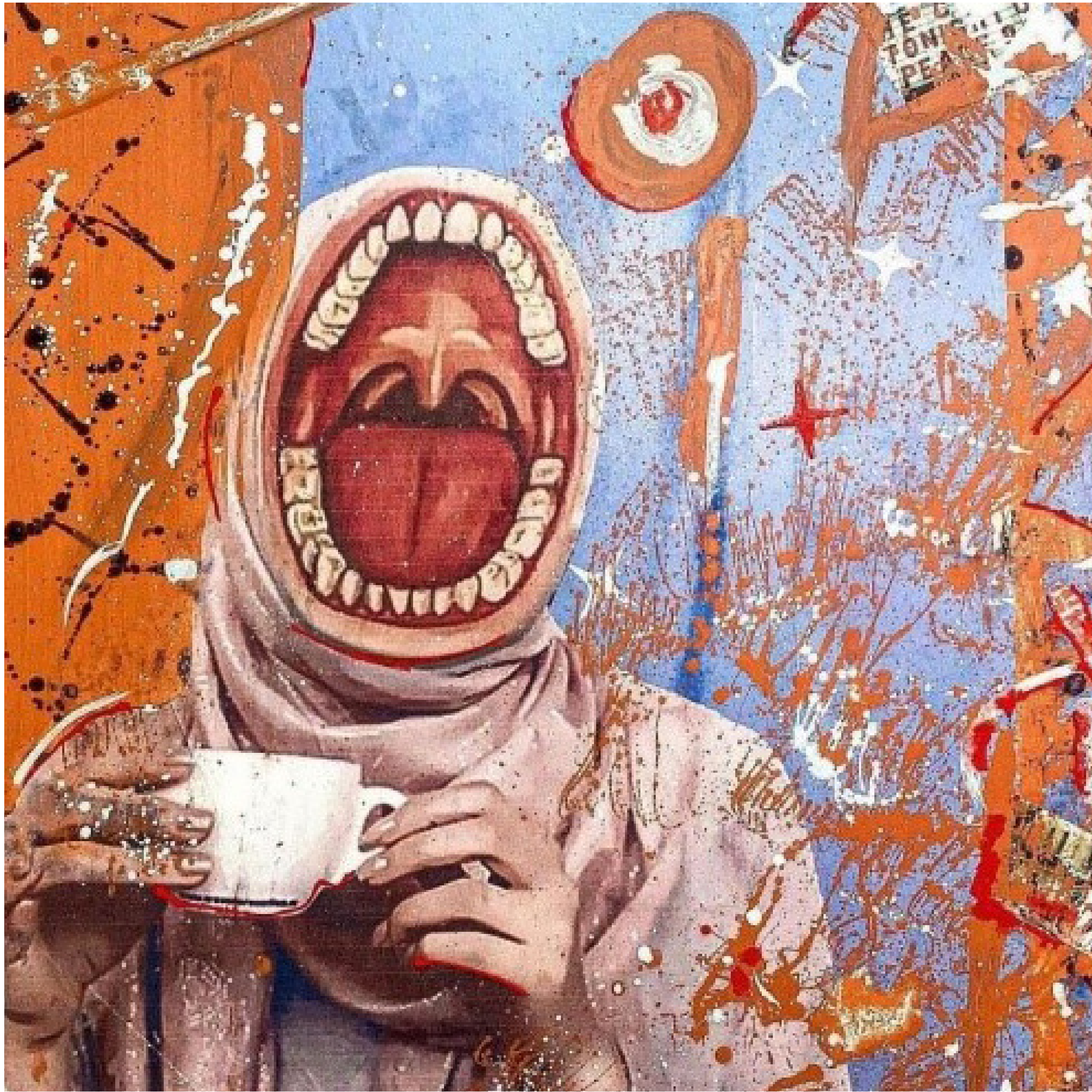
Os primeiros eventos foram realizados de maneira independente, advinda do bolso dos seus três idealizadores. A parceria findada com a plataforma digital e produtora de conteúdo “Lambes Brasil”, fomentadora de produções artísticas por todo o país, intensificou a divulgação da primeira edição do projeto em 2019, que hoje já é um dos maiores em terras canarinhas em apenas duas realizações.

Uma das formas de angariar recursos para a manutenção do produto cultural é através das oficinas promovida pelos artistas, que une levantamento financeiro e uma essencial função social para aqueles que sonham em viver fazendo arte.

Maróstica é professor nas horas vagas ensinando pessoas heterogêneas todas as possibilidades encontradas nas colagens. Amigo de Diogo há longa data, uma amizade que só foi possível pela vivência nas ruas, o artista sempre careca e com um sorriso perfeito no rosto, oriundo da sua origem como odontólogo, essa pela qual muito se orgulha e faz questão de expô-la em suas intervenções, vê na arte urbana um motivo para mandar a tristeza embora. Marcelo Maróstica é conhecido pelas famosas colagens de arcadas dentárias representadas por personas, sendo essa a exata definição colocada por ele. Uma figura ínsita ao ponto de se tornar a identidade visual do LambesGoia.



Obra “Voo livre”, por Marcelo Maróstica (2023)
foto: acervo pessoal do artista



*Obra “O grito da boca”, por Marcelo Maróstica que inspirou a identidade visual do festival por duas edições
foto: acervo pessoal do artista*

Para produzir um lambe não há mistério

Jamais use um papel que não seja A3. Você pode até usar, mas é inegável que o trabalho final fica mais palatável quando feito com ele, a não ser que você seja um marinheiro de longa viagem. Se for esse o caso, qualquer informação apresentada por esse parágrafo é redundante. Espaços reduzidos se encaixam perfeitamente para começar, e por isso a indicação. Para se aventurar em maiores ambientes a amplitude dos papéis facilitaria o trabalho, mas um iniciante não deveria sonhar grande logo de cara.

Para aplicar é necessário duas partes de água para cada parte de cola branca escolar líquida. No total são necessários três litros para lambes, o suficiente para colar cerca de 200 cartazes, se considerados o formato tradicional em A3. É necessário usar a mistura de cola com pincel diretamente na parede e colar as figuras.

É preciso andar bons quilômetros dentro da cidade para conseguir visualizar todos os lambes expostos, por mais que alguns sobrevivam ao tempo de tirar algumas fotos, outros permanecem límpidos até o presente momento. O resultado final foi mais do que satisfatório, os goianos podem apreciar figuras como a do Belchior trajado com a camisa 2 da seleção brasileira, aquela de Cafu, assumindo o posto de capitão da amarelinha ao levantar a taça mundial, uma representação caricata do paulistano Pedro Alecrin. Os personagens inspirados em feitos do francês Basquiat, quase uma releitura do argentino Boxi Trixi, também deu as caras em solo goiano. O carioca Alberto Pereira, um dos fundadores da Lambes Brasil, optou por estender o seu apoio como artista convidado, ainda na primeira edição, ele fez uma linda colagem marcada por uma santa segurando um bebê afrodescendente.



*Estêncil de Boxi Trixi (2022)
foto: divulgação lambesgoia 2022*



*Estêncil de Pedro Alecrin (2022)
foto: divulgação lambesgoia 2022*

Diogo não se contentou em participar somente como produtor e resolveu ir para a ação e contribuir com toda a personalidade dos seus cartazes. Dentre vários espaços coletivos, como o painel exposto na loja Casa Rosada, onde sua frase preferida foi deixada por lá. Nos muros da lojinha artesanal no centro, a citação “Trabajar Menos. Trabajar todos. Producir Lo Necesario. Redistribuir todo”, refere-se a detenção e partilha dos meios de produção, uma outra reivindicação às necessidades do povo.

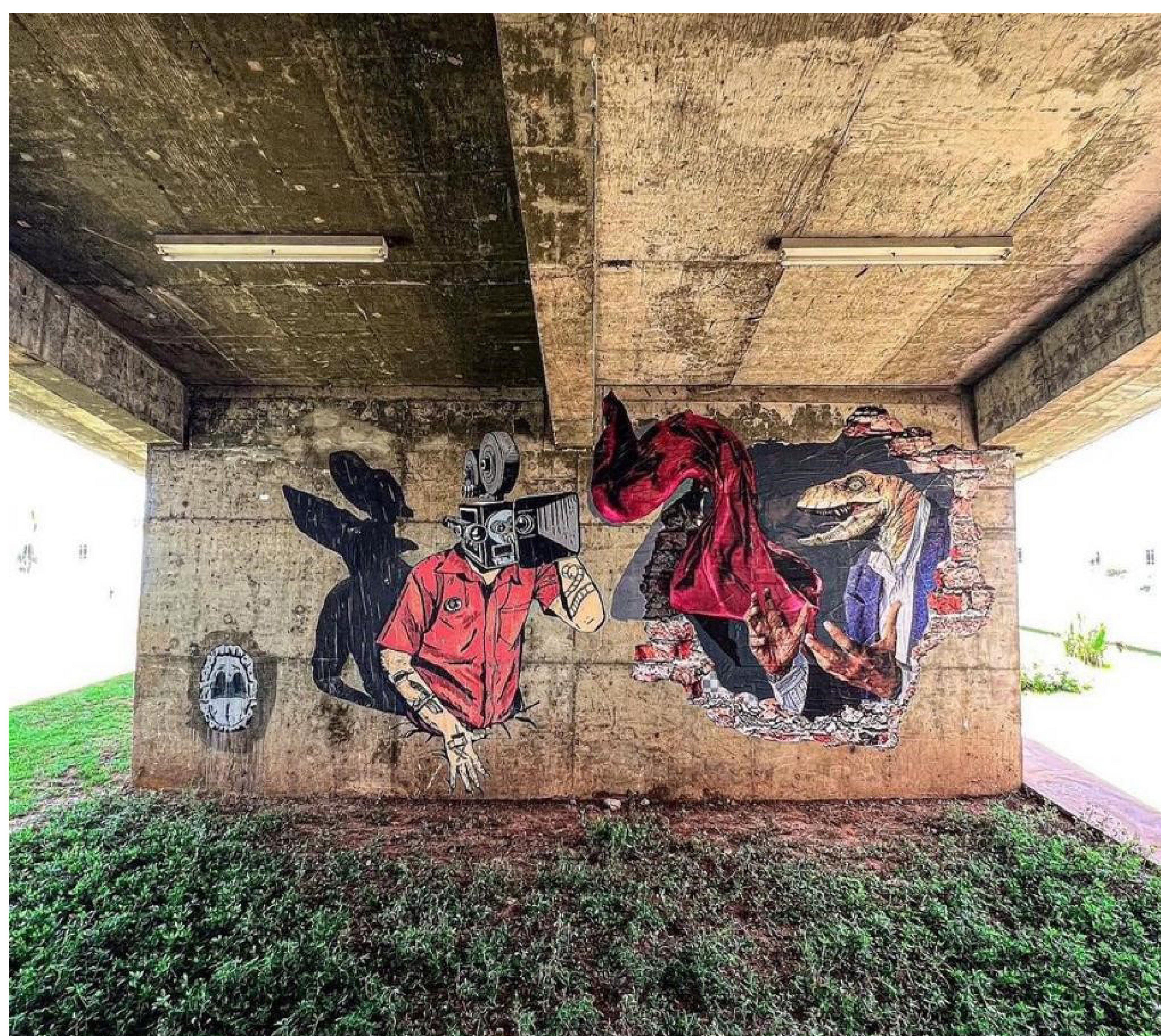


*Estêncil de Diogo Rustoff (2022)
foto: divulgação lambesgoia 2022*

A produtora Valenta e os rapazes do Lambes já fecharam parceria anteriormente com a batelada que ocorreu na 14ª Mostra o Amor, a Morte e as Paixões, no Centro Cultural Oscar Niemeyer. O evento reuniu diversas técnicas e artistas para explorarem temas como a libertinagem, o ímpeto criativo e o audiovisual como produto cultural permeável.

A curadoria realizou um compilado primoroso de obras nacionais e internacionais expostas ao longo das duas edições da exegese, agora em um espaço fechado como uma proposta de transição e circularização do discurso. No contexto, Maróstica e Diogo contribuíram com mais uma obra espetacular para a empreitada do evento.

A colaboração entre os dois amigos rendeu uma colagem antropomórfica abaixo da passarela do Centro Cultural, a figura contempla um homem portando uma câmera em sua cabeça, conjectura que compunha uma sombra atrás dele cuja silhueta de um homem com chapéu, típico da natureza goiana, externava por ali. Logo ao seu lado é possível vislumbrar o crânio de um dinossauro posto acima das mãos de um orquestrador, a criatura jurássica estava untada por um clássico terno tradicional, sendo suas mãos humanas responsáveis por coordenar a apresentação figurativa, desbravando o tecido vermelho em movimento ao seu lado. Tecido que representa o slogan da amostra. A obra remetia a proposta do evento onde a criatividade impetrada pelas demonstrações culturais, sendo o audiovisual destaque como produto cultural, fez valer a inspiração.



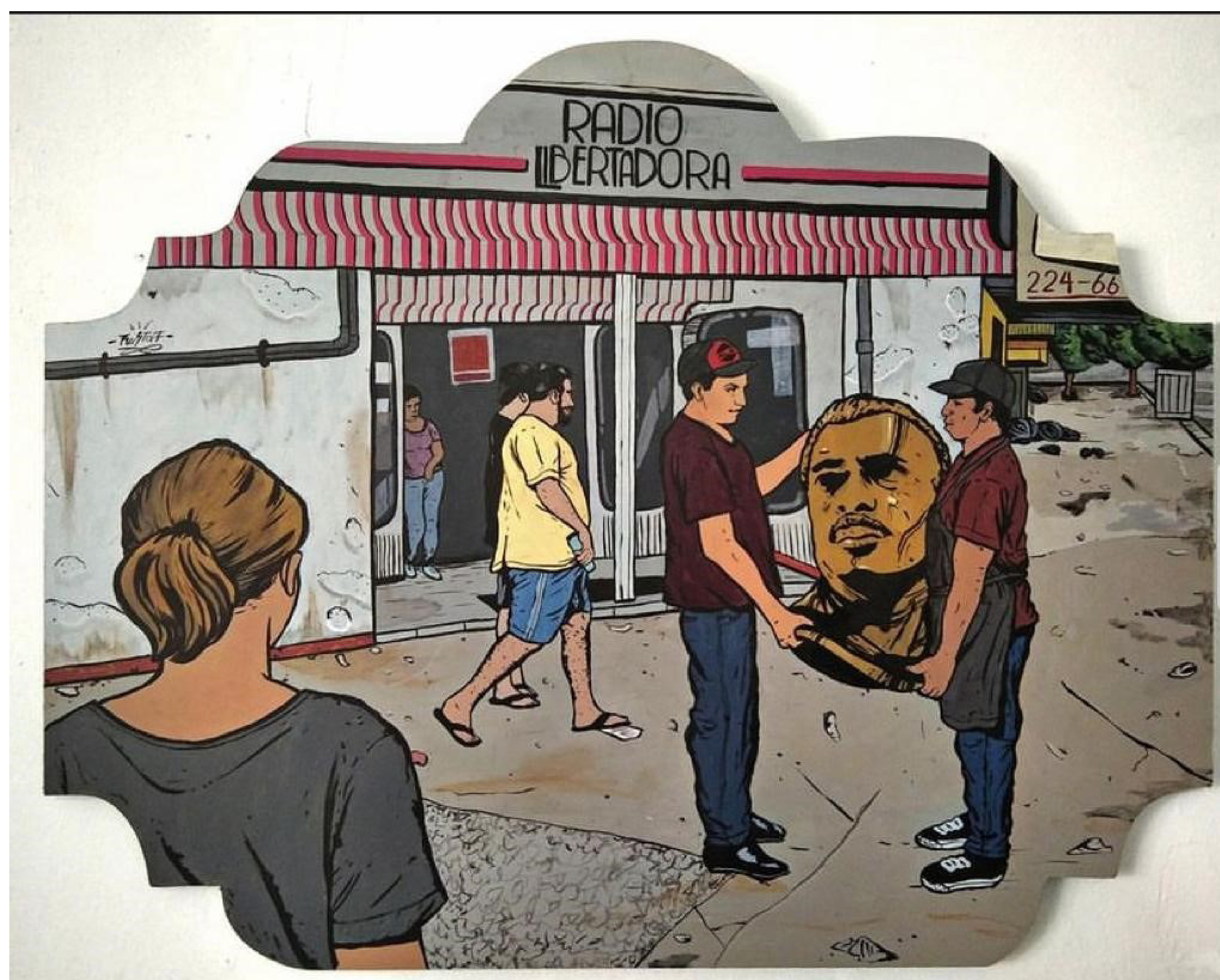
*Estêncil Diogo Rustoff e Marcelo Maróstica (2023)
foto: acervo pessoal dos artistas*

A ousadia nas colagens não foi a única qualidade de Diogo, que transitou em eventos tradicionais. Focado no seu objetivo, em 2021 a sua amostra “Invasões Bárbaras”, consolidou a sua procura e o possibilitou construir narrativas em materiais e ambiente diferentes. Não foi a primeira vez, em 2011 ele já havia realizado uma exposição no Museu de Arte de Goiânia, porém sua inexperiência ainda não havia se dado conta dessa necessidade atual. A Vila Cultural Cora Coralina foi a responsável por abrir as portas ao artista, que fez valer a oportunidade.

Uma contextualização histórica

A vasta extensão do Império Romano propiciou um alto fluxo migratório de outros povos, que passaram a conviver aos locais. O fluxo de imigrantes no século IV potencializou o intercâmbio cultural na região, responsável por construir a nação que muitos conhecem. Apesar dessa vasta contribuição, o preconceito também se tornou presente na vida desses povos. Além de conviverem com uma intensa pressão militar, o nome “bárbaros” é oriundo de toda a discriminação, palavra que caracteriza a incapacidade dos agregados em se adequar aos costumes romanos.

Uma narrativa que casa perfeitamente às obras de Diogo, os bárbaros estão presentes em todas as regiões do planeta. No Brasil, a exclusão de povos que não se encaixam ao senso comum é intrínseca as formações urbanas, o que ocasiona a não adaptação e os contrastes estabelecidos nesses espaços. Levar essa referência histórica e reverenciá-la como ponto central da crítica é o que o torna especial, sabendo exatamente para onde encaminhar a mensagem. Uma amostra gratuita em um espaço tradicional, foi assim que todos puderam apreciar seus desenhos à base de acrílica sobre tela e alguns MDFs.



*Obra MDF “De esquina” exposta por Diogo Rustoff (2019)
foto: acervo pessoal do artista*

Retratos de um ambiente comum aos bairros populares, situações que marcam a vida do assalariado no dia-dia e detalhes de uma comunidade que busca a emancipação foram alguns desenhos que compuseram a exposição. Um deles foi além, e passou a integrar o Museu do Ipiranga em São Paulo. A obra que apresenta dois jovens em uma bicicleta e a figura de mais um bandeirante degradada, dessa vez jogado às traças em uma caçamba de entulho, reitera sua crítica a ilusão dos falsos heróis. O desenho passou a ilustrar materiais educativos, para que os professores desmistifiquem essa concepção através de um olhar contemporâneo sobre a temática.



Obra “Fake Hero”, por Diogo Rustoff (2021)
foto: acervo pessoal do artista

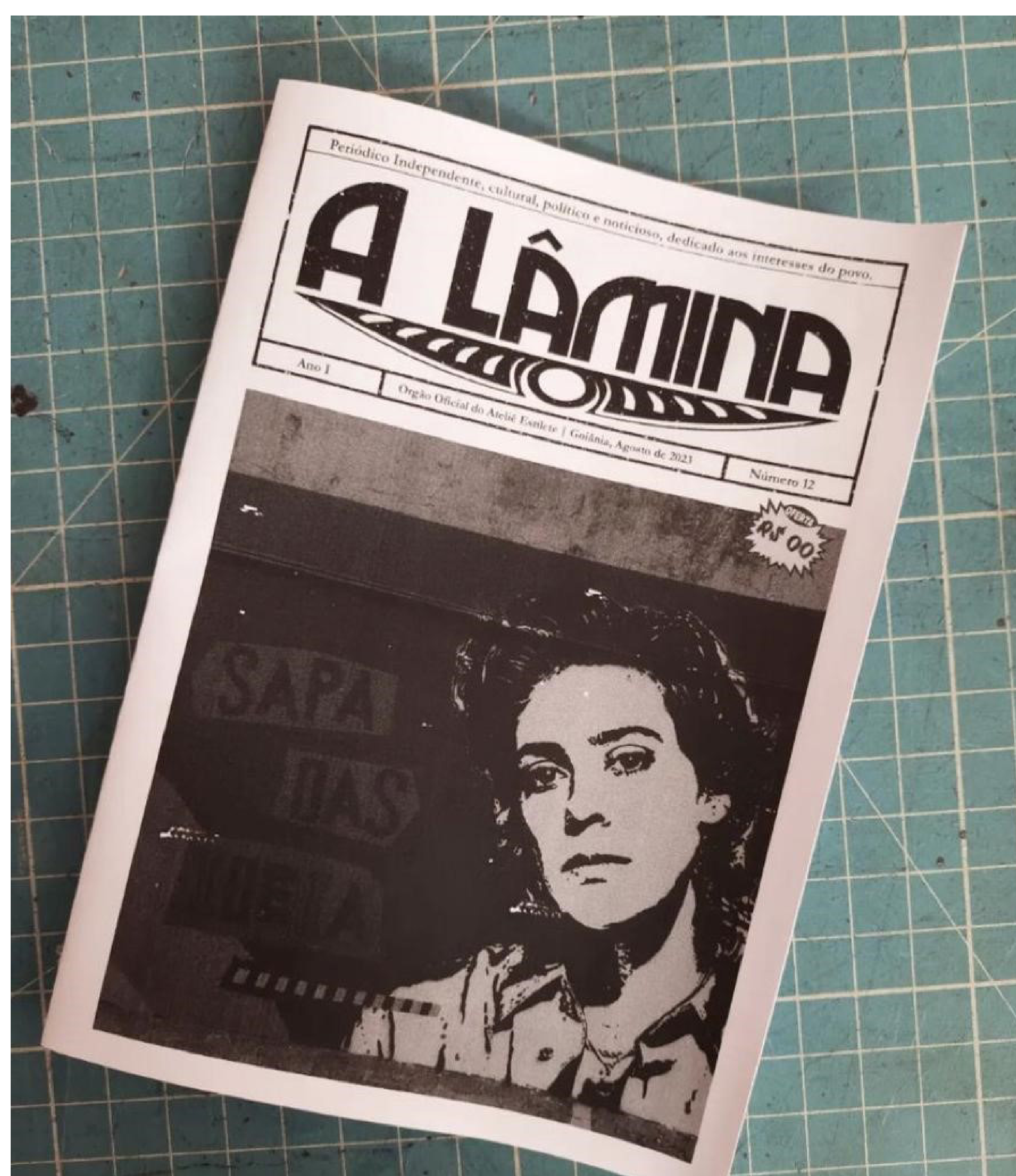
Para quem acompanhou a exposição ainda pôde levar um zine dos seus rascunhos, feitos durante o seu processo de produção, para a casa. Claro, através de uma simples compensação financeira, uma viagem de Uber a menos pagaria o material. Nessa realidade tão cruel, até o artista precisa lucrar para sobreviver. Suas obras não estão avaliadas por valores exorbitantes, aquele rolê que você faz todo final de semana no boteco da esquina pagaria um desenho do artista. Arte sempre será democrática, mas precisa ser valorizada, assim como qualquer produto educacional é preciso dedicar tempo e dinheiro. Cultura não é gasto, mas sim investimento.

Os Zines compreendem outra faceta do artista, uma contribuição que ele faz para a sua comunidade.

Mas afinal, o que é isso?

Os Zines surgem para que os artistas de estêncil passem a se expressar um pouco mais através de experimentações no campo gráfico e textual. São revistas geralmente independentes, autorais e realizadas em pequenas tiragens voltadas para um público segmentado.

É o caso da “A Lâmina”, uma revista feita para praticantes de estêncil e destinada para os mesmos. Diogo teve a ideia de iniciar essa aventura em setembro do ano passado, junto com um grupo de amigos que produzem artesanalmente os catálogos com uma tiragem de no mínimo 30 cópias distribuídas por eles gratuitamente em locais propícios. Um trabalho artesanal, com encadernação manual, serigrafia, auxílio de fotocopiadoras e impressoras que tornam o produto único, com um acabamento impecável observado nos mínimos detalhes. Para quem não teve a oportunidade de adquirir o material em mãos, não é necessário criar tempestade em copo da água, pois todos os catálogos feitos até o momento também são disponibilizados digitalmente através do Google Drive, ambos de forma gratuita.



*Capa edição número 12 de “A Lâmina” (2023)
foto: Ateliê Estilete*

Foram 13 edições que apresentam todas as nuances narradas até aqui, com maior profundidade política, cultural e noticiosa, como ele mesmo as descreve ao levantar questões a serem assimiladas e debatidas. A sua primeira tiragem foi justamente um suplemento educativo, apresentando as técnicas básicas para se fazer um bom estêncil e incorporando novas práticas, como a inclusão de tecidos em filó, os melhores materiais de corte, a impressão das gravuras em rolinhos, preparação da arte a partir de fotografias digitais e até a adoção de materiais que facilitam o dia-dia dos artistas, desde materiais básicos representados em uma das edições pela capa de chuva ou um patuá de proteção, reduzido a um saquinho composto por um tecido branco, sal grosso, galhos de Alecrim e pó de lâmina macerada em pilão.

Diogo demonstra através da sua coluna “Palavras que cortam”, um bom domínio das técnicas de entrevista ao expor diálogos funcionais e informativos com nomes importantes da vertente artística. Foi através da adoção de entrevistas ping-pong que Diogo conversou com nomes que o inspiraram em outrora, passando por Celso Gitahy, Daniel Melim a figuras internacionais

elencadas por Stinkfish⁴³ e Marian Calle⁴⁴. O editorial ainda contém factuais, curiosidades e uma coluna dedicada somente aos leitores, participes fundamentais para a edificação da revista.

Bom comunicador que é, Diogo busca circular essas ideias e alcançar novos adeptos na tentativa de manter vivo os princípios estabelecidos na fundação do Ateliê, que antecipa há décadas o seu domínio. Um ambiente que passou entre gerações e acabou nas mãos de um artista capacitado para que a sua herança seja devidamente engrandecida.

Com a intensa comunicação presente na atualidade era fundamental que uma linha editorial fosse construída, a promulgação da “A Lâmina” tornou possível a divulgação de suas obras e produções emergentes. Sem ela, não seria possível conhecer a história de um espaço tão rico e próspero como o antro dos objetos cortantes.

Diogo observa o tamanho que a sua cidade alcançou e o potencial que ela pode ter, ainda assim o trabalho deve ser árduo. Os artistas goianienses são proporcionalmente limitados e no momento se encontra muitos espaços para pouca mão de obra.

Ele busca através do auxílio e incentivo a sua classe, transparecer todos os problemas enfrentados por uma gama tão talentosa em amplo sentido, mas anuladas por abastados. Um discurso incisivo e discreto. Uma outra palavra para defini-lo, equilíbrio. Um homem que controla seu espírito, conhece suas origens e abraça seu talento, um artista que sabe muito bem para onde ir, mesmo que sua carreira passe por transições, o seu objetivo final permanecerá o mesmo. Saio da entrevista sabendo que seu foco está em enfrentar o isolamento dos centros culturais, a higienização do espaço urbano e a escassez produtiva. Mapeando os espaços e redirecionando o GPS para além das regiões sul, oeste, centro e leste. Ele quer ir mais afundo, honrando o trabalho do seu passado e lutando para inserir o pobre no topo da pirâmide.

43 *Stinkfish*: É um grafiteiro mexicano que cresceu na Colômbia, tornando-se uma das referências do estêncil no país. Suas obras levam o público a uma viagem psicodélica e mística ao denotar figuras nativas e exóticas que representam suas origens.

44 *Marian Calle*: É uma grafiteira argentina que representa através do estêncil diferentes expressões femininas que impõem respeito e valor ao gênero.

Capítulo 3

Traços de um grafite educativo

Um dos braços do grafite, o hip-hop entra em cena como uma das fontes de inspiração mais emblemáticas no universo das periferias, justamente por instigar a possibilidade de reverter a realidade de muitos jovens presentes no subúrbio. Uma arte juvenil, do gueto e expressiva, compreende a semelhança?

O seu discurso elaborado e consistente conversa diretamente com o impacto das letras vibrantes, distorcidas e estonteantes nas paredes, elas são o complemento para potencializar a armadura capaz de resistir aos perigos e mazelas despejados em cima desses povos. Kaly se criou nesse contexto, ainda no ensino médio, por volta dos seus 15 anos, quando um professor de breakdance apresentou para ela as teorias dessa arte sedutora. O break é uma dança técnica, capaz de estimular toda a potencialidade corporal do praticante, seguindo o ritmo das letras poéticas dos MCs e o frenesi da batida dos DJs, uma resposta ao requinte dos abastados e aos passos classistas tidos como tradicionais para a sociedade.

Foi nesse universo que uma sul-mato-grossense natural de Barra do Garças, proveniente da Cachoeira das Andorinhas, de uma cidade conurbada a Serra do Roncador e espalhada ao longo das margens do Rio Araguaia, encontrou sua paixão e um dom que a acompanhará por toda a vida. Bboy Wesley, o professor, tem culpa no cartório, criando ali uma desbravadora. Foram formas e algumas letras do alfabeto rabiscadas em muros, papéis e lousas que a hipnotizou, de maneira que aquele momento jamais fosse esquecido. Entre alguns passos de break, vinham algumas noções sobre profundidade na estética artística e as diferenças entre cada uma.

O grafite não existiria sem a cultura do rap e vice-versa, um movimento de pertencimento através do empenho de uma identidade própria. O jeito de se vestir, andar e gesticular é oriundo dessa manifestação presente nas cercanias, a contraproposta aos moldes das 15 regras de etiqueta que maquiavam a hipocrisia da população dominante; os mesmos responsáveis por segregar o povo preto. O break se apresenta como uma unificação da juventude excluída, desenvolvendo ali um elo próprio, característico às semelhanças na origem de cada um.

Kaly se sentiu acolhida, pertencente àquele meio, uma pessoa que gosta de se incluir nos círculos sociais claramente não teria dificuldades de se jogar dentro de tantas facetas presentes em determinado espaço. Ela é uma mulher meiga, mas antes de insinuar qualquer outro adjetivo, que ele venha após corajosa. Definitivamente, coragem é o seu sobrenome, pois somente com ela foi possível seguir os seus sonhos e abandonar uma rede de segurança financeira para fazer o jogo virar a favor da sua felicidade. A felicidade estava ali, nos bombs, o grafite é a ponte entre o individual e o coletivo, Bboy Wesley sabia que com o seu trabalho bons frutos seriam gerados e ele teria essa comprovação alguns anos depois. Diante de uma

família unida capaz de abraçar a todos como a do rap, os instrumentos de transformação nas perspectivas de vida das crianças e adolescentes que ali estavam seriam implacáveis.

A mulher pantaneira veio para Goiânia com o objetivo de recomeçar a vida e tentar novas oportunidades, saindo do seu porto seguro e do afago dos seus pais. Naquele momento o seu tino para a arte estava adormecido, sem saber que a tão famosa capital do sertanejo seria a responsável por reacender a chama alimentada lá atrás, na escola de rap. Era justamente durante suas viagens de ônibus rumo ao emprego desgastante que ela sentiu aquele abraço no coração ao apreciar as diversas intervenções artísticas espalhadas pelas ruas e avenidas do centro da cidade. No mesmo instante a vontade de frequentar aquele espaço e pintar o que ver pela frente não cabia dentro dela, potencializando o impulso que a faria viver de fato a prática que se apoderou de todos os seus sentidos.

Em 2017, Kalliny Pereira Gonçalves ressignificou todo aquele mix de sentimentos, em prática; resolvendo comprar duas latas de spray e sair em busca de picos para pintar. O seu primeiro bomb veio à vida em um beco próximo a sua casa em Campinas, filho pródigo que ela relembra com uma certa felicidade nostálgica, mesmo que ele tenha surgido com algumas distorções anatómicas. “Eu não tinha noção da técnica e nem por onde começar, mas só de ter começado já foi muito bom. Após o meu primeiro bomb eu não parei mais, logo comecei a arrumar outros rolês”, disse a mulher com seus olhos castanhos abrilhantados ao lembrar o início de uma carreira que ainda promete muito.



Bomb “Kaly” (2023)
foto: acervo pessoal da artista

Os rolês foram acontecendo, principalmente em 2018, quando o seu networking começou a ampliar. Considerando a região metropolitana de Goiânia, são seis mulheres em atividade nas ruas, sendo apenas três sobrevivendo do seu próprio trabalho. Kaly é uma delas, mas para ela conquistar esse privilégio foram necessários dias de luta debaixo de um sol escaldante, uma luta gratificante, pois ali estava a graça de exercer um ofício que você realmente ama. Os problemas são pueris comparados a vontade de contribuir para a edificação daquilo que te pertence.

Após conhecer a MOON, uma grafiteira profissional e professora de geografia nas horas vagas, ou seria o contrário? Enfim, entre ser e não ser um hobby, MOON e Kaly saíram para explorar locais que precisassem de mais cor, algo que tem de sobra por aqui. As duas cortavam a cidade para se encontrar devido a distância de suas moradias, praticamente separadas pela extremidade dos ponteiros de uma bússola. Diante de tantas referências masculinas, ambas decidiram criar o primeiro coletivo de grafite formado só por mulheres, denominado “Lobas do Cerrado”. O coletivo surgiu para fomentar o número de mulheres grafiteiras, possibilitando expandir a cena artística de uma metrópole de apenas 90 anos.

A pintura sempre esteve presente em sua vida, antes das aulas de rap e do primeiro contato com o spray, a aproximação se deu com a tinta guache, que logo evoluiu para um estilo mais técnico com afrescos em tecido. Todos esses estilos foram apresentados dentro das salas de aula, ainda na divisa do estado de Goiás, um movimento natural em sua vida que a fez valorizar a educação como a única instância capaz de reescrever o futuro de pessoas que sonham em ser mais do que somente um número no censo demográfico.

“Eu já riscava a parede do meu quarto, meu pai que não deixava. Os traços de artista estavam presentes desde a infância. Quando eu finalmente pude pintar outras paredes, me vi muito feliz”.

A graça na infância era passar o dia inteiro pintando com o seu amigo, um dos momentos mais especiais daquela fase. A pureza presente no início da vida, quando o nível do game ainda está no modo “fácil”, pode até parecer boba em certos momentos, mas ao final do jogo serão essas histórias que passarão repetidamente no rolo da memória. Percebendo a empolgação dos dois meninos, a professora de arte, mais conhecida como Luds, os convidou para passar o dia inteiro no colégio apenas para estimulá-los na doce prática da pintura e suas inúmeras possibilidades. Uma das aulas que a nossa artista mais se identificava eram as de pintura sobre tela, algo que ela escolheu como ganha pão a partir da abertura do seu ateliê. Kaly, antes mesmo de adotar seu apelido como identidade profissional, sempre teve uma facilidade enorme para aprender coisas novas, muito pelo ímpeto de sempre querer aprender, mais e mais.

A facilidade no papel e nas telas infelizmente não se estendeu às latas, grandes demais para a sua mão, a logística presente ali não ajudava. Aliada com a falta de domínio técnico, seus dedos alcançavam o esforço máximo sem ao menos conseguir um resultado satisfatório nas paredes. Com o conhecimento adequado, as mãos, independente do diâmetro, se encaixam perfeitamente ao material de trabalho, infelizmente não havia ninguém que a avisasse. Uma autodidata que aprendeu a grafitar sozinha, entre traços tortos e manchados, latas perdidas e tesão de querer ocupar o seu espaço que a vereda foi vencida.

Para ela não existe dom, tudo na vida é passível de ser aprendido: “É como dirigir um carro, você precisa das aulinhas, no começo você não tem experiência e vai ficar com medo”. A analogia não poderia ser mais adequada, a capacidade do ser humano de se reinventar durante as intempéries é extraordinária, pensar que nós somos capazes de dirigir um automóvel nos coloca em uma posição de confiança e não deveria ser diferente. O cérebro existe para que obstáculos sejam superados, o único

órgão capaz de colocar você contra a parede só o faz para que a razão da sua existência seja de fato efetivada. Os obstáculos na vida da Kaly não param de aparecer, sendo sua principal “arma” de defesa um dos maiores desafios já enfrentados até agora.



*Mural no Hospital Municipal de
Aparecida, por Kaly (2022)
foto: acervo pessoal da artista*

As primeiras letras desengonçadas deram lugar à prática, o ritmo e a técnica, dando a ela a capacidade de dominar o seu artefato de defesa; o spray, os rolinhos, até mesmo as tintas látex, todos em sintonia para formar uma única palavra: KALY. É a sua identidade, o símbolo que representa a luta pela conquista de um território amplamente machista e misógino, são as labaredas do concreto urbano e do preconceito sendo derrotadas simultaneamente em uma luta aparada por uma sequência infinita de rounds, mas que um dia há de acabar.

São as lembranças ainda recentes, das suas tentativas frustradas após a realização do seu primeiro bomb, o primogênito feio que a deixou animada para buscar melhorar ou ao menos replicar o que já foi feito responsáveis por reiterar o aprendizado diário como único meio de alcançar as metas pretendidas. As histórias de Kalliny sem mesmo pensar em adotar o seu apelido, eufórica esquecendo de sacudir as latas e conseqüentemente desperdiçando todas, ainda lhe deixam com um sorriso no rosto, rindo de momentos que um dia já a deixaram estressada.

Dica para marinheiros de primeira viagem

Nada melhor do que aprender com o erro dos outros, os grafiteiros não sacodem o spray por mero capricho ou para replicar um estilo, o movimento que pode sim ser uma das suas marcas registradas existe para que todo o seu investimento não vá para o ralo.

É comum as tintas apresentarem na sua composição resina acrílica, xileno, tolueno, pigmentos orgânicos e inorgânicos, dióxido de titânio, acetona e butano. Todos esses elementos químicos precisam ser misturados para que a ferramenta alcance o seu máximo potencial. Aos que já viram um grafiteiro em ação, é possível observar um barulho na lata enquanto ela é movimentada para cima e para baixo em uma ação rápida e contínua, sendo realizada quase a cada jato de tinta disperso. O tão conhecido barulho só ocorre devido a uma discreta bola presente no interior do produto, sendo ela a responsável por realizar um “mexido” dessas substâncias.

Caso algum iniciante esqueça de realizar esse movimento, que com o tempo se torna instintivo, todas as fórmulas tendem a entrar em ebulição assim que o polegar, indicador ou qualquer outro dedo apertar a guarnição, entupindo instantaneamente o spray. Depois que o erro foi feito, não há como desfazer, mais uma tinta fora desperdiçada.

Kaly é pioneira, uma das primeiras mulheres a tingir as vielas de Goiânia, tornando essa atividade uma profissão séria e respeitada a cada dia. Alguns erros foram cometidos para que outras não o repetissem, aquele que se diz pioneiro é responsável por abrir caminhos e galgar possibilidades, certo título não é sobre evitar o erro, mas saber que ele faz parte da vitória. Sua determinação está em incentivar outras mulheres, seja de forma direta ou indireta, a buscar se expressar em um momento em que suas vozes precisam ecoar com mais intensidade.

Ao falar da sua caminhada até aqui deduz-se que a estrada é velha, mas não se enganem, seus primeiros passos só foram dados há quatro anos, no acender da lâmpada idealizadora, comumente à uma viagem para São Paulo, não tão despretensiosa, mas ainda sem saber o que de fato ela encontraria. A apoteótica cidade paulistana é uma referência comercial para todo o Brasil, e quando se trata de incentivo artístico não poderia ser diferente. Kaly se deparou com uma outra realidade ao chegar na megalópole, um choque pontual para fazer a tal lâmpada acender.

Foi no evento “Graffiti Queens”, oriundo de uma plataforma que leva o mesmo nome fundada pela artista Chermie Ferreira, cujo foco está em divulgar, desenvolver e apoiar diversos trabalhos autorais de mulheres no nicho que ela se atinou. Um pouco deslocada até chegar na Zona Leste da cidade, especificamente ao bairro Itaim Paulista, nossa desbravadora sentiu uma mão macia e tenra sobre seus ombros, como se ela afirmasse: “Aqui é o seu lugar”. O membro era apenas a sua mente, tranquila após ver mais de 100 mulheres de todo o país; negras, trans e indígenas pintando e participando de workshops e palestras em um único recinto.



*Capa da revista “Graffiti Queens” terceira edição (2023)
foto: acervo “Graffiti Queens”*

“Quando eu cheguei lá e vi aquele tanto de mulher vivendo do grafite, da arte e de todas as suas vertentes dentro dela; não só do grafite, mas também de produção cultural, de produtos, customizando tudo que dá para fazer com as mãos, eu falei: Cara, é isso mesmo que eu quero, eu quero viver disso e seguir adiante”. E ela seguiu: o que era só diversão, começou a tomar outro rumo.

Seu compromisso com vosso entrevistador aconteceu em um dos patrimônios mais emblemáticos da cidade, o Beco do Codorna. Vale ressaltar aos turistas que o encontrar talvez não seja uma tarefa das mais simples, absurdo seria se alguma mente criativa deixasse de comparar o local com o guarda-roupa das Crônicas de Nárnia. O portal de C. S Lewis, sendo ele uma linha de acesso ao mundo encantado da ficção, é análogo ao painel que sinaliza a ruela mágica, repleta de criações autorais, um outro universo para os amantes da arte.

A galeria a céu aberto situa-se na Avenida Anhanguera, a principal estrada de Goiânia, responsável por cortar bairros originários da capital, locais das primeiras ocupações e fator primário para a expansão urbana. Foi preciso uma longa caminhada, difícil para os sedentários, para que eu chegasse no paraíso. Para esclarecer, a tão importante via está envolta ao Setor Central, a energia vital dos goianos, cuja chances de encontrar um estacionamento nessa esfera habitacional beira o impossível em dias úteis. Sabendo dos riscos, me joguei, precisando andar quase um quilômetro a pé para chegar ao destino.

Cansado, porém longe de estar atenuado, deparei-me com uma morena baixinha de sorrisos largos e um semblante convidativo, contente por cumprir mais um dia árduo de trabalho da maneira que ela assim planejou. Algo que não precisou ser manifestado, estava implícito no seu rosto, somente aquele trabalhador consciente da sua capacidade, após mais um dia produtivo no emprego, orgulhoso por saber que deu o seu melhor, vai reconhecer tal semblante. Aquele orgulho só tinha um motivo, ensejo por participar de uma intervenção grandiosa no prédio do Goiânia Ouro junto com dois grafiteiros renomados, o mesmo edifício que Selon não conseguiu intervir.



*Fachada do Beco da Codorna.
foto: gynsualinda*

O mural em questão está conurbado ao beco, propiciando uma vista privilegiada para o museu. Kaly passou a semana auxiliando os artistas AIOG e IOWA em um projeto que perdurou por um mês, ascendendo três figuras femininas de raças distintas; indígena, asiática e afrodescendente. O desenho realizado nas laterais do prédio casa perfeitamente com os demais presentes na miscelânea, conduzindo de forma literal, um diálogo entre eles.

O projeto foi batizado de “Arte Pública”, deixando claro o intuito da dupla que criou a empresa “Grafirma”⁴⁵, especializada em promover eventos abertos e de imenso alcance. Para além do diálogo, as três figuras também emanam o valor da equidade de raças, sendo todas distribuídas na mesma proporção, ocupando seus respectivos espaços com primazia. Em um desenho onde não há coadjuvantes, as pessoas também podem observar o protagonismo que as mulheres exercem na civilização.

A obra exemplifica o segredo das mediações artísticas presentes no Brasil com uma linguagem característica e diversificada. Todas não somente representam a singularidade brasileira, mas os aspectos de cada artista, abordando suas ideologias e origens influenciadas pela regionalização. Todos os artistas que por aqui residem, nativos ou migrantes, apresentam diálogos próprios dissertados em espaços e traços únicos. Cada espaço urbano tende a ser único, pois a capacidade de se reinventar, adequando-se ao gênero do seu conquistador é pertencente a ele. Se não especulado e apropriado, cada recinto da cidade serve para se bajular, um epítome sempre na espera de um sedutor, servindo a tudo e a todos; desde moradia, acesso a políticas públicas e coloração civil dos hábeis grafiteiros, levando sonhos aos povos.

⁴⁵ *Grafirma*: A Grafirma Graffiti é uma produtora cultural em Goiânia. Fundada no início dos anos 2000 pelos grafiteiros AIOG e IOWA, a organização prioriza o estímulo de produções artísticas urbanas na cidade. Priorizando a arte vandal, o muralismo e o streetart em geral.



*Mural “Arte Pública”, por Grafirma (2023)
foto: acervo da produtora*

O trabalho acontece em passos de formiguinha advindos da luta dos que compõem a velha guarda do gênero, buscando perpassar a mensagem das letras aos que custaram entender o seu real valor. A Grafirma abraça o embate desde o novo século, levando mais de 20 anos para finalmente colher os bons frutos. Kaly compreende que a sua carreira iniciou em um momento oportuno, onde a benesse é acolhida pelo mercado, desde as iniciativas públicas e privadas; aparecem os trabalhos, mas a segregação ainda resiste.

A diferença na abordagem voltada para as artistas ainda é notória, designando a elas vencer a “pulga atrás da orelha” dos passantes e a violência verbal e muitas vezes física que as submetem. “Uma dama não deve realizar esse tipo de trabalho”; “Cadê a sua feminilidade?”; “Elas não têm experiência”; “Os homens têm visão de mercado. Eles compreendem o que eu quero”. São alguns exemplos de falas que elas precisam escutar todos os dias, engolindo seco e respondendo com mãos de ferro, na tinta, comprovando seu talento. Kalliny dribla as adversidades, assim como as suas referências driblaram lá atrás. A luta secular abriu as portas para a arte vandal⁴⁶, agora profissionais como ela, irão desembaraçar a justiça e despertar as alas da diversidade.

Sua caminhada até aqui a deixa orgulhosa, prestes a completar 6 anos na atividade, viver com o que ama não poderia ser melhor. A fúria presente no propósito é arrebatadora, colocando-a em ocasiões únicas, seja colaborando com seus mentores em mais um trabalho alteroso ou assinando revitalizações. Foi em busca desses momentos que ela deixou de ser empresária, dona de uma loja de açaí em Campinas, para enfrentar o famoso: “Para de pichar vagabundo!!”.

⁴⁶ *Vandal*: Em sua definição literal a palavra indica uma prática abarcada pelo vandalismo. Durante o surgimento do grafite, o significado de vandal tomou outro sentido, passando a indicar tal intervenção urbana como vândala.

“Acontece, é a rua. Quando você está na rua, você está propício a tudo, de ouvir elogios a desagradados. Então você tem que estar pronto para estar na rua. Fácil não é, mas a gente quer mostrar que é possível”, toda autoconsciência internalizada dentro de si transfere um hobby ao seu destino.

Superando as dúvidas, os gastos em alimentos, combustível e nos valores exorbitantes taxados em ferramentas, sendo que para angariar no mínimo seis delas é preciso desembolsar mais de 200 reais; além da violência e do sol escaldante do verão, outono, inverno e primavera, afinal Goiânia é assim, para no fim poder dizer: “É sobre a recompensa de você ver o seu trabalho ali, lindo e perfeito. Estando feliz e satisfeito é o que importa”.



*Bomb “Girl Power”, por Kaly (2022)
foto: acervo pessoal da artista*

O local da entrevista de fato era inspirador, propício ao tema abordado, facilitando o processo de garimpo das informações. O Beco do Codorna é motivo de orgulho para os goianos, um monumento exaltado pelo poder público que muito pouco fez para que ele se tornasse uma realidade concreta. O reconhecimento se deve aos artistas e a Associação dos Grafiteiros de Goiás (AGG), uma classe que transformou a noção de uma zona tomada por lixos e toda degradação aparente em um espaço transformo. Durante o dia um estacionamento, a noite os carros se esvaem para a realização de apresentações culturais, democratizando esses produtos diante a inclusão da comunidade carente. O beco deixou de ser sinônimo para consumo de drogas e prostituição, tornando um patrimônio à sociedade.

Um recinto público de qualidade que emana pertencimento de uma ampla camada de classes. Diante de governos excludentes, uma prática artística efetivamente democrática unifica os povos em um mesmo tom de pertencimento. Ele é a ilustração, um ambiente pertencente ao povo e que de fato é reconhecido dessa maneira.

“As pessoas se sentem pertencentes de usar o lugar, fotografar, para fazer um piquenique, tomar cerveja. O grafite é uma galeria a céu aberto, é para as pessoas usarem mesmo, admirarem e ficarem pensando: Nossa, como aquela pessoa pintou aquilo? Enquanto observa os detalhes e cores. Outras ideias, sabe? Ver a imaginação que os artistas podem transmitir com aquele desenho, para aquela comunidade, assim que eles à tocam”. A sintonia entre entrevistador e fonte estava transposta, a sua fala determina a concepção exata sobre o valor do cenário ao nosso redor.

A senda estimula a educação patrimonial na cidade, revitalizando o centro e a arte através dela. Responsável por instigar os pensadores a analisar o conceito de museu diante de uma outra perspectiva, ao mesmo tempo que a contemporaneidade solicita a dialética com outras vertentes de distribuição artística que não somente centrada nos monumentos clássicos e excludentes. A principal diferença está ancorada na utilidade, algo que um ingresso não pode comprar, o tradicionalismo pode lhe despertar a sensibilidade, que não o serve quando a miscelânea determina uma tiragem limitada ao acesso de pessoas.

Na codorna prevalece o diálogo, muitas vezes direto entre o observador e o autor das intervenções, tornando-se um local de aprendizado efetivo; utilizando a acessibilidade como facilitador. Uma área utilitária por articular uma troca de saberes peculiares a ela, um verdadeiro conluio da educação e arte, quebrando preconceitos e valorizando a periferia.

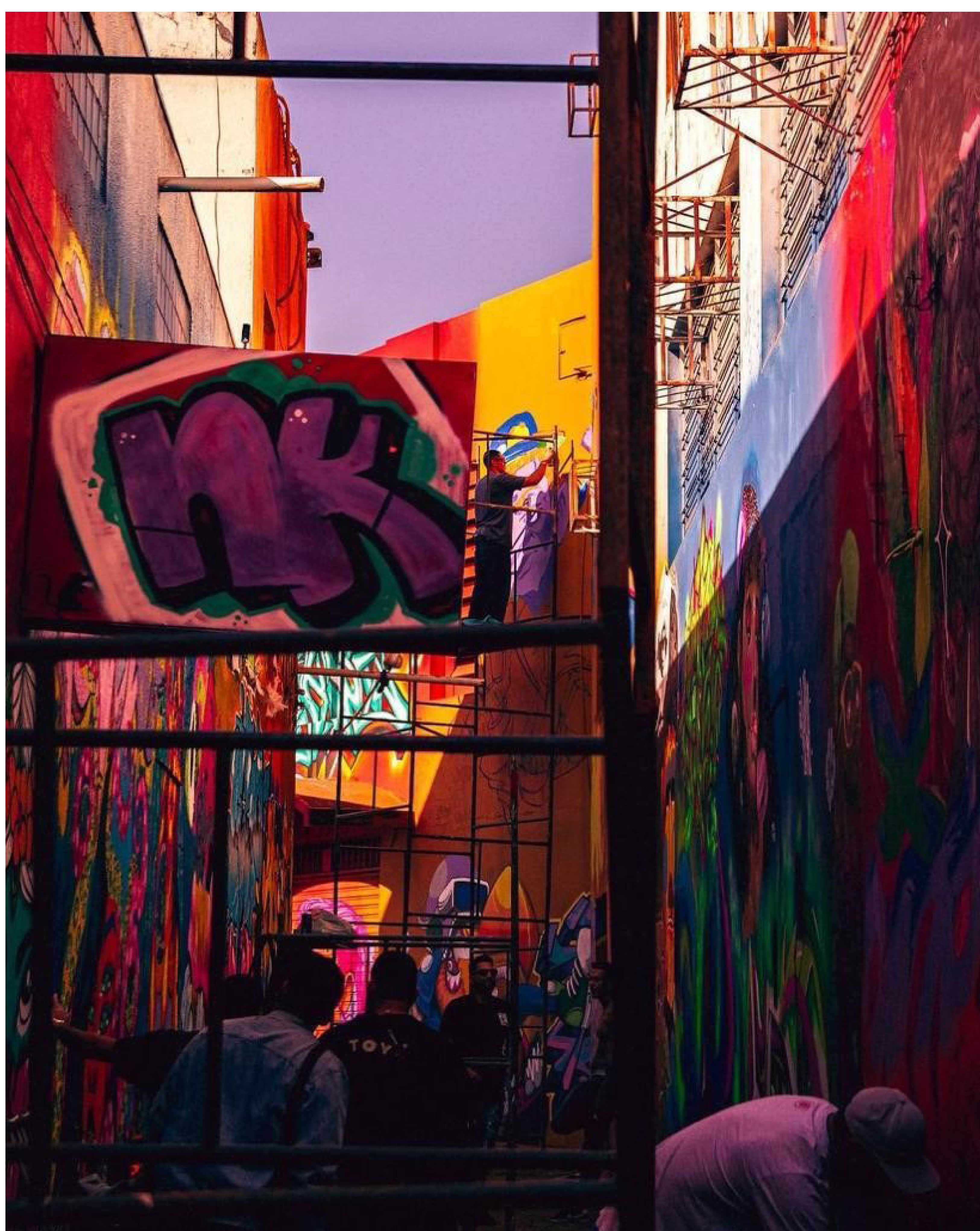


*Mural da codorna, por Clayton Square (2022)
foto:gynsualinda*

A justificativa das afirmações se encontra nos pequenos gestos, como antes da entrevista começar. Kaly já havia treinado para a gravação com um garotinho entusiasmado ao dar de encontro com toda a gama de desenhos, as perguntas eram diretas: “Quem é aquele cara pintado?”; “Porquê aquele personagem está com a língua de fora?”, cada detalhe era questionado. “Eu vejo que as crianças e os adolescentes têm a imaginação mais fértil e se permitem sonhar”. Pequenos fatos como esse a deixam inspirada a buscar unificar seus trabalhos com o ensino didático, sem eles

a artista não estaria ali, conversando com um admirador ainda jovem, mas cheio de fereza.

Um movimento urbano que tomou força em 2015, o beco já era point de intervenções, mas somente com a realização do primeiro Festival Beco que a área foi integralizada ao bairro histórico da capital. A persistente artista de tanto buscar suas fantasias, foi agraciada com um mural para compor a revitalização do patrimônio. Denominado Festival Beco 3, o evento deu continuidade às inúmeras tratativas, efetivadas pelo esforço contínuo de todo o nicho liderados pela Grafirma, responsável por idealizar e elaborar o projeto comumente aprovado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC). “Nós vamos fazer grafite aqui sim, queremos realizar o nosso projeto, já que vocês não querem bancar, nós vamos buscar um patrocínio e fazer alguma coisa para isso virar uma galeria de arte. É um corre interminável”. Se não for por nós, não será por ninguém, a realidade não facilita o processo, oferecendo apenas duas opções antes da linha de chegada: esperar e implorar ou realizar e agradecer.



*Preparação para o “Festival Beco 3” (2022)
foto: Daniel Oliveira*

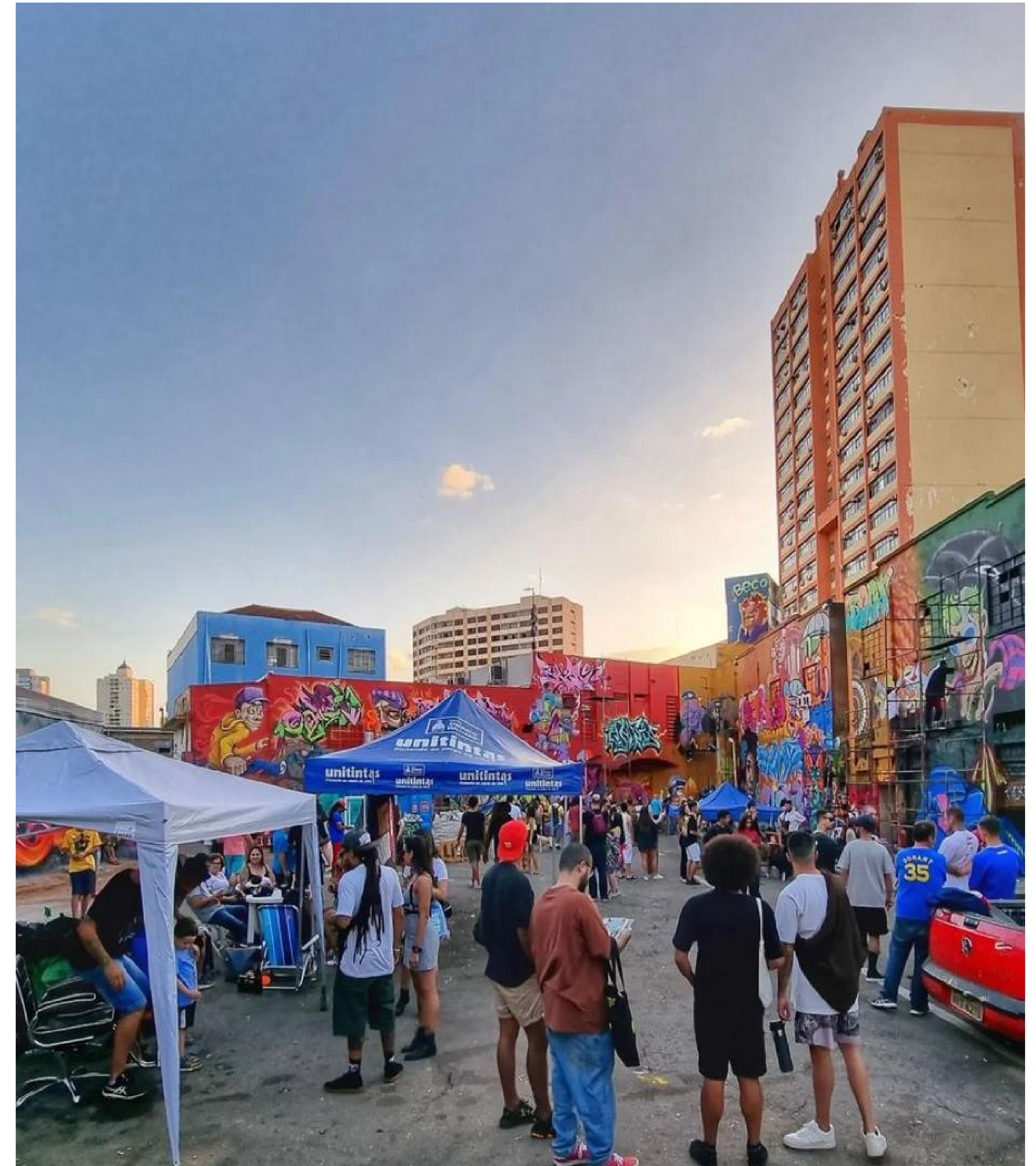
É natural dos artistas não esperar nada de mão beijada, as realizações exercem a função causal quando os viajantes lutam por ela. O patrimônio foi renovado com esmero, um feito para os moradores, afinal é também para eles; grafiteiro bom é aquele que não se preocupa tanto com o EU. Cerca de 90 artistas, muitos representando outros estados, colaboraram no processo, ao final as pessoas puderam comparecer e apreciar todos os bosquejos junto aos executores, conversando e alçando novos conhecimentos a partir dali. A trilha sonora da ocasião ficou por conta da discotecagem e shows de músicos independentes, que se quisessem, também poderiam participar das oficinas gratuitas, todas sem restrições, bastava somente a curiosidade para se envolver.

Precipitado é o pensamento dos que cogitaram a ausência das mulheres, Kaly teve toda a liberdade para convidar amigas que

compusessem o projeto com suas idealizações, convite que acabou se estendendo para uma intervenção na Rua do Lazer, point histórico da cidade voltado para as famosas “vesperais” dos jovens, que agora contam com feitos impreensíveis das talentosas intérpretes. “Eu chamei muitas meninas de Brasília, já que aqui nós não temos muitas opções. Convidei a Deme, do Sul, para pintar, a Loba, de São Paulo; foi um movimento interessante que tirou todo aquele preconceito do “interiorzão presente lá fora. Todas gostaram daqui, da nossa cultura e a vibe da galera”.



*Mural da codorna, de Orum (2022)
foto: Daniel Oliveira*



*Festival Beco 3 (2022)
foto: gynsualinda*

A palavra patrimônio não somente deve caracterizar o Beco da Codorna, ela é aliada a todas as outras virtudes já implementadas até aqui. Apesar de ainda não ser oficialmente declarado como um patrimônio pelos órgãos determinantes, a sua função fala por si. O vocábulo tem em seu significado uma diversidade histórica, passando por adjetivos genéticos, naturais, privados e aristocráticos. Sendo o maior deles adotado através das revoluções político-sociais, principalmente a francesa, que trouxe a noção de Estado Social à tona.

Esse sentido de preservação aos monumentos, visto ao entusiasmo e a manutenção de objetos com símbolos de pertencimento e recordação adota uma função profunda em nosso país. No Brasil, a noção do patrimônio é apropriada pela valorização da identidade nacional, algo que só é efetivamente contemplado e valorizado diante do desenvolvimento das estirpes populares. Ambos coexistem no mesmo plano e são possíveis diante do culto a eles.

A identidade de Goiânia pertence à viela mais famosa do país, sendo ela uma liturgia alternativa aos modos convencionais presentes no Estado, uma ode à profusão coletiva. Seu espaço deve ser reconhecido e preservado para que as memórias de uma arte, fundamental para a reestruturação de qualquer cidade, sejam contempladas.

Logo na entrada do beco, em seu corredor principal, um pouco antes de emergir a epopeia circular da área, é possível entrever o trabalho da artista. Um bomb característico, cujo a letra KALY apresenta-se

tonalizado por um rosa choque, envolto por folhas e flores que ensaiam a apresentação de uma mata, casa da personagem Verde, erguida diante de todas essas informações. Um ser místico, representada pela família dos duendes, ela é especial por ser o primeiro personagem desenvolvido por Kalliny, com suas madeixas brancas, olhos esbugalhados, orelhas pontudas, brincos e uma coroa de flores; além da tonalidade esverdeada indicada pelo seu próprio nome de batismo, um tom claro como água. Verde ainda é tímida, tentando se esconder atrás do vandal de sua criadora que trabalha a favor do seu desabrochar.



*Mural “Verde”, por Kaly (2022)
foto: acervo pessoal da artista*

“A Verde é defensora dos animais, da natureza, da terra. Então é essa a pegada que eu quero, mostrar um pouco do cerrado, de Goiás, de tudo que é mais belo aqui. Cada artista traz a personalidade do seu lugar, seu ambiente e história, colocando tudo no seu trabalho. O objetivo é ir além, e leva-la para outros ambientes, outras cidades”. Um projeto que a enche de orgulho, colocado entre os seus preferidos por todo contexto já manifestado, o fato do seu estudo de personagem vir à tona em um momento tão emblemático para a sua classe, onde a união de todos prevaleceu ao descaso dos que não os enxergam, mas se aproveitam dos seus feitos, simbolizou muitas sensações internalizadas.

Sua arte é essencialmente vandal, um termo muitas vezes utilizado para denegrir a imagem do movimento, caracterizando-o como uma arte proibida ou apenas um exemplo de vandalismo, como a própria entonação da palavra indica. Com o passar dos anos, sua etnografia tomou outro rumo e impôs uma noção contrária a que foi prescrita, indicando uma prática compartilhada do grafite; além de especificações mais práticas, como a realização das ingerências de forma ágil e contínua, evitando diálogos com funcionários públicos que rondam os setores a procura de menestréis.



*Bomb “Kaly” (2022)
foto: acervo pessoal da artista*

Essa prática compartilhada exerce uma função de mídia alternativa aos que não tem voz, uma arte plástica rica que estabelece um entrelaço de informações, exigindo anos de prática para de fato aceita-las. “O grafite é uma arte muito acessível e se conecta com a sociedade. As pessoas vão passar ali no dia a dia e vão observar aquele lugar. Às vezes elas passam todos os dias diante de uma parede cinza e no outro já vêm um pontinho de cor através de um bomb, uma arte realista ou um personagem que o grafiteiro fez”. A diferença na vida das sentinelas que passam pelas calçadas irregulares e de fato se sente tocadas pelas ilustrações é a partilha da mesma sensação dos operários, muitas vezes sem rosto e nome.

Os grafiteiros são operários urbanos, um fato consumado desde o início dessa obra, mas não somente essa característica basta para compreendê-los. Para além de uma mera mão de obra, eles são historiadores, assim como nossos antepassados ao narrar seu modo de vida e organização antropológica diante das pinturas rupestres. O estilo de vida contemporâneo é contado pelo sortimento dos painéis, propensos a serem demarcados diante seus predicados, mas jamais reduzido a eles, pois as técnicas são aprimoradas diante o aperfeiçoamento dos narradores.

Um pouco mais sobre técnica

As características presentes no grafite são definidas por quatro trilhos adeptos ao aprimoramento. Eles se encontram na artimanha das letras estabelecidas diante as rubricas de cada grafiteiro, representados pelo seu nome artístico. Não somente o nome vai definir a similitude do profissional, mas também a cara que ele dá aos aspectos de cada desígnio.

Free style: O estilo livre propicia a eles a capacidade de aprimorar seus processos de criação, muitas das vezes incluindo outras técnicas e volteando suas idiossincrasias. Um rumo que muitos tomam para se livrar das taxas incumbidas de restringir a sua imagem.

3D style: O único tópico capaz de trazer uma imersão e sentido de grandiosidade para os andarilhos. Os grafiteiros que o dominam são alçados como mágicos, suas obras em três dimensões utilizam efeitos de preenchimento de luzes, sombras, contornos e profundidade; materializando nela ideias de ultra dimensionalidade.

Wild style: Muitos consideram um estilo incapaz de ser definido, mas o seu resultado está muito bem aplicado, as equações necessárias para alça-las escorrem mais claras que água e definem muito bem seu perfil. Com letras entrelaçadas e uso de muita cor, várias pessoas têm dificuldade de ler as partituras, que exemplificam a selvageria presente na selva de pedra, a mesma indolência dos grafiteiros para com os moldes padronizados na benesse.

Bomb ou Throw up: O estilo que mais se identifica com o vandal, justamente por ser o mais simples e a porta de entrada para os aventureiros. As pinturas rápidas, com formato arredondado e letras gordas e disformes, são o que fizeram a Kaly se tornar uma potência do grafite feminino; sem ele, a artista jamais teria se apaixonado pelo movimento.

A característica do artista é notável somente diante da sua constância, quanto mais desenhos autorais se perpetuarem por toda a cidade mais fácil é para ele ser visto. A protagonista gosta de deixar claro as suas intenções no bomb, seu nome artístico é o escolhido para carimbar os rebocos em 99% do tempo, sempre colorido com o rosa marcante, em outras ocasiões recorrendo ao roxo e laranja. As cores quentes estão presentes na sua paleta para representá-la, indicando que a arte foi referendada por uma mulher. Uma representação cada vez mais necessária, diante da percepção que somente com as letras ela não conseguiria abordar todo recacho particular. Verde nasce para suprir essa carência, equilibrando as nuances da personalidade de sua mãe, elevando referências do cerrado brasileiro e suas belezas em consonância com o sagrado feminino. “Vou desenvolver uma personagem com todas as características que eu acho que levo”.

Para ela a noção de que a mulher é um ser celestial traz à tona todos os questionamentos acerca da sua existência. A mãe natureza pode estar internamente a posta nos semblantes da personagem, algo muito bem trabalhado em outros projetos, levando funções do útero para promover diálogos sobre maternidade e capacidade de elevar a vida. “Eu acho que ela está muito conectada com a terra, porque a mulher é cuidadora assim como o planeta. A terra tenta cuidar da gente, mas nós somos filhos ingratos”. O misticismo envolto em todo o caráter existencial, coloca em

cima da pequena duende o papel de organizar todos esses pensamentos por detrás da simplicidade característica de uma ilustração, não deixando de lado sua origem no vandal. Verde está nas ruas, ocupando seu espaço e buscando ser vista, objetivos análogos aos da perfilada. “Ah, eu sou uma duende verde, bonitinha, mas eu estou aqui representando. É o yin-yang, o bem e o mal, um espírito livre”.



*Mural “Verde”, por Kaly (2022)
foto: acervo pessoal da artista*

Sua primeira aparição, ainda simplória sem traços bem definidos, se deu em meio a projetos sociais em escolas e favelas de Goiânia e Brasília. Foi no bate-volta contínuo que Kaly foi aperfeiçoando sua técnica e definindo uma função para a sua herdeira preferida, que antes estava mais para um pequeno alienígena de cabelo rosa do que uma vida originária de um mundo encantado.

“Quando eu comecei ela era uma bonequinha tão simples, com os olhos simples; agora ela tem mais traços, luz e sombra. Porque antes eu não sabia onde incluir esses detalhes. Então são pequenas evoluções que eu vou colocando no trabalho que me possibilita ver do que eu gostei. Verificando cada aspecto para que ele valorize cada vez mais”.

Seu momento não pode adentrar em uma verdade absoluta, até porque o mesmo não é definitivo, sua fase de autodescobrimento se encaixa em uma realidade mais palpável, sendo ele um processo incapaz de ser concluído. Os artistas sempre se questionam, as fases da vida de cada um não podem passar ilesas aos recálculos de rota, desde o mais velho ao mais novo. Selon passou por isso, assim como Diogo e Kaly, uma característica comum entre todos e possivelmente a mais óbvia, basta apenas conversar com algum deles para comprovar.



*Mural “Verde”, por Kaly em Novo Gama (2021)
foto: acervo pessoal da artista*

“Eu sempre sei que dá para melhorar alguma coisa, por mais que eu goste eu sei que tem espaço para melhorar”. Todas as tentativas e aprimoramentos despertam no papel, com os rascunhos e a indecisão se a imaginação será realçada. A busca por novas práticas veio de uma reformulação na carreira, quando ela decidiu migrar para o lado comercial, estimando equilibrar o melhor dos dois mundos perpétuos ao grafite. Com isso sua expressão tornou-se mais suave e perspicaz, neutralizando o engessamento inóspito e divergente ao livre arbítrio inventivo.

Saber diferir trabalhos comerciais e sociais não é um problema como alguns acreditam, a capacidade do artista lucrar com suas obras apenas o estimula a querer gastar mais horas e horas com esse ofício gratificante. Às vezes leva um tempo para o artista descobrir a sua valia, mas quando o ocorre a dinâmica se torna mais leve e prazerosa, uma produção acarretada por valores interpessoais que irão tocar outras almas a partir da sua similaridade. “Cada desenho toca as pessoas de uma maneira diferente. Se você tem um desenho que te toca, não vai ser o mesmo que chama a minha atenção. Em algumas ocasiões eu não vou querer parar para ver ele. Talvez porque a leitura no meu olhar é mais rápida, algo que não se aplica a todos”.

Sua valia está voltada para o meio ambiente, alimentada pela necessidade de instruir pensamentos acerca da poluição ambiental e alta incidência do efeito estufa. Sabendo que as altas temperaturas comumente ao dia a dia das comunidades ao longo do país não é ocasional, e sim uma consequência de décadas exauridas por tamanha irresponsabilidade daqueles que habitam a terra, tópicos como reciclagem se tornam fundamentais. Foi com esse espírito que ela realizou uma das suas obras preferidas, localizada no Instituto Federal de Goiás (IFG) o afresco reitera a mensagem da sustentabilidade planetária, desvendando duas mãos que se unem para segurar o globo untado de rosas, pequenas flores e plantas. Ao redor dos protagonistas pode-se identificar alguns lírios, narcisos e mais plantas de diversas formas e tipos, em um gesto claro de enobrecimento da vida natural.



*Mural IFG, por Kaly (2023)
foto: acervo pessoal da artista*

Conforme ela mesma descreve, não é somente cuidar da terra. Sustentabilidade para si é estabelecer relacionamentos saudáveis, equilíbrio emocional, autoconhecimento, lidar com o medo, controlar sentimentos e emoções, contemplar o empreendedorismo feminino e sustentável. O último tópico é o mais importante para entender a sua fase atual, que começou lá atrás em São Paulo, no Graffiti Queens, aquele momento em que ela pôde compreender a possibilidade em um universo onde as mulheres corporificam seus sonhos. O empreendedorismo tomou força nos últimos três anos, quando de fato ela passou a investir no seu estúdio, o “Studio Kaly”, intensificando produções que não se limitam somente à rua. Sabendo sua atração por diversos nichos e escutando sua vontade de experimentar todas as técnicas que ela resolveu expandir seu portfólio. Atualmente ela comercializa produtos personalizados, desde canecas, camisetas, stickers, fotografia e ilustração digital; além de promover a “Oficina Graffit”, oportunizando aulas para pessoas leigas, principalmente aquelas que moram em sua região, cujo futuro ainda é incerto.



*Mural para oficina em Escola Municipal Hilga
Gonçalves Trindade em Jaraguá (2023)
foto: acervo pessoal da artista*



*Pré produção
foto: acervo pessoal da artista*

Sua locação atual está atinada ao Jardim Tiradentes, bairro humilde de Aparecida de Goiânia, onde ela faz questão de performar sua profissão com o objetivo de levar arte e cor para a região. “O meu projeto para os próximos anos é dar uma revitalizada na quebrada, dar umas aulas de grafite para os moradores, puxar os adolescentes que estão na rua, fazendo nada, sabe? Dar um norte: Bora fazer uma arte ali; Vamos aprender uma parada diferente; Vamos gastar o seu tempo e sua ideia com uma coisa legal. Isso pode edificar”. A oficina promovida no estúdio, cujo o recinto é repartido com seu ateliê, já iniciou os trabalhos para legitimar o intuito de incrementar a cultura na vida dos vizinhos.

Um grafiteiro antes de buscar o sucesso em grandes ramificações, deve alçar o feito dentro da sua comunidade. Artista que não desenvolve sua arte na própria periferia, jamais vai adquirir a aprovação dos anais mais emblemáticos. Primeiro deve-se ouvir os aplausos dos suburbanos, para depois sentir toda a condolência das demais espécies. Kaly em pouco tempo já passou a movimentar o bairro, remontando a luz de uma vila povoada por facções. “A melhor coisa é você ir pintar na sua quebrada e as pessoas admirarem. A criançada passar e ver que você foi a menina que pintou a parede. É legal”. Essa sensação ela mesma vivenciou, ao pintar um mural na pracinha próxima a sua casa com uma outra grande amiga e parceira de intervenções, LOOH. O painel repete a estética dos expostos no beco, com duas personas surgindo de bombs autorais, algo já citado por aqui, mas jamais visto por aqueles moradores.



Mural realizado no Jardim Tiradentes em Aparecida, por Kaly e LOOH (2022)

foto: acervo pessoal da artista

Um antônimo a faca de dois gumes se instalou no recinto, Kaly passou a movimentar a economia do local, remodelando os pequenos comércios com sua inventividade. Os dois lados passaram a ganhar, tornando-a um dos principais nomes do arrabalde, um sinal claro de que o caminho está sendo percorrido da melhor maneira, sem deixar pontas soltas ou arrependimentos.

“Eu comecei de uma forma espontânea no grafite e agora eu já estou transformando isso em uma empresa. O Studio Kaly foi criado para trabalhar com arte e desenvolver projetos. Eu vejo que em pouco tempo

eu consegui evoluir, pegar uma boa parcela do mercado, mostrar o meu trabalho para as pessoas e elas me reconhecerem e se identificarem com ele”. O verdadeiro dom está em transformar uma habilidade em algo rentável, sendo esse o momento derradeiro para a sua carreira, o agouro da transição promove um upgrade na personagem que hoje desafia uma outra fase.

Sabendo que tudo foi conquistado com muito estudo e dedicação, o coletivo Lobas do Cerrado não surgiu apenas para espalhar o vandal pelas ruas, mas para ampliar a sua capacidade de lecionar, aplicando uma tarefa singela dentro de um cenário em que muitos praticantes não têm a paciência ou habilidade para tal. Essa vontade de ensinar tudo que ela aprendeu até hoje advém da sua criação, perpassada por gerações e um lema muito claro. “Minha avó falava: Quanto mais a gente ensina, mais a gente aprende, entendeu? Então quando eu estou ali ensinando, eu também estou aprendendo”. É juntar a fome com a vontade de comer, a necessidade de sempre evoluir, com um olhar empático para transferir todo aprendizado para crianças e adolescentes.

Tamanho é o propósito que ela passou todo o furor para a seu grupo. Criado em 2018, o Lobas do Cerrado tomou forma diante os encontros com a sua amiga, professora e grafiteira MOON, que logo ganhou mais três componentes; LE; MIAH e FE 8. O surgimento do grupo veio da inquietude de Kaly e a necessidade de sempre estar socializando e circulando pelo país em busca de novos contatos. Nas idas e vindas para Brasília que ela evoluiu como profissional e alavancou seu percurso, cidade natal de MIAH e FE 8, sendo Fernanda a mais experiente do grupo, representando a primeira geração de grafiteiras da cidade.

As meninas começaram a se movimentar através do desenvolvimento de uma conta no Instagram só para divulgar as atividades do coletivo, onde elas postavam regularmente dicas de grafite para iniciantes, desde como desenvolver uma boa letra do alfabeto, possibilitando que o público começasse a desenhar no papel, tomando nota sobre cada aspecto do saber. Em seguida elas passaram a realizar encontros no Bosque dos Buritis, dividindo grupos de estudo e compartilhando suas ferramentas de trabalho para que a alcateia de lobos e lobas aprendessem todo o traquejo da modalidade, retirando as ideias do papel.

Seus encontros ainda não ocorrem regularmente, as atividades que no início eram apenas um hobby, não deixaram de ser para muitas delas. LE é tatuadora e atualmente reside em São Paulo, MOON não abandonou a docência, enquanto FE e MIAH seguem com seus projetos independentes. Uma ferramenta de descontração que se transforma em apetrecho de sapiência quando elas se unem, trazendo mais pessoas para a cena e instigando outros olhos curiosos. As primeiras atividades do grupo serviram como um treinamento para que o “Laboratório de Grafite” fosse oficializado, sendo ele mais um desígnio educativo na vida de Kaly.

“Nós queremos produzir o evento e dar trabalho para outras pessoas, além de ensinar as crianças que vão estar ali participando das oficinas. Porque através do projeto nós vamos ter condições de comprar material, lanche, lápis e caneta para elas aprenderem na prática. As oficinas são práticas. A criança quer pegar no spray, aquilo ali é tão novo que elas ficam vidradas. Não dá para você ficar em uma sala por muito tempo com as crianças”.

Nossa valente personagem que cresceu escutando as lendas sobre o boto cor de rosa, as tribos xavantes, espécies pré-históricas e até seres interplanetários, tem a sua própria história representada em cada pingo de tinta, denotando o motivo do seu sorriso diário, advento pelas pequenas alegrias de ser alguém como ela é. Uma pessoa que diante de todas as lendas e mitos, visualiza no ambiente escolar a única realidade concreta, capaz de trazer o jovem para um ambiente seguro, longe de toda a vulnerabilidade presente nas mazelas urbanas. Toda andança,

passando pelas aulas de hip hop, pintura e tantos outros projetos sociais promovidos por sua escola a levaram até aqui. A certeza de que a educação é o caminho veio após um reencontro com Bboy Wesley, por pura ironia do destino, em um evento de rap em Goiânia. “Faziam anos que a gente não se via, na hora que ele me encontrou, logo falou: Kalliny, você está aqui fazendo grafite! Na hora eu pensei: Nossa, meu trabalho valeu a pena”. A felicidade não cabia dentro dela, lembrar que o trabalho de um dos seus mentores rendeu frutos não tem preço, após aquele momento ele também tinha a consciência da primazia de tudo que foi feito.

Sua intenção é aumentar a família que a acolheu: “A arte urbana não é só para um. Eu sou assim: se eu tenho um trabalho grande e posso contratar duas pessoas para me ajudar, pô eu já estou dando um emprego para duas pessoas. Nem que seja uma diária, é um ajudando o outro mesmo”. O individualismo em um espaço ainda refém do preconceito não pode ser uma condição. Enquanto a maré não está para todos os peixes, que eles permaneçam unidos e fortalecendo uns aos outros. Sua amostragem até aqui não equivale nem a 10% do que ela ainda vai construir. Nova no ramo, já idealizou diversas peripécias que talvez um grafiteiro com quinze anos de história não o fizera.

Kaly talvez não concorde, mas ela já é uma referência para as mulheres que desejam prosseguir o mesmo rumo, uma vontade pessoal capaz de potencializar o que já foi feito. Boa notícia é saber que ela nunca está satisfeita, sua vontade ainda trará um retorno apoteótico, não só para o seu gênero, mas para toda a classe, perpetuando o nome da cidade ao redor do mundo.



*Mural realizado pelo coletivo no Colégio Estadual Jardim América em Goiânia (2020)
foto: coletivo Lobas do Cerrado*

Capítulo 4

Traços de um manifesto cultural

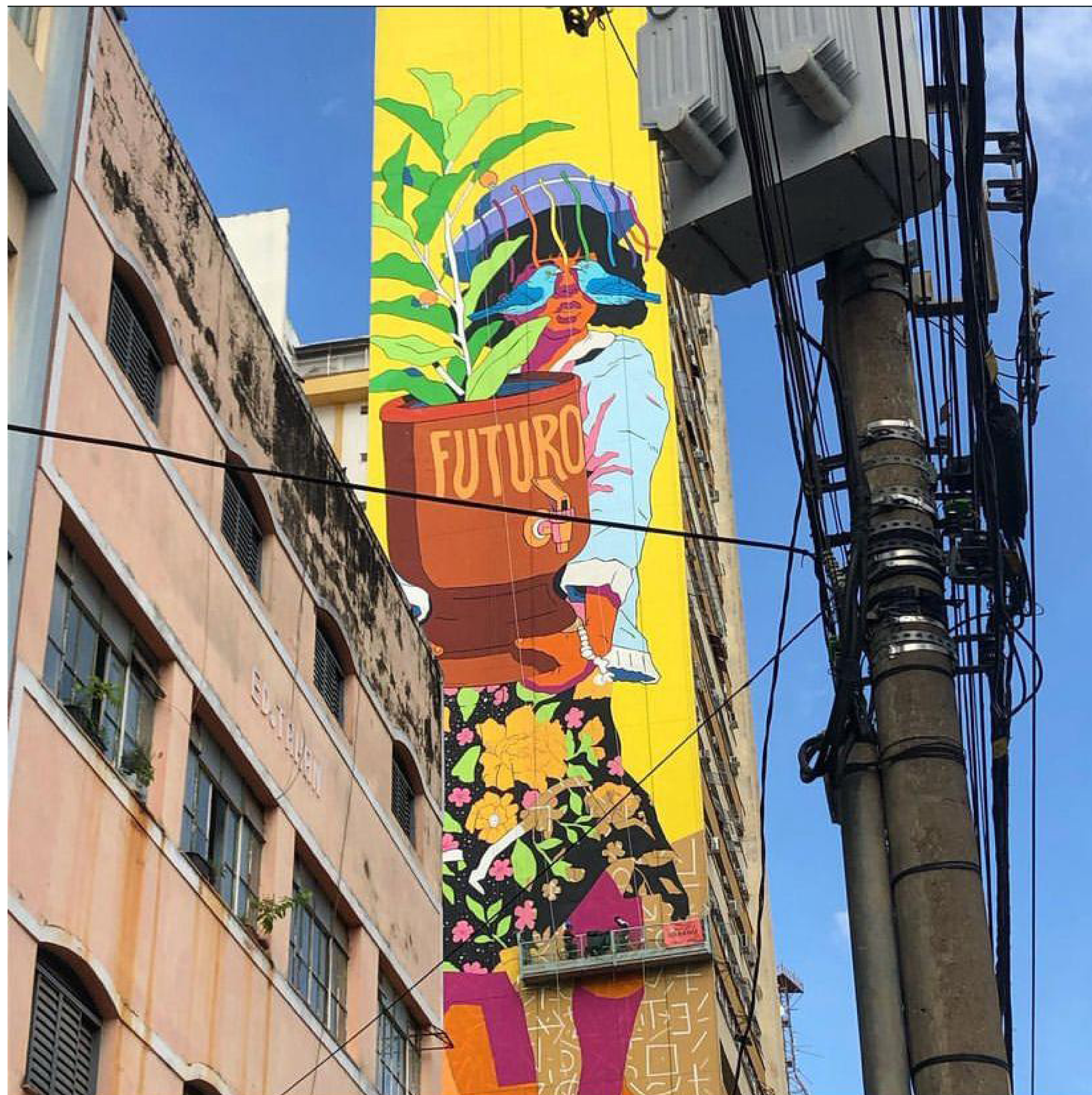
Qual é o verdadeiro valor da arte urbana? Muitos podem circular em argumentos bem estruturados e que flertam com a profundidade, mas a resposta final geralmente será a mesma: embelezar o ambiente. Muito mais do que somente colorir os espaços, a arte urbana é uma ferramenta de manifesto e contestação de uma área pública e de direito da comunidade.

É através das obras que os autores se expressam e divulgam sua identidade pessoal, e que muitas das vezes abarcam o interesse público. Um desenho timbrado em concreto é carregado de discursos interpessoais, ele emana conceitos característicos de uma cidade, facilmente familiarizados por aqueles que a habitam, modificando a estrutura da metrópole ao ressignificar um local e elevar a sua representatividade.

Como já foi dissertada a significância do Beco da Codorna para Goiânia, talvez ainda não tenha ficado claro o fundamento que o centro histórico da capital representa aos cidadãos goianos. É comum você, leitor, passar por inúmeras manifestações artísticas a caminho de um compromisso no dia-dia árduo e cruel presente na rotina de uma vida urbana, e não tomar conhecimento da sua existência. Certas manifestações, nem sempre discretas, são invisibilizadas pelo alto teor de poluição visual encontrado em grandes cidades, muitas das vezes ocasionadas pelas faixas e outdoors publicitários em demasia.

Essa realidade torna-se quase impossível em um passeio pelo Setor Central, a anedota se encontra especificamente nas ruas 3 e 20, as vias foram responsáveis por amplificar as engrenagens do bairro através da presença de obras apoteóticas presentes em edifícios da região.

A começar pelo Edifício Alencastro Veiga, o condomínio residencial chama atenção pela sua largura horizontal e pela estatura considerável, sendo ele o mais alto da Rua 3 e um dos principais prédios do bairro. As características presentes na estrutura parecem ser suficientes para chamar atenção, porém elas obtiveram a companhia de um desenho extenso em uma das suas fachadas, responsável por amplificar a visibilidade da edificação. A obra apresenta uma jovem sertaneja que carrega em suas mãos um filtro de barro cuja sua estrutura superior foi retirada para que a raiz de uma planta, que já expõem seu corpo formoso, fosse instaurada. Para agregar o trabalho foram implementados dois pássaros azuis sobre os olhos da garota, trajada por roupas remetentes de uma cultura regional, além do mais importante ponto do conjunto, a palavra “futuro” escrita no filtro.



Mural “Andança”, por Wes Gama (2020)
foto: Larissa Pitman

Outra residência próxima a Rua 3 também foi contemplada com uma intervenção. Batizado de Edifício Esplanada, a estância localizada na Rua 20, próxima a Avenida Anhanguera, ganhou no ano passado a figura de uma mulher cabocla em peregrinação, acompanhada por uma criança que utiliza um chapéu com a escrita “terra”; as duas personagens ainda levam consigo apenas uma sacola de alimentos. A apresentação gera uma barca de informações e detalhes que justapõe a narrativa construída no desenho, enredo gerado de forma intencional para alimentar uma filosofia de vida do artista.



Mural “Peregrino da Alvorecer”, por Wes Gama (2022)
foto: Lobo Guará Filmes

Sim, o artista, as duas obras que representam um importante circuito de arte urbana na cidade foram contempladas por um único nome; aliás, nome e sobrenome, estou falando de Wes Gama. Antes de aprofundar nas peculiaridades do artista e suas obras, é essencial finalizar o papel do centro para a propagação da prática artística e o retorno obtido pelo local através desse estímulo ao movimento.

Desde a idealização de Goiânia até o lançamento da sua pedra fundamental em 1933, Pedro Ludovico Teixeira⁴⁷ tinha em mente desenvolver em um único espaço todas as características modernas que a cidade traria para o interior do Brasil. Movido pelo plano de desenvolvimento urbano e contemporâneo da cidade, o arquiteto Attilio Corrêa Lima executou o primeiro bairro goianiense, facilmente identificado pelo modelo arquitetônico em Art Decó⁴⁸.

Um point turístico devido aos patrimônios que marcam o estilo vanguardista europeu, onde as câmeras fotográficas se dirigiam aos prédios públicos do local, passando pelo Teatro Goiânia⁴⁹, a Estação Ferroviária⁵⁰ e a Torre do Relógio⁵¹. O Setor Central foi o percussor da cidade, sede da Praça Cívica, adotada para ser a casa dos principais órgãos do poder municipal; um bairro conveniente para morar e curioso para visitar.

Aquele Setor Central marcado pelas atividades de recreação em centros poliesportivos, incorporados pelo antigo Jôquei Clube⁵², assim como os momentos de lazer e cultura ofertados pelo Teatro Goiânia e o Cine Santa Maria⁵³ foram deixados de lado a partir do avanço das fronteiras da capital e o crescimento da população. Um município com pouco mais de 50 mil habitantes, deu lugar para uma metrópole com mais de 1 milhão de cabeças; essa mudança pôde ser acompanhada de perto por moradores do centro, em sua maioria idosos, que o viram se transformar em um dos principais polos industriais da cidade. O fator turismo agora fica por conta da grande galeria em céu aberto, um exponencial que congloba a máquina econômica do burgo.

47 Pedro Ludovico Teixeira (1891-1979) foi governador e interventor do Estado de Goiás. Sendo o responsável por idealizar a construção da cidade de Goiânia e ser um dos líderes da Marha para Oeste, um projeto desenvolvido durante a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, cujo objetivo era desenvolver o interior do Brasil.

48 Art Decó é um estilo artístico que surgiu na Europa nos anos 1920. Responsável por influenciar o cinema, moda, design de interiores, esculturas e pinturas. Tendo maior visibilidade em projetos arquitetônicos.

49 O Teatro Goiânia é o mais tradicional espaço cultural de Goiânia. Fundado em 12 de junho de 1942, ele integra o conjunto arquitetônico art decó projetado pelo arquiteto Jorge Félix. Fonte: Prefeitura de Goiânia

50 A antiga Estação Ferroviária de Goiânia foi inaugurada em 1950 e funcionou até a década de 80, recebendo trens de carga e passageiros da Estrada de Ferro Goyaz. O edifício foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2003.

51 A Torre do Relógio foi inaugurada em 05 de julho de 1942, durante o batismo cultural de Goiânia. O monumento é um dos marcos da construção inicial da cidade e mais um dos exemplos da art decó presentes no município.

52 O Jôquei Clube de Goiás, já conhecido como Automóvel Clube de Goiás, foi inaugurado em 1935, sendo um dos primeiros grandes clubes da cidade. Sua última localização ficava entre a Rua 3 e a Avenida Anhanguera. O espaço movimentou o centro da cidade até o início dos anos 90

53 O cinema Santa Maria foi inaugurado em 1939, na Rua 24, no centro de Goiânia. Após a sua abertura em 1942, ele era um dos três cinemas em atividade na cidade. Durante muitos anos o empreendimento dava destaque a exibição de filmes comerciais, sendo um dos points culturais mais requisitados pelos goianienses. O cinema segue em atividade até os dias atuais, transmitindo apenas filmes de conteúdo adulto.

Uma galeria coabita vários setores, a palavra jamais pode ser utilizada para definir um recinto com apenas uma “sala”, é preciso mais do que isso. Em um território com aproximados 729,296 km² de acordo com dados do IBGE⁵⁴, é quase impossível contabilizar quantas obras seriam necessárias para preencher cada metro, certo é que não seria em um único logradouro. Para esclarecer as palavras do narrador, o Beco da Codorna não seria suficiente para colocar Goiânia no mapa da arte urbana, a alcunha de galeria só é possível diante do espaçamento contínuo de intervenções ao longo de toda a cidade. Nesse contexto, o Beco seria somente uma sala, mais uma divisão das grandiosas exposições.

Os circuitos artísticos colaboram para o crescimento do cenário goiano, incorporando uma alta gama de obras que materializam toda a riqueza cultural congruente a construção da civilização presente no estado.

Uma perfeita união entre Wes e o Palácio da Indústria possibilitou ilustrar essa dialética entre arte e economia, arte e geração de emprego. Edifício José Aquino Porto, popularmente conhecido como Palácio da Indústria, foi batizado em homenagem ao pioneiro da industrialização goiana e ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)⁵⁵. O prédio também é um dos mais famosos do setor e centralizou os principais eventos econômicos, sociais e políticos de Goiás até o início dos anos 2000.

O mural “Sapiência” pode ser admirado por alguns metros de distância, localizado na Avenida Tocantins. Diretamente do Palácio, a arte concluída em 2022 entrega a fisionomia de um médico ambientado em um futuro não tão distante, onde ele usufrui de óculos VR⁵⁶ para estudar possíveis novas intervenções laboratoriais, desde aconselhamento genético⁵⁷ até a produção de novos fármacos. As plantas que o cercam fazem alusão ao papel fundamental da natureza para a evolução humana, assim como o capacete utilizado pelo personagem determina uma função de construtor ao mesmo, abordando a ideia de que cada nova descoberta precisa ser trabalhada com responsabilidade. Um mestre de obras não trabalha somente nas construções civis, cada profissão exige a presença de um líder, o tal mestre presente no âmbito das pesquisas também lidera uma equipe, cada parâmetro analisado necessita de cautela, atenção e segurança, seja utilizando um capacete ou não.

54 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é um órgão público responsável por prover dados e informações sobre o país, atendendo aos governos federais, estaduais e municipais.

55 A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) é uma entidade que representa as indústrias do estado de Goiás. O sistema é composto pelo SESI, SENAI E IEL

56 Os óculos VR é um aparelho que apresenta uma tecnologia de realidade aumentada, possibilitando uma maior imersão em conteúdo de diversas vertentes ao usuário

57 O aconselhamento genético é um processo de verificação da probabilidade de alguma doença genética acontecer em indivíduos da mesma família.



Mural 'Sapiência', por Wes Gama (2021)
Foto: Lobo Guará Filmes

A metáfora presente no acessório imposto na cabeça do personagem indica a possibilidade de um futuro próspero mediante a visão de mundo ampliada, e a inclusão de todas as diversidades dentro dele. Cada palavra escrita no último parágrafo apenas disserta uma única visão sobre o desenho, a do narrador. Os afrescos podem ter inúmeras traduções e significados, o seu conceito é imposto através da visão dos observadores, todos os artistas que tiveram suas histórias contadas até o presente momento explicitam essa particularidade dos murais como uma das mais importantes. Agora me diga: à sua maneira, o que todas essas obras significaram para você que chegou até aqui?

Para Wes os seus painéis passam uma mensagem clara, a ideia é compartilhar o seu conhecimento de mundo com as outras pessoas. Por mais que algumas não compreendam os trabalhos da forma que ele gostaria, e não há problema nenhum nisso, a liberdade de tratar sobre temas abandonados e sempre abordados diante de narrativas distorcidas, não tem preço para o perfilado.

Sapiência trata uma narrativa contemplativa que instiga reflexões, o alto teor de cores é magnético para os olhos, mas é preciso ver além do que se resume apenas ao estético. O narrador nesse momento conseguiu dialogar com a obra, não de forma total, mas alguns pontos da descrição acerca do mural acordam com a palavra do artista. De fato, para ter um futuro próspero é preciso incluir o povo dentro das metas, mas o conceito não para por aí. A palavra do artista explana que o futuro próspero vislumbrado pela adição da tecnologia só será útil para a espécie se for realizada com sustentabilidade e que todos possam usufruir de todas as inovações de caráter público. “Essa obra é uma representação social para o futuro, pois pensar em um país próspero, tecnológico e sustentável é antes de tudo estar incluso nele”.

O conceito do trabalho é baseado em uma mistura entre tecnologia e ancestralidade, definido por ele como “caipira futurista”. Seu foco está em fazer com que muitas pessoas se sintam representadas pela gravura, estimulando-as a enxergar em seus detalhes todas as questões mais profundas e necessárias que devem ser discutidas e exigidas como direito

para a sociedade. O projeto contou com o apoio da Fieg e o Serviço Social da Indústria (Sesi)⁵⁸.

O valor das intervenções se encontra no destaque de outra palavra, manifesto, uma forma de declarar ao mundo sua ode, significado mais profundo que os traços ou qualquer fonte visual presente na arte. Passar por um local e ter a capacidade de observar os murais presentes no recinto indica uma qualidade que poucos detém. Notar uma deferência espacial, como um bomb, significa dar valor ao movimento, uma demonstração simples capaz de justificar toda a dificuldade enfrentada pelo grafiteiro.

As intempéries naturais, o olhar torto de uma parcela da população, os obstáculos legislativos impostos pelo governo e o abuso de poder dos policiais; passar por um grafite e notá-lo caracteriza um gesto valoroso. Porque diante de tantos opositores, superá-los é uma atitude heroica, simbolizada pelas obras presente nas ruelas. Não é uma regra, mas praticamente todos os muralistas iniciam no grafite, o enredo deste livro comprova tal afirmação; a proximidade com a arte às vezes começa a partir do próprio picho⁵⁹.

Wessilei Gama Barroso, já apresentado como Wes Gama, seguiu o mesmo caminho e iniciou sua carreira em 2000, compondo a boa velha guarda da cena grafiteira de Goiânia. Na época não era nem mesmo uma carreira, ele gostava apenas de se divertir e enfeitar as cidadelas com a pichação e o bomb. Atualmente com 36 anos, o artista comemora o 24º ciclo de atividade podendo vislumbrar as conquistas de um garoto caboclo simples de Uruaçu, cidade do interior de Goiás, que provou o seu dom diante de voos rasantes. Uma história iniciada pelo contato direto com suas origens, circunscritas por antepassados e doutrinadas pela cultura indígena e nativa presente no estado. O perfilado saiu de um reconhecimento regional para se tornar uma referência nacional, realizando exposições no Rio de Janeiro, em Natal e no Ceará. Em 2019 ele estreou seu passaporte com a exposição coletiva “A história do fogo”, realizada nas Ilhas Canárias, em território espanhol.

Sua estética é constituída por cores saturadas e linhas marcantes em um tom psicodélico característico do Pop Art. O artista frequentemente mistura ideias advindas de inspirações regionais, características dos povos simples e a acepção sobre a cultura local, unificando o ser humano e a natureza.

58 O Serviço Social da Indústria (SESI) é um órgão componente da Fieg. Criado em 1946, o sistema atende indústrias e trabalhadores em gestão da Segurança e Saúde no Trabalho (SST), e na promoção da saúde e educação dos trabalhadores, dependentes e comunidade. Fonte: Portal da indústria

59 A pichação ou picho é um ato de escrever ou rabiscar letras e nomes em muros e outras superfícies presentes no espaço urbano. A atividade é simples e não exige o uso de técnicas para o desenvolvimento de formas, como linhas e contornos presentes no grafite

O início

Falar sobre o Wes sem mencionar a sua parceira e confidente seria impossível, a trilha estruturada por ele antes de Larissa Pitman era modesta, sendo ela um dos motivos do recalcule de rota feito pelo artista, que foi esculpindo toda técnica referendada ao lado da amada. São 8 anos de um relacionamento intenso e profundo, quando dois corpos se encontram não se trata de destino, é apenas o resultado das ações de ambos, unidos por um propósito e por metas de vida similares.

Ao conhecê-la, os desenhos engendrados por ele ainda não possuíam contornos e muito menos um senso de profundidade, dimensão e relevo bem definidos. A essência simplória dos caipiras sempre esteve presente nas suas ilustrações, mas ainda faltava cor, brilho para detectar o prazer em ser goiano doravante ao venéreo das “goianidades⁶⁰”.

Larissa é formada em Geografia e especializada na área de Gestão Ambiental, procurando sempre se aprofundar em campos de interesse. Na universidade, o seu ímpeto a colocou à frente da organização de eventos, possibilitando alguma experiência dentro de todo o processo burocrático exigido para a realização de manifestações públicas e privadas, passando pelos processos de inscrição em editais e elaboração de projetos. Durante a graduação ela já apresentava indícios de que o encargo de gestora criativa seria a sua menina dos olhos, mesmo sequer ter flertado com um pincel ou uma tinta.

A busca incessante por métodos e planejamentos que reduzam a poluição ambiental e seus respectivos impactos, assim como a necessidade de desbravar e compreender melhor os povos originários presentes na região Centro-Oeste a levou até o Wes. A natureza esmiúça cada aspecto de nossas vidas, a energia molecular presente nos corpos humanos se une quase como uma atração tele cinética instantânea, dessa maneira o artista apresentou toda a liberdade presente em seu mundo para Larissa, sendo ela capaz de retribuir com um brilho essencialmente magnético aos seus projetos. “Eu comecei a trabalhar, pesquisar e entender todo o universo da arte urbana. Porque antes de conhecer o Wes, o meu olhar era neutro em relação a ela, como se todas aquelas artes não existissem”.

Talvez tenha sido por uma indução de uma família que estava se formando, ou pela peregrinação; não há certeza ao se tratar da evolução significativa das obras do artífice. Certo é que existe uma fonte de influência, e em qualquer possibilidade existe a presença intrínseca de sua esposa. Sim, esposa, um casal com certidão de casamento assinada em cartório há 7 anos atrás, um período curto se considerada toda a história de uma dupla que encontrou na arte o seu alicerce.

Ambos se estabeleceram em Alto Paraíso de Goiás, cidade que se assemelha à Barra do Garças, ao menos em aspectos extraordinários e mágicos. Quando se visita a cidade, cujo turismo se mantém como a principal fonte de renda do município, é comum se aventurar em meio as atividades holísticas e a fidelidade dos nativos voltada para a observação de óvnis. A cidade é cerceada pela Chapada dos Veadeiros, um parque nacional localizado à noroeste do estado, famoso por seus desfiladeiros,

60 Goianidade remete a identidade cultural do goiano, construída através das histórias do passado e as descobertas do presente. Consistindo em uma mistura de noções e conhecimentos do espaço rural e urbano.

formações de cristais e as exuberantes cachoeiras. Muitos turistas optam por se hospedar no local devido à ampla gama de pousadas, restaurantes e comércios; além da centralidade da região, propiciando fácil acesso às quedas d'água.

Diante de todas as belezas naturais e a diversidade cultural, coexiste as desigualdades sociais, escondidas durante os períodos de visitação. Os flashes da m dia estão voltados para Alto Paraíso durante a passagem dos excursionistas, declamando toda a riqueza já conhecida. Mas e quando ocorre a baixa no turismo, o que podemos encontrar na cidade durante as estiagens?

“Alto Paraíso   um lugar de extrema desigualdade social, mas por outro lado   bem contraditório. Porque   um lugar muito rico em cultura popular, lá tem popula es quilombolas, remanescentes indígenas e toda uma condi o de prote o do meio ambiente, com o parque nacional. Mas ainda sim tem o lado da pobreza e violência”, Larissa descreve a cidade como uma ex-moradora, uma pessoa que viveu a região como ninguém.

Apaixonada pela Geografia Cultural, ela resolveu mapear o espaço geográfico da paragem e estudar a constitui o do povo Kalunga, a maior comunidade quilombola em extensão territorial do Brasil. A medida que seus estudos se aprofundavam nas características do povoado, Wes passava por um momento de transi o estilística, situa o perfeita para colocar em prática a sintonia do casal logo nos primeiros anos de união.

Guiado pelos estudos da sua companheira, que o aconselhou direta e indiretamente a desabrochar uma ideia que ele carrega consigo desde a sua forma o humana, o artista optou por representar os povos nativos da região, abordando questões políticas e os valores do território.

Os Kalungas

De acordo com estimativas da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq)⁶¹, existem mais de 82 comunidades quilombolas em Goiás, entre certificadas e não certificadas. Grande parte dessas comunidades estão vinculadas ao viés político de disputa territorial, pelos quais lutam para defender o direito ao pertencimento e domínio das suas terras.



Ilustração de Wes Gama
Foto: Observatório do Código Florestal

A definição de população local se aplica aos povos quilombolas Kalunga, sendo um dos primeiros a habitar a região norte e nordeste do estado, cujo seu conhecimento ajuda a compreender a dimensão cultural do Cerrado brasileiro e conservar seu conhecimento primário acerca do bioma e os desdobramentos ocupacionais no Centro-Oeste. Esses nativos que atualmente ocupam a área são descendentes de ex-escravos alforriados, marcados por reivindicar o direito à apropriação do espaço diante da identidade construída ali por seus ancestrais.

Através da lei 11.409 promulgada em janeiro de 1991, foi instituído o Sítio Histórico Kalunga em Goiás, responsável por legitimar e reconhecer a formação territorial de uma comunidade que desenvolve seu concerto sobre o ambiente. A relação do povoado com a propriedade da terra é marcada por um laço sanguíneo, nascer e crescer em território Kalunga significa ser Kalunga, a razão da sua existência encontra-se nesses espaços. As obras de Wes corroboram essa ligação e mantêm viva a existência dos quilombolas, efetivos para a preservação da natureza e o bioma dos sítios.

Interessada em trabalhar diretamente com a ocupação e o direito

61 A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), tem como finalidade lutar pela garantia do uso coletivo do território através da implantação de projetos de desenvolvimento sustentável. Além da administração de políticas públicas, levando em consideração a organização das comunidades de quilombo ao caracterizar uma educação de qualidade e coerente com o modo de viver nos quilombos. A defesa do protagonismo das mulheres quilombolas e a permanência do jovem no quilombo, assim como o uso comum do território, dos recursos naturais e a harmonia com o meio ambiente também é uma prioridade. Fonte: Conaq

da cidade, Larissa abre o seu CNPJ⁶², uma empresa dedicada a direção e curadoria de arte. Os primeiros trabalhos realizados em nome do empreendimento do casal ocorreram em Alto Paraíso, onde as artes realizadas eram expostas em algumas das veredas do concelho. Um ambiente que se apegou para os planos que a dupla pretendia seguir.

Naquele momento os dois ganharam mais uma companhia, Canindé, a primeira filha do casal. Uma menina doce, livre de amarras e predisposições impostas pelo sistema político. Criada próxima dos animais e das plantas, educada pela coragem, persistência e predisposição dos seus pais. Com a formação da família, foi preciso que os perfilados sonhassem mais alto para atingir um novo parâmetro na vereda.

Em 2018, ambos realizaram uma exposição de murais em outra cidade histórica de Goiás, Pirenópolis⁶³. O ciclo possibilitou que o artista ensaiasse algumas ilustrações que seriam expostas futuramente no centro da capital, todas direcionadas e organizadas pela sua esposa.



Mural Pirenópolis, por Wes Gama (2018)
foto: acervo pessoal do artista

Com a empresa concebida e alguns portfólios em mãos, a família de aventureiros regressa para Goiânia em 2019 com um projeto audacioso na mente.

62 O Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), é o número designado pela Receita Federal para a abertura de empresas

63 Pirenópolis é um município do estado de Goiás, fundado em 1727 durante a exploração de novas jazidas de ouro. Uma comunidade formada pela mineração atingiu o ápice econômico na segunda metade do século XVIII com a crise do ouro. O crescimento da sua economia foi retomado em 1800 com o desenvolvimento da agricultura, pecuária e comércio. Atualmente a base da economia na região é o turismo, tendo como atrações principais suas formosas cachoeiras e a impactante arquitetura colonial das suas edificações.

Manifesto Urbano

Observar um painel triunfante no meio da cidade e se deixar sucumbir por cada linha ali apresentada é mais do que somente achar certa apresentação, bela. A beleza sempre será relativa aos olhos, tornar uma obra marcante é fazer com que a sua mensagem chegue para o maior número de pessoas. Nunca é demais reiterar a presença do livre arbítrio na aceção do desenho, a possibilidade de ele imprimir diversas narrativas é o que caracteriza o ser imagético. Porém, o que torna a expressão magnífica é justamente a sua ideia original, o manifesto do artista.

O capitalismo como um sistema econômico mundial, impõem certos padrões de vida muito antes da era contemporânea. As ações sociais indicam movimentos nocivos para o desenvolvimento humanitário, guiados pelo patriarcado, uma relação de poder sociológica estabelecida entre homem e mulher. Certo movimento guia a maioria dos enredos presentes na comunidade, um dos principais fatores de desigualdade de gênero, racial e principalmente econômica. O manifesto urbano nada mais é do que um direito de expor uma visão individual ou coletiva sobre aspectos inerentes a formação de grupos populares, subvertendo uma noção de realidade diante de performances ao ar livre.

O manifesto de Wes por meio da arte não deixa dúvidas;

“O problema da sociedade global é que as pessoas não compreendem que somos parte da terra, que somos um organismo vivo. A relação com a água, a terra, as plantas, a qualidade do ar, esse é o ponto principal. O que vemos é uma sociedade que enxerga essa extensão do nosso corpo, como recurso a ser explorado. A gente vê aí a mineração, o agronegócio e o desmatamento, as usinas e garimpos, as invasões nos territórios, os rios secando, o ar poluído, e o pior, as pessoas vivendo para alimentar um sistema baseado em lucros e desigualdades. Em minhas obras busco representar os povos e culturas que têm uma relação de equilíbrio com todo esse organismo Terra que somos, e são esses povos que resistem e ainda lutam para um modelo de sociedade sustentável e socialmente justo⁶⁴”.

Essa mentalidade originou o mural “Andança” da Rua 3, uma mensagem de esperança global para todos que se preocupam com o futuro do planeta. A promessa por dias melhores encontra-se na mobilização em torno da sustentabilidade do meio ambiente, como uma reação ao agronegócio e o neoliberalismo⁶⁵. A discussão sobre o impacto desses sistemas no planeta também é promovida através da ilustração.

64 Entrevista realizada para o Observatório do Código Florestal

65 Neoliberalismo é um modelo socioeconômico que retoma os ideais do liberalismo clássico, priorizando a mínima intervenção do Estado na economia. Tal ação evita que ações governamentais regulem o mercado



*Mural “Andança”, por Wes Gama (2020)
foto: Célio de Lima*

A palavra “futuro” ganha destaque fundamental na figura de uma menina simples do interior, objetivando mostrar que para refletir sobre ele é preciso olhar para as raízes de um passado não tão distante. A necessidade de mudar é urgente dada razão de um tempo que nunca espera, para conservar a maior riqueza da vida humana é necessário agir o quanto antes, aprendendo com os ensinamentos dos nossos antepassados.

A intervenção na empena do edifício se tornou a maior do Centro-Oeste, com seus 66 metros de altura e 780 m². Uma atividade gerida e agenciada pela Larissa, advinda de todo esforço intelectual, organizacional e financeiro, levando pouco mais de um ano para ser concretizado. “Quando nós o idealizamos ainda não havia recurso, era algo que não existia no estado de Goiás. Estávamos em um contexto onde era muito difícil conseguir apoio, seja incentivo privado ou público. Eu levei muito tempo para conseguir emplacar essa ideia”.

Levantado do próprio bolso, o projeto foi um sucesso, chamando a atenção do público antes mesmo do ornamento tomar forma. O grafiteiro e tatuador, Matheus Alves, amigo do casal e colaborador no ateliê do artista, os auxiliou no projeto; desenvolvendo várias pichações ao longo da estrutura sem que a primeira mão de tinta passasse por lá.

A manifestação contou com mais uma obra de Wes, “Iara Cabocla”, um mural inspirado na sua mãe e que homenageia todas as mulheres goianas, camponesas e trabalhadoras. A dupla “Bicicleta sem freio⁶⁶” também contribuiu com o evento ao realizar o painel “Geraldinho⁶⁷”, em homenagem ao maior contador de histórias e humorista de Goiás. O intento deu início ao circuito de arte urbana na região, concluído por um, momentâneo, último feito do perfilado chamado “Peregrina do Alvorecer”.

66 Bicicleta sem freio é um duo goiano formado pelos amigos Douglas Castro e Renato Pereira. Fundado em 2005, os dois amigos abordam em suas obras elementos do pop art para caracterizar figuras e desformar conceitos fisiológicos e palpáveis a realidade através do psicodelismo

67 Geraldo Policiano Nogueira (1913-1993), o Geraldinho, foi um caipira típico e um avido participante das manifestações culturais sertanejas. Com uma habilidade ímpar em contar histórias humorísticas sobre a essência regional através da sua linguagem interiorana, se tornou um sucesso nos teatros, rádios e programas de televisão, como o Frutos da Terra, sua primeira aparição em 1984



*Pichação para o mural “Andança”, por Wes Gama e Matheus Alves (2020)
foto: Célio de Lima*



*Mural “Iara Cabocla”, por Wes Gama (2020)
foto: acervo pessoal do artista*

O ardil presente no Edifício Esplanada foi inspirado pelo livro “O piar da Juriti Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado”, escrita por Altair Sales⁶⁸, Pedro Ignácio Schmitz⁶⁹, Antônio Teixeira Neto⁷⁰ e Horieste Gomes⁷¹. O livro publicado pela editora da PUC Goiás em 2014, aborda através de diversos levantamentos históricos a construção das capitanias goianas através da invasão de terras indígenas por meio dos bandeirantes, exploradores portugueses, promulgada pelo desmatamento de recursos naturais através das minerações e da agropecuária.

Todo abuso recorrente sofrido pelo Cerrado acabou levando-o até o momento atual, um bioma com alto nível de desmatamento. Atualmente a região potencializou seus problemas sociais e biológicos, aumentando a pobreza humana e dos solos, escassez hídrica, a violência em trincheiras ocasionada por invasões de grileiros em terras indevidas, e a espação contínua das queimadas, desequilibrando sua fauna e flora.

Contemplado pelo edital de Artes Visuais da Lei Aldir Blanc⁷², o desígnio focou no capítulo três da obra, “Juriti Pepena pia pela segunda vez – No futuro haverá alvorecer?”, estabelecendo uma reflexão sobre as bases ideológicas promulgadas no território e o pesadelo enfrentado pelos índios do cerrado que tentam sobreviver diante tamanha incerteza do que viria a seguir. Uma narrativa que demonstra a falta de valor que as almas indígenas tiveram em meio a tanta violência.

68 Altair Sales Barbosa é graduado em Antropologia pela Universidade Católica de Chile (1970). Doutor em Arqueologia Pré-Histórica pela Smithsonian Institution – National Museum of Natural History de Washington DC (1991). Professor universitário titular, fundador do Memorial do Cerrado e do Instituto Tópico Subúmido, seu nome é reconhecido internacionalmente por ser um dos maiores conhecedores do cerrado e outros sistemas biogeográficos brasileiros. Fonte: Escavador

69 Pedro Ignácio Schmitz é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Cristo Rei (1954), em Geografia e História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1958), e em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Filosofia e Teologia de Cristo Rei (1963). Pesquisador CNPq desde 1969, Pedro é um pesquisador renomado na área da arqueologia. Fonte: Escavador

70 Antônio Teixeira Neto compôs a primeira geração de geógrafos da Universidade Federal de Goiás. Juntamente com Altair Sales e Horieste Gomes, fundou o Memorial do Cerrado. Antônio possui graduação em História pela Universidade Católica de Goiás (1966) e em Engenharia de Agrimensura pela Escola Superior de Agrimensura de Minas Gerais (1974). Fonte: Escavador

71 Horieste Gomes possui graduação em Geografia pela Universidade Católica de Goiás (1963) e em História pela Universidade Católica de Goiás (1960). Horieste tem um longo portfólio de pesquisas ambientais, culturais e dos povos, sendo notória a sua parceria com Altair Sales. Fonte: Escavador

72 A Lei Aldir Blanc, também conhecida como Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural ou Lei Aldir Blanc de apoio à cultura. Ficou denominada por Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020, elaborada pelo Congresso Nacional. A lei estabelece uma série de medidas emergenciais para o setor cultural e criativo, que foi fortemente impactado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19)



SECULT
Secretaria de Estado
de Cultura



É BOM
VIVER
AQUI
PORQUE
AQUI
A GENTE
FAZ

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

***Mural “Peregrina do Alvorecer”, por Wes Gama (2022)
foto: Lobo Guará Filmes***

Valenta

Um verbo que indica valentia, braveza e coragem. Aquela que não tem medo de enfrentar os desafios que a aguardam. Adjetivo perfeito para definir Larissa, uma mulher que se joga de cabeça em seus sonhos, disposta a driblar qualquer adversário com devida ousadia. Para ela, realizar algo só se torna de fato uma realização quando é advindo com qualidade e eficiência, o mal feito para ela não é uma possibilidade.

A palavra foi adotada como nome da sua empresa. Para construir uma identidade visual que a caracterizasse perfeitamente, foi escolhido como logo o retrato de uma onça – pintada, símbolo da fauna brasileira. As onças enquanto fêmeas só toleram a presença dos machos durante o acasalamento, exímias caçadoras e solitárias por essência, elas criam seus filhotes sozinhas durante 24 meses, amamentando-os e ensinando a caçar.



*Logo "Valenta", por Wes Gama
foto: acervo da valenta*

Larissa conseguiu resumir a própria essência com poucas informações, ao colocar grande parte da sua vida dentro da empresa, ela se dispõe a encarar de corpo e alma as adversidades em torno de um bem maior. Suas metas ambiciosas buscam agregar valor a cena de arte goiana, edificando os artistas e os espaços da cidade.

“Às vezes o artista sabe fazer a arte, mas não sabe vender. Além do artista produzir, pintar e ter toda a inspiração, ele também vai ter que vender. Existem muitos grafiteiros bons trabalhando em CLT⁷³ de segunda à sábado, mas que poderiam estar ganhando bem vivendo somente da sua arte. O trabalho da Larissa deixa o artista mais confortável, ela sabe o potencial de cada um e os conecta com o empreendedor, ela faz o casamento entre eles. É muito bom, é o que vai influenciar o artista a ter um portfólio, a saber se apresentar. Tudo isso são técnicas de venda”, afirmou Kaly sobre a “bagunça organizada” que a perfilada vem promovendo dentro da cena nos últimos anos.

Kaly e Valenta já fecharam parceria em projetos comerciais, uma relação que fortaleceu a marca e o estúdio da artista, contribuindo para a sua ascensão no meio. O trabalho que Larissa vem desenvolvendo,

73 A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é uma lei do Brasil referente ao direito do trabalho e ao direito processual do trabalho

juntamente com o apoio de Wes, potencializa a capacidade dos velhos e novos grafiteiros de Goiânia e região, ao realizar networking⁷⁴ com empresas, fechar trabalhos ou até fomentar projetos que o tirem da zona de conforto.

“Eu fiz um projeto em 2021 e convidei a artista Cássia Jurupιά, até então ela não havia feito murais em grande escala, somente pintado um único mural pequeno na rua, pouco tempo antes desse projeto. Quando eu vi que ela tinha condições de reproduzir um trabalho na parede, antes ela só havia feito telas, eu a convidei para essa intervenção. Eu também chamei a Tchella, que na época já estava a dois anos pintando. Além das meninas, o Wes e o Diogo Rustoff também estiveram presentes”.

Trata-se da intervenção no muro da Saneago no Setor Serrinha, já destrinchado pela ótica do artista Diogo Rustoff. O projeto de revitalização do muro foi realizado em parceria com uma incorporadora local, estando presente no circuito de arte urbana ao levar cor e vida para outros bairros de Goiânia. Além da ilustração de Diogo, “Artista operário”, outras três dividiram a atenção do público.

Tchella realizou o mural “Riquezas”, inspirado na música de Maria Bethânia⁷⁵ “Pirata e Dentro do Rio tem Mar”, possuindo forte ligação com as águas e sua simbologia.



*Mural “Riquezas”, por Tchella (2021)
foto: Lobo Guarά Filmes*

Cássia Jurupιά abordou a obra “Mulheres”, narrando a diversidade ao recuperar a sua relação de ancestralidade com as mulheres da família, representando no projeto suas avós: indígenas, caboclas e camponesas.

Wes por sua vez realizou a “Colheita da banana”, onde ele questiona o tempo e os esforços que são necessários para o cultivo e a colheita desses alimentos.

74 Networking é uma rede de relacionamentos dentro de um ambiente corporativo

75 Maria Bethânia é uma cantora, compositora e poetisa brasileira



*Mural "Mulheres", por Cássia Jurupia (2021)
foto: Lobo Guará Filmes*



*Mural "A colheita da banana", por Wes Gama (2021)
foto: Lobo Guará Filmes*

“Antes de selecionar um artista para fazer algum trabalho, eu penso o porquê de selecioná-los. Qual é o público alvo? Como eu vou atingi-los? Quais artistas vão de fato contribuir com o projeto? Eu não concordo com curadorias que impõe o estilo do trabalho para o artista. Eu acredito que nós contatamos um nome pela visão e o conceito que ele está retratando. Eu procuro proporcionar ao artista todas as condições para ele executar uma ideia autoral de forma livre, sem que seja imposto obstáculos no projeto. É uma relação entre a narrativa do artista e a sociedade”.

Ao significar a palavra, curadoria, alguns poderão imaginar o óbvio e defini-la como um conjunto de ações que perpassam desde a seleção, coleta, registro, análise e organização para difundir uma obra ou conhecimento. No sentido literal, referente definição não está equivocada, mas após conhecer Larissa, o conceito dessa profissão tomou um outro rumo em minha mente. Um ato de cuidado e cura, no dicionário tal ação também está presente, propiciando uma outra cara para o substantivo.

“Dentro da Valenta eu não trabalho apenas com pintura de murais, eu proponho para a minha curadoria realizar diversas intervenções para que os artistas possam trabalhar novas formas de superfície, como foi nos prédios. Tem outros projetos que eu proponho uma relação com o direito visual, a promoção de uma cidade mais democrática voltada para a mobilidade urbana. Eu penso mais nesse sentido, de intervenção na cidade do que propriamente voltada para um conceito estético”.

O cuidado está presente nos mínimos detalhes, uma ação de zelo que vai além das pinturas e do autor, o segredo encontra-se na atenção exímia destinada a cidade e seus moradores. O valor estético nunca teve importância para ela, as narrativas por detrás dos desenhos é o que torna qualquer manifestação incrível e digna de ser legitimada e exposta.

“Eu acredito que faz mais sentido quando o artista tem um discurso, uma coerência, do que propriamente uma técnica. Ao propor um projeto de interferência urbana, a ideia é que ela cause um sentimento de pertencimento e instigue uma reflexão na sociedade. Para isso eu busco escolher artistas que estão minimamente comprometidos ou buscando em suas rotinas de trabalho um pensamento mais crítico”.

Wes e Larissa formam um casal autodidata no meio, desenvolvendo a arte como uma forma literal de expressão, angariando recursos para que Goiânia cresça mais e mais no âmbito artístico e urbano do país. Casamento que fez do centro da cidade a sua morada, dois seres amáveis e espiritualmente enérgicos, ao conhecê-los difícil será esquecer ou não se apaixonar.

Dois personagens que unificam todos os outros, uma parceria ainda recente, mas que já movimentam as labaredas de Goiânia, trazendo foco externo para a cidade diante de ações capazes de deixar qualquer goiano orgulhoso. Responsáveis por levantar atos contestatórios contra um estado conservador ao reivindicar direitos de uma população que sofre diariamente. É possível chamá-los de guardiões, seres especiais incapazes de se calar perante tamanha injustiça no mundo.

Acerto

Saio desta obra com uma imagem diferente sobre arte, algo que apresenta valores muito mais profundos do que se imaginava. Ao final de contas, essa narrativa não é sobre mim, é sobre vocês. Cada perfilado, cada obra retratada veio ao mundo por intermédio de mãos que um dia foram apenas de um transeunte qualquer. Para que a arte urbana se consolide e vença o preconceito ainda presente, é preciso que cada observador compreenda o real significado dessas intervenções; motivando-se, quem sabe, a agir e adentrar ao universo artístico de alguma forma.

Desejo àqueles que não se conformam com o extermínio premeditado da espécie humana em face de ações exploratórias circulares e repetitivas; coragem para agir e obstinação para mudar uma realidade que já falhou com a vida antes mesmo de se tornar real.